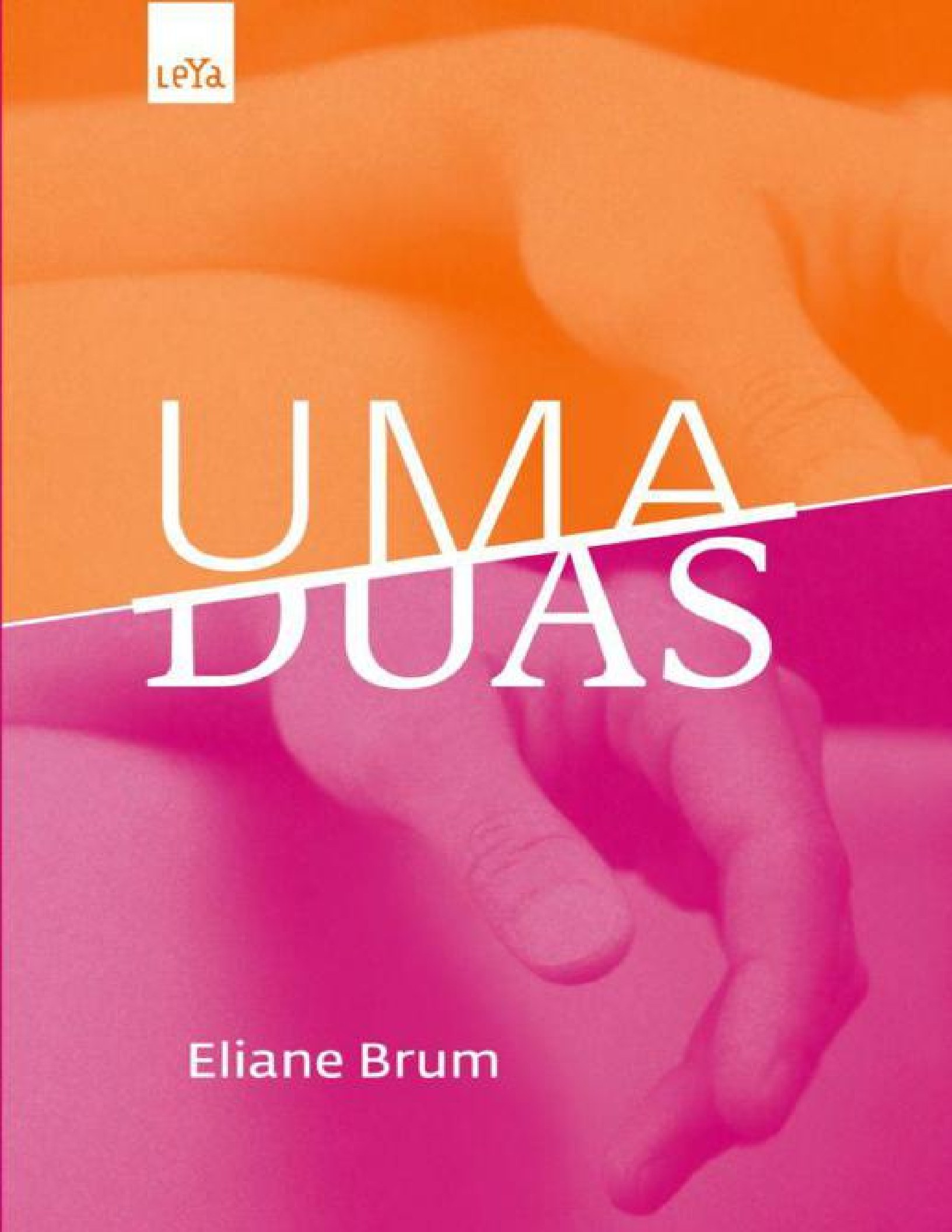
LeYa

UMA DUAS



Eliane Brum

Ficha Técnica

Copyright © 2011, Eliane Brum

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Tainã Bispo
Produção editorial: Fernanda Ohosaku
Preparação de textos: Taís Gasparetti
Revisão de textos: Débora Tamayose Lopes
Capa, projeto gráfico e diagramação Luciana Facchini

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil

B893
Brum, Eliane, 1966
Uma duas / Eliane Brum
São Paulo: Leya, 2011

ISBN 9789892320137

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.
10-0114 CDD B869.3

2011
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175
01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

para João

01

A risada do braço. O sangue saindo pela boca do braço. Quantas vezes eu já me cortei?

E a voz da mãe no lado avesso da porta. Laura. Rasgo mais uma boca. Meu sangue garoa junto com a voz no piso do quarto. Laura. Minha mãe sempre foi assim. Ela sempre sabe o que estou fazendo.

Começo a escrever este livro enquanto minha mãe tenta arrombar a porta com suas unhas de velha. Porque é realidade demais para a realidade. Eu preciso de uma chance. Eu quero uma chance. Ela também.

Quando digito a primeira palavra o sangue ainda mancha os dentes da boca do meu braço. Das bocas todas do meu braço. Depois da primeira palavra não me corto mais. Eu agora sou ficção. Como ficção eu posso existir.

Esta é a história. E foi assim que se passou. Pelo menos para mim.

Acho um lixo essas suas metáforas! O chefe berra com ela, ultrajado pela metáfora pousada na folha de papel. Ela olha para ele com os olhos escancarados da mágoa. Percebe que ele tem uma cauda azul. Azul e fosforescente. E não é uma metáfora. É uma cauda mesmo, reptiliana. Viscosa e escorregadia. Pronto, três adjetivos enfileirados para a falta de substantivo do chefe. No mesmo segundo em que o asco trava sua garganta ela escuta a sirene. Insistente. Descobriram que o chefe é um lagarto azul. Sente prazer em forma de vômito doce. A sirene soa cada vez mais forte. Acorda.

Na mesa de cabeceira herdada da avó que não conheceu, o telefone toca. Que horas seriam? Há luz entrando pelos furos da persiana do quarto. O relógio marca 8h43 da manhã. Atende. A voz feminina do outro lado. Quem fala? Detesta quando ligam exigindo que ela se identifique. É o cúmulo. Com quem você quer falar?, devolve. A voz bufa. Ou a respiração da voz. É a filha da Maria Lúcia? Não é por essa credencial que ela costuma se apresentar. Mas é ela. Você precisa vir até o apartamento da sua mãe agora. Quem é essa louca que a acorda dando ordens pelo telefone? Desculpa, você pode repetir? Sua mãe não está bem, não conseguimos abrir a porta. Quem está falando? É Alzira, do centro espírita. Você está no apartamento da minha mãe? Eu vim até aqui porque faz muito tempo que a Maria Lúcia não aparece, e ficamos preocupados, mas não consigo entrar. Sua mãe não abre a porta. Não consegue. O síndico chamou os bombeiros, mas se você tiver a chave é mais rápido. E achamos que, de qualquer modo, você deveria estar aqui. É a única filha dela. Seu cérebro ainda insiste em guardar a imagem azul do chefe lagarto, mas a realidade a sacode com uma insanidade maior. Ela pode entender um chefe com cauda, mas não aquele telefonema. Estou indo, diz. E deixa o telefone escorregar. Ele fica lá, pendurado como um homem enforcado. Uma mulher. Ela

gostaria de enforcar a Alzira-do-centro-espírita, que a perturba com sua realidade inescapável. Não poderia ser o contrário? O chefe lagarto ser real e sua mãe trancada no apartamento um pesadelo do qual sempre poderia acordar com a luz entrando pelos buracos da persiana? Droga de vida, droga de mãe, droga de mulher-do-centro-espírita. Droga de gente que se mete na vida dos outros. O que esta Alzira está fazendo, afinal, na porta da sua mãe? E como descobriu seu telefone? Cadê a droga da maldita chave do apartamento da mãe? Ela guardou aquela chave por tanto tempo sem nunca ter precisado dela porque sempre toca a campainha para entrar no apartamento da mãe. Não quer nenhuma surpresa quando entra no apartamento da mãe. Ainda se lembra da mãe lhe entregando a chave para uma emergência ou para o caso de precisar passar uns dias por lá. E ela dizendo que não quer aquela chave, que não quer nenhuma chave que a leve para dentro da mãe. E no final enfiando a chave no bolso com displicência sem ligar para a mágoa que a mãe inventa e depois a jogando num canto fundo, onde? Derrama o conteúdo da gaveta da mesa de cabeceira em cima da cama. Camisinhas, vencidas provavelmente, um batom vermelho, bem vermelho, mas quebrado, então é ali que se esconde aquele brinco de prata que pensava ter perdido, o ingresso de uma peça de teatro que a arrebatara, um homem sobre o parapeito da ponte, uma mulher, um sonho de valsa amolecido, lixo lixo lixo. E nada da chave. Quer avisar a Alzira-enxerida-do-centro-espírita que não tem nenhuma chave, que se vire com a porta que a mãe não quer ou não pode abrir, que ela tem compromisso logo mais, que ela precisa trabalhar e cuidar da própria vida em vez de se preocupar com as loucuras daquela mãe que insiste em permanecer quando ela não mais a quer, aquela mãe que finge não ser tarde demais para elas. Mas a maldita-Alzira-enxerida-do-centro-espírita não deixou nenhum telefone, e ela tinha recusado o serviço de bina da operadora porque acha um desaforo quererem lhe cobrar por algo que deveria ser gratuito.

Não toma banho. Veste a roupa com cheiro de cigarro da noite anterior e passa o batom cor de boca sem escovar os dentes. Pega um táxi na esquina e dá o endereço da mãe. Agora que o chefe de cauda azul é só a lembrança de uma outra vida, ela sente um aperto no intestino, que é raiva da mãe e é apreensão pela mãe. Aquela mãe que insiste em seguir existindo como uma realidade para ela. Mais viva ainda porque odeia e ama aquela mãe com a mesma intensidade, embora só tente odiar. O que a mãe está aprontando agora? Que história é essa de não abrir a porta? Se estiver se fazendo de vítima ela não passará para vê-la nem no Natal. Quer machucar a mãe com suas unhas até vê-la sangrar, quer quebrar uma unha no osso da mãe. E logo o remorso, o maldito remorso que sempre vem como uma gastura no estômago. Sua gastrite tem nome e sobrenome e um dia se chamou útero.

O motorista se esqueceu de ligar o taxímetro. O velho truque. Ela lhe atira uma nota de vinte reais e não espera o troco. É perto, afinal, a casa da mãe. Perto demais, longe demais. Assusta-se. O que é aquele carnaval ali na frente? A gravação de um programa sensacionalista de TV? Bombeiros, polícia militar, uma ambulância. Cadê o helicóptero? Se a mãe não estiver morta ela vai matá-la por expô-la assim, ela que se esgueira pelos cantos de seu pequeno mundo, do pequeno mundo organizado que conseguiu construir apesar da mãe. O porteiro antigo já a espera no portão, aflito. Estão todos lá, vão derrubar a porta. Sobe os seis andares pela escada, corre. O coração desafina de exaustão, pelo esforço e pelos sentimentos que não quer. Precisa voltar para a academia se quiser continuar a subir escadas depois dos 40. Uma multidão no hall que a mãe divide com uma vizinha. O que está acontecendo, ela pergunta. Todos olham para ela. Eu sou a filha. E não gosta de sua confissão nem do olhar de testemunha de acusação. O que eles sabem dela, afinal, enganados por aquela velhinha suave como arsênico?

Há quanto tempo você não a vê?

Que pergunta é aquela? Acho que falei com minha mãe há três ou quatro semanas por telefone, talvez mais. Acha? Não dão mais atenção a ela depois de um olhar de mútuo entendimento. Ela odeia olhares de mútuo entendimento. Agora ela é a filha ingrata, já a julgaram e a condenaram e enfim a ignoram. Maria Lúcia, a que deve ser a agora acusadora-Alzira-enxerida-do-centro-espírita grita com a boca quase grudada na porta. Ela escuta quase como um silêncio o arfar do outro lado. E a voz que não pode ser a da mãe, que não reconhece como a da mãe, mas que é. Laura, é você? Maldita mãe, a expondo daquele jeito, a revelando para o maldito mundo que não sabe tudo o que aquela mãe lhe causou. E o barulho da porta cedendo pela força dos bíceps e tríceps do bombeiro jovem que nunca pensará em comê-la porque tem nojo dela porque é uma filha da mãe ao não querer saber notícias da mãe por um tempo que nem tem certeza quanto é. Como ele pode saber que ela não é filha da mãe em nenhum sentido, que ela não quer ser filha e aquela mãe não quer ser mãe e afinal o que lhe importa o que o bombeiro clichê pensa? Por que será que todo bombeiro é um clichê de bombeiro? Eles já são clichês antes de virarem bombeiros ou viram clichês para se tornarem bombeiros? O barulho agora é uma explosão, e ela sente seus ossos colarem na parede descascada de cinza, o mofo enfiando-se pelas suas narinas e abraçando seus pulmões com garras das quais ela entende que não pode escapar.

A porta aberta. Demora a compreender a porta aberta. Onde a mãe está? Ela não enxerga. Um toque quase imperceptível na canela direita. A mãe. A carne enrodilhada no chão é a mãe. Quando o reconhecimento alcança seu cérebro como uma daquelas balas que se espatifam por dentro em milhões de estilhaços, ela grita. E por um instante está no fundo da piscina berrando no silêncio enquanto a água lhe enche os pulmões e a leva para um lugar sem sofrimento. E a mãe puxando-a pelos cabelos à superfície porque nunca a deixará partir. A dor agora ardendo nos pulmões e misturando o sal das lágrimas com o cloro que lhe escorre pelos olhos. E ela está de novo ali, na

superfície, respirando em espasmos no mais completo silêncio porque as palavras foram sempre tão deficientes para a sua dor que nem sequer se dá ao trabalho de buscá-las. Desta vez, porém, é sua a voz que grita diante da carne enrodilhada aos seus pés. Finalmente o grito preso ali se solta. E ela sente que nunca mais o grito cessará, que aquele grito é para sempre, é um grito para toda a vida e para além da vida. Porque agora ela alcança a inteireza do horror. E gritos são coisas que não viram palavras, palavras que não podem ser ditas. Não há como escapar da carne da mãe. O útero é para sempre.

03

Não é assim que eu sonhava escrever. Os livros sempre foram a janela por onde eu escapava desta mãe que agora, enquanto escrevo com o sangue pingando, me espreita atrás da porta. Desde criança, quando abro um livro não estou mais aqui. Não é uma metáfora para mim. Talvez o chefe com cauda de lagarto tenha razão. Eu não sei fazer metáforas porque não compreendo metáforas. Para mim tudo é literal. Como meus braços bordados pelas cicatrizes de todas as tentativas de me separar do corpo de minha mãe. Para mim nunca houve um cordão umbilical que pudesse ser cortado. Só a dor de estar confundida com o corpo da mãe, de ser carne da mãe. Este ritual que agora pinga de mim como um fracasso. Mais um. Eu corto corto corto e ainda não sei que existo. Continuo sem corpo. E ela lá fora, com medo que eu vá embora, fingindo desconhecer que não posso partir. Nunca pude. Porque arrasto comigo o corpo dela, que me engolfa e engole.

Mas divago.

Sempre tive medo de escrever. Da hora de tornar meu sangue símbolo do sangue. Tinha medo por causa da dor desconhecida que talvez viesse, que eu quase podia tocar como certeza. Ainda que eu sangre com sangue, este ritual eu conheço. Ele faz de mim o pouco que tenho de mim. É uma constituição. Me constituo eu pelos cortes em mim. As palavras, não. O que elas farão de mim?

Me matarão, as palavras? A dúvida que me envolve como um cobertor de medo enquanto minha mãe me vigia atrás da porta é se há vida depois das palavras. Ou há vida sem sangue. Esta é toda a minha aposta agora. Escrevo na esperança de que as palavras me libertem do sangue. Do corpo da mãe. Mas e se não existir eu além dessa mistura de carnes de mãe e de filha? Me sinto deslizar para o buraco negro do corpo dela, onde sou cega e minha faca esgrima no ar.

Ouço sua respiração difícil atrás da porta. Sei que ela quer que eu a ouça. Será que ela sabe que eu a estou matando? Não como das outras vezes, mas da forma definitiva? Uma morte além da morte?

Mas divago.

O que me perturba agora é menos denso. Não escrevo como desejaria. As frases que emergem de mim não têm qualidade. Será que contêm pelo menos uma verdade? Se eu nada sou além desse corpo torturado que nem é posse, mas extensão, o que eu teria a dizer de meu? As palavras que rastejam de mim como vermes gordos de hemácias me fazem desconfiar de que não há um sujeito que diz, não há eu. Então, quem fala? De quem são as palavras que me constrangem?

Ouço a respiração que raspa a porta. E temo.

Mas sigo.

Ela é sacudida por Alzira como se fosse de pano. Eu tenho tanta carne, mulher-dos-espíritos, carne demais. Alzira talvez queira estapeá-la como nas novelas a que assiste todas as noites antes e depois de falar com os mortos. Tem medo e precisa culpar alguém. Mas algo que vê no olhar dela faz com que sua mão estanque antes de atingir seu rosto. Ela não sabe ainda se o grito foi além ou ecoou apenas nela. Alzira continua a sacudi-la. Para, ela diz, para, eu estou bem.

Sente o cheiro. E se lembra da mãe amontoada aos seus pés. A mãe não está mais ali. É colocada numa maca que ela não sabe dizer de onde apareceu. Ela deveria poder descrever o cheiro, mas não pode. A mãe está morta há dias, ela pensa. Então a mãe diz, Laura. Naquela voz nova. O que você fez, mãe? E há um ódio que ela não queria mostrar na sua voz. Laura, a mãe repete.

Você vem?, pergunta Alzira. Eu vou? Sim, acho que eu vou. Ela desce pelas escadas atrás da maca que não cabe no elevador. Você é parente?, pergunta o enfermeiro da ambulância. Ela balbucia que sim, é a filha. Como sua mãe ficou assim? Ela não responde. Você mora em outra cidade? Ela não responde. Sabe que ele também a condena. Que a culpa por ter uma mãe que apodrece viva num apartamento só pode ser dela. Da filha distante. Da filha indiferente. Da filha ingrata. Como eles poderiam saber que não há longe o suficiente para elas? Que não há separação possível entre elas? Que quando a mãe começou a apodrecer naquele apartamento algo na filha também começou a cheirar? Que não era o suicídio da mãe, mas o assassinato da filha?

Ela é uma máscara respondendo às perguntas da assistente social. Uma máscara falante. Não, ela não sabia que a mãe não conseguia mais caminhar. Não, ela não sabia que fazia um mês que tinham cortado a eletricidade por falta de pagamento. Não, ela não sabia que a mãe não comia havia mais de uma semana.

Não, ela não sabia que uma parte do pé da mãe tinha sido comida pelo gato. Não, ela não sabia. Por que ela não sabia? Porque a mãe não lhe contou. Porque ela trabalha de segunda a segunda. Porque as duas não são próximas. Não são próximas porque são uma só, ela pensa em dizer. Sim, ela tem plano privado de saúde, mas a mãe nunca quis ser sua dependente. Porque prefere que a filha dependa dela, essa última resposta ela também não diz.

A assistente social se esforça em forjar sua própria máscara de assistente social para encobrir a repugnância que sente pela filha, mas a mulher não é tão competente. Você vai ter de se reestruturar para cuidar da sua mãe, você acha que consegue? Sim, ela consegue. Não, ela não quer. Sim, ela não tem escolha.

Caminha pelos corredores com cheiro de SUS. Deve existir alguma lei que obrigue os hospitais públicos a ter paredes com pintura descascada e cadeiras quebradas, pensa. Esta decadência persistente com cheiro de morte, formol e perfume barato. Perfume barato a comove. As lágrimas boiam em seus olhos por causa do esforço do perfume barato, a dignidade intangível que arranha a carne esponjosa do seu nariz. O perfume barato salva o mundo todos os dias, agora ela sabe.

Encontra Alzira na sala de espera da UTI. A mulher confunde as lágrimas do perfume barato com lágrimas pela mãe. Sua mãe tem coração forte, Alzira diz. Eu sei. Nós sabíamos que algo não estava bem com sua mãe, que aparecia cada vez mais magra nas reuniões. Mas, você sabe, sua mãe sempre foi uma mulher muito reservada. Sim, a mãe tinha de ser para esconder o horror da condição delas. Você tem dinheiro para as despesas necessárias? Sim, ela tem dinheiro. A mãe também tem. Ela não tem ideia de por que a mãe não pagou a conta da luz nem por que não comia. A mãe nunca quis ter empregada porque precisa proteger a sua privacidade. Nunca gostou que outra pessoa tocasse nas suas coisas, sempre foi sistemática. A mãe tem medo que alguém além dela descubra os cadáveres perfeitamente dobrados em suas gavetas, quase diz.

Fala demais com Alzira, arrepende-se e silencia. Não quer que a mulher pense que está se desculpando, porque não está. Fecha a cara. Diz que vai voltar ao apartamento para providenciar o que for preciso e lhe dá as costas. Laura, ouve a voz nova da mãe. Vira-se, mas apenas Alzira olha para ela com seu olhar de ver espíritos. Não, Alzira, os mortos não são assustadores. Os vivos, sim. Ah, Alzira, se você enxergasse os vivos, não teria essa sanidade estampada como um troféu na sua cara.

No táxi, ela interrompe o motorista assim que ele começa a reclamar do trânsito. Encontraram minha mãe apodrecendo no apartamento. O homem não sabe se é uma piada ou se a passageira é louca. Ela parabeniza a si mesma. Conseguiu calar a boca de um taxista. Quando chega ao portão do prédio, tudo parece normal. É isso que sempre a assusta no mundo, essa capacidade do inferno de se esconder na luz. E não nas sombras, como nos iludem os escritores dos contos de horror. Um velho toma sol, duas vizinhas conversam enquanto seus cachorros cagam em esforços sincronizados. Apenas o porteiro a espia com timidez e alguma solidariedade. A primeira que encontra. Eu pensei em ligar para você, mas o síndico achou melhor que não nos metêssemos nisso. Você sabe, os moradores daqui gostam de privacidade. Sim, ela sabe. É uma das coisas que gosta naquele condomínio. Todos parecem saber da vida de todos, e em geral sabem. Ninguém pergunta nada. Não diretamente, pelo menos.

Desta vez, sobe pelo elevador. O de serviço, para não ter de encontrar ninguém. No elevador dos fundos divide o espaço com um latão de lixo e um faxineiro, mas ele não pergunta nada. É bom quando as pessoas têm um lugar onde não cabem perguntas. A luta de classes de Marx não é uma luta, é apenas uma divisão entre os que podem fazer perguntas e os que só estão autorizados a dar respostas.

A porta está aberta, mesmo assim ela enfia a mão na bolsa num gesto automático. Só para descobrir que as chaves do apartamento da mãe sempre estiveram ali. O inconsciente dela é mais esperto. Sabe que ela correria para dentro quando fosse preciso, pronta para se afogar no corpo da mãe.

Agora a porta está escancarada. Uma porta machucada, com marcas que nunca mais poderão ser arrancadas dela. Sente ternura pela porta enquanto acaricia as feridas feitas a fórceps. Um segundo antes de o cheiro se enfiar pelo nariz dela e virar

uma ânsia de vômito. Começa a correr em direção ao banheiro, mas descobre no meio do caminho que é inútil. Vomita ali mesmo, suas tripas misturadas às da mãe. Merda, ranho, vômito e sabe-se mais o que no chão. Como a mãe pôde? Seus sapatos enfiados na mãe.

Não, ela não é capaz de fazer isso. Tira o casaco e, com ele enrolado na mão, pega o interfone lambuzado. Preciso de uma boa faxineira. Uma não, duas. Você conhece? Eu pago o dobro. E preciso de um chaveiro. O velho porteiro conhece. Ele conhece muita gente capaz de limpar qualquer sujeira. Gente que todo dia precisa eliminar os excrementos de outros para não virar borrão. Senta-se no degrau da escada para esperar. Ouve um miado que se gruda aos seus tímpanos e arrepia o avesso da pele de seus braços. O gato, lembra. Aquele maldito gato gordo que a mãe tratava como um filho querido. A bola de pelos incestuosa que comeu um pedaço do pé da mãe. Benfeito. Agora o miado soa como um rugido. E ela sente medo. Pensa em descer e chamar o porteiro, mas sabe que aquela é uma tarefa sua. Entra no apartamento se esgueirando, à procura de um pedaço de pau ou de ferro, algo para bater no gato até torná-lo mais uma mancha orgânica no chão. Com outro rugido, o gato salta sobre seu rosto a sufocando, as unhas das patas fincadas em ambos os lados da parte posterior da sua cabeça e no pescoço, enfiadas na sua carne. Ela sente o monstro dentro dela respondendo ao monstro de fora. E gosta.

Crava suas unhas no gato e ficam os dois, por um momento, dançando um balé desengonçado. O gato como alien, o oitavo passageiro, grudado no seu rosto. Ela sente suas unhas se afundarem na carne do animal. Não enxerga, mas sabe que o gato não tem chance naquela medida de forças. O bicho se rompe debaixo das unhas dela. Já não a sufoca mais, mas ela gosta da sensação de suas mãos brincando com as entranhas dele. Seria um rim? Um pulmão? Afasta o corpo quente e agora mole do rosto. O animal ainda respira, e ela reconhece o ódio nos olhos rajados de sangue. O desgraçado está morrendo e ainda assim não tem medo dela, uma mecha do seu cabelo

vermelho entre as unhas quebradas. Como está magro, pensa. Pronto, canibal. Você agora não precisa mais dormir com a minha mãe. E com isso rasga o gato ao meio. E o atira no chão, junto ao resto.

Da porta, duas mulheres a observam, em choque. O gato, ela diz. Me atacou. Tive de matá-lo. Ele comeu um pedaço do pé da minha mãe. As mulheres aquiescem em silêncio. Acho que vou lavar as mãos. Afasta uma pilha de louças que devem estar ali há semanas, talvez meses, e abre a torneira da pia da cozinha, o sangue do gato misturado ao sangue dela escorrendo pela louça que havia sido da mãe da mãe. Joguem tudo fora, vamos precisar comprar pratos novos. Seca as mãos nas calças. Seu cabelo, uma das mulheres diz. Ela segue o olhar com a mão esquerda. Sangue e algo mais. Talvez eu precise dar uns pontos. Acho que é melhor a senhora passar no pronto-socorro. Sim, eu vou. Mas antes quero combinar a limpeza com vocês. Joguem tudo no lixo. A louça, as roupas de cama, as toalhas, tudo o que encontrarem no chão. Peguem a mangueira e lavem tudo, até o teto e as paredes. Depois desinfetem com amoníaco. Tudo, tudo. A gente só pode começar a trabalhar amanhã. Hoje já estamos numa faxina no décimo andar. Amanhã, então. O chaveiro vai chegar daqui a pouco e botar fechadura nova na porta. Vocês pegam a chave amanhã com o porteiro. No fim do dia eu passo aqui e acerto com vocês. Nós vamos precisar de dois dias. Talvez três. Então peçam ao porteiro para me ligar quando estiver tudo pronto. Ele tem meu celular. E o gato? Joguem o gato no lixo. Acho que não podemos fazer isso, a mulher mais jovem diz. É um corpo. Façam alguma coisa com ele, eu pago esse serviço à parte. Enterrem, queimem, qualquer coisa. Você vai pagar o dobro, mesmo?, a mais velha pergunta. Vou, o dobro. Mas quero que fique como se nada tivesse acontecido aqui. Não quero nenhum cheiro, nenhum rastro, nada. Nada aconteceu. A gente entende. As duas viram as costas. Será que são mãe e filha, a mãe ensinando à filha o ofício de fazer a sujeira dos limpos desaparecer? A mais velha se vira antes de entrar no elevador.

Parece querer perguntar alguma coisa. Então lembra que pertence à classe dos que não fazem perguntas. E entra.

O gato parece uma pantufa no chão. Tingida de vermelho. Sente dó dele. Mais uma vítima da mãe. Ou seria dela? Efeito colateral. A cena se enfia pelo seu cérebro, o gato que dormia ronronando junto à barriga da mãe, na cama da mãe, com a fome dos dias começa a comer a mãe pelo pé. Será que ela o chamou de meu amor? De minha vida, enquanto ele mastigava seu dedão? Será que ela comeria a mãe se ficasse com fome, depois de dias sem comida, trancada naquele apartamento? Não sente o vômito vindo. Apenas vomita. De novo. Só bile, porque agora lembra que não come desde a noite anterior. Limpa a boca com o antebraço, já que tudo nela fede a sangue ou vísceras ou gosmas ou coisas indefiníveis. Desce pelas escadas. Nem se preocupa em encostar a porta. Ninguém teria coragem de enfrentar aquele lugar, o cheiro já no corredor. E descendo. Descendo com ela, que também apodrece. Há quanto tempo?

Deixa o dinheiro para o chaveiro com o porteiro, que a olha com pena. Ela detesta pena, mas é tão novo que alguém sinta pena dela que a raiva não vem. Deixa também uma gorjeta por tudo. Especialmente por não perguntar. E caminha até a esquina, onde nenhum táxi atende ao chamado dela. Deve estar assustadora com o rosto sangrando e a roupa suja, será que tem olhos de doida? Só agora lembra que precisa avisar o chefe de cauda azul. Vasculha a bolsa em busca do celular. Desculpa por não avisar antes, minha mãe teve um enfarte. Não, não, está tudo bem agora, mas vou precisar ficar no hospital. Amanhã já vou estar aí e resolvo tudo. Não, não, eu não preciso de nada. Está tudo sob controle. Desliga e por um momento se vê do alto, na esquina, uma mulher ainda jovem com marcas milenares no rosto, o longo cabelo vermelho solto como sangue vivo, deslocado em seu corpo cinzento. E, sim, está tudo sob controle. Sempre esteve. Não são todos bons em faz de conta? Aquelas pessoas todas ali que a culpam não pelo seu estado, mas porque sua miséria as revela? Podem ficar

tranquilos, tem vontade de gritar. Minha tragédia não vai denunciar ninguém. Eu apenas preciso chegar em casa e tomar um banho. E então, pronto, estaremos de novo todos salvos.

O táxi velho para. Precisa de uma corrida, moça? Sim, ela precisa. Acomoda-se no banco encardido, com cheiros não muito melhores que os dela. Explica o endereço. Se a senhora não se incomodar, poderia botar o cinto de segurança? A senhora sabe, os fiscais já ficam no meu pé por causa da idade do carro, se tiver sem cinto ainda. Eu me incomodo, ela diz. Como?, ele não entende. O senhor acha que eu preciso de cinto de segurança? Ele se cala. A senhora caiu? Foi. Tropecei e rolei pela escada do prédio da minha mãe. Quer que a leve ao pronto-socorro? Não, está tudo bem. Só preciso de um banho. Acho que a senhora tá com uns cortes feios aí. Ela sorri. Agora, sim, um sorriso de louca. Eu estou acostumada a cuidar de cortes. É enfermeira? Não, mas aprendi a cuidar de cortes. O senhor não imagina como eu sou boa com cortes. Ela conseguiu de novo. O motorista silencia. Desta vez até o fim do trajeto.

Seu rosto no espelho do banheiro de casa é pior do que pensava. Bem pior. Parece a Linda Blair depois de possuída, o cabelo como um ninho de ratos. Lembra-se do gato e acha graça em ter pensado em ninho de ratos. Tira a roupa devagar e se enfia no chuveiro. O contato dos cortes com a água a faz cerrar os dentes. É conhecida esta dor, quase um prazer. Agora sabe onde está. Lava as feridas com bastante sabonete. Depois busca agulha e linha esterilizada no armário do banheiro e dá pontos perfeitos no rosto e no pescoço. Apenas mais algumas cicatrizes, estas visíveis. Passa uma camada de antisséptico e engole dois anti-inflamatórios enquanto a banheira enche. Abre uma lata de leite condensado, despeja o conteúdo numa xícara grande e pega uma colher de sopa. Mergulha na água quente. Liga a hidromassagem, e o som familiar do motor abafa todos os ruídos. Pronto, ela está dentro de um útero que não lhe faz mal. De olhos bem fechados, começa a lamber o doce.

06

Acorda com Cat Stevens. Where do the children play? Deixa o despertador tocar a música até o fim. Quer repetir, então lembra. Impressiona-se com o sol entrando pelos furos da persiana. Sempre vai se impressionar. É verdade que o dinossauro continua lá, mas como a vida pode absorver tanto horror e seguir adiante? Quer ficar catatônica porque seria bom não suportar, mas ela não é assim. Ela suporta. Não fosse a dor no corpo deixada pelos músculos contraídos do dia anterior, está quase feliz. Parece uma história tão antiga que nem se passou com ela. É verdade que ontem ela encontrou a mãe apodrecendo viva no meio da própria merda? E ela matou o gato da mãe com as mãos, rasgado ao meio? O gato que comeu um pedaço do pé da mãe? De um estranho modo, como tudo o que aconteceu antes com elas, é capaz de assimilar e ainda sentir um prazer cansado com aquela manhã de sol.

A mãe na UTI. Agora a urgência. E o mau humor. A culpa. Precisa conferir se a mãe está viva ou morta. De repente a morte da mãe lhe parece insuportável. Sentada na cama, tem um acesso de choro. Soluça tanto que o travesseiro fica pastoso. Aos poucos os soluços vão se espaçando, e de novo ela está muito cansada. Exausta. Se enfia debaixo do chuveiro e lava com cuidado seu longo cabelo de crente ateia. A nota dissonante em seu esforço para passar despercebida.

De novo no táxi, o cabelo preso num rabo de cavalo, sob controle. Sim, a vida está sob controle. Não, ela não gosta de política. Sim, ela concorda que todos os políticos são ladrões. Não, ela não acha que a ditadura era melhor. Quer tanto conversar algo corriqueiro que se entusiasma e declara a frase de Churchill: "A democracia é o pior sistema, exceto todos os demais". Não, o motorista não conhece Winston. Mesmo assim, fica impressionado. O suficiente para mudar de assunto. Vai visitar algum parente? Sim, minha mãe. Teve um enfarte ontem. Está na UTI. E sente-se na obrigação de explicar. Eu queria ter

ficado no hospital à noite, mas não permitem. O motorista começa a falar mal da saúde pública. E a contar a história de uma tia que espera há seis meses por uma quimioterapia enquanto o câncer a come por dentro.

Percorre os corredores de pintura descascada e cadeiras quebradas, agora com cheiro de formol, morte, perfume barato e algo mais. Desinfetante. A manhã no hospital, janelas abertas para espanar os mortos da noite. Dizem que as pessoas costumam morrer ao amanhecer, algo a ver com um hormônio, ela leu em algum lugar. O bom da UTI é que eles não esperam que você esteja por ali. Quase agradecem quando não há perguntas de familiares. São muitos leitos de pacientes entubados, amarrados a fios de todo tipo, e poucos profissionais para garantir que continuem sem gritar o seu medo. É gratificante o silêncio da UTI, apenas interrompido pelo ronronar regular das máquinas. Ali, a morte é quase uma abstração. Está tudo sob controle se você consegue ignorar os olhos apavorados de quem não pode nem se mexer nem falar. Eu quero informações de Maria Lúcia Siqueira, por favor. Foi internada ontem. Há uma nota a mais no olhar de reconhecimento da mulher de branco. Sim, sua mãe não é uma paciente habitual. Ali ela não pode fingir que foi um enfarte. Sua mãe, claro, não se contentaria com algo tão civilizado. Seu quadro é estável, mas o rim não está funcionando bem. Talvez precise de hemodiálise. E está muito desidratada. Quase pode apalpar a acusação na voz. Mas a enfermeira está exausta pelo plantão e por todas as desgraças que se enfileiram nos seus dias para ter forças para sustentar a indignação por mais do que uns poucos segundos. A enfermeira quer ir para casa dormir. Apenas dormir. Também a enfermeira deve precisar das manhãs de sol.

Você quer falar com sua mãe? Estamos no horário de visita. Eu posso? Acho que você deve. E a boca da mulher se torce numa expressão ressentida. Pronto, a enfermeira se vingou de alguém. Pode ir para casa com sua bolsa Louis Vuitton de camelô sentindo-se superior. Eu vou, então. Cinco minutos,

oquei? Tem mais alguém para visitá-la? Não, acho que sou só eu.

Ela não tinha percebido como a mãe encolhera nos últimos anos. A mãe nunca havia sido uma mulher grande, mas agora parece uma boneca de pano muito gasta e desbotada no meio da cama. Uma boneca amarrada a fios por todos os lados, como uma imitação feminina e patética do homem vitruviano de Leonardo da Vinci. Laura, a voz nova da mãe. Ela se aproxima. Não pode mais adiar a compra de óculos de vista cansada. Precisa chegar muito perto para enxergar os olhos abertos da mãe. Perto o suficiente para sentir o cheiro rançoso da pele. A mãe tinha sido desinfetada, mas ainda está meio podre. A humanidade do corpo da mãe resistindo com dignidade aos produtos químicos e à tecnologia. Exalando a verdade de que os vivos cheiram mal, no fim cada vez pior. Laura, de novo a voz da mãe. Fica quieta, mãe. Você não deve se esforçar. Gosta disso. Agora ela tem poder. Pode mascarar a impossibilidade de ouvir o que a mãe tem a dizer com uma prescrição médica. Fique quieta, não diga o que eu não quero ouvir, é para o seu bem. Mas a mãe não se rende fácil. Laura, de novo a voz. E então. Perdão. Ela não responde. Mas seu olhar diz. Nunca. Eu nunca vou te perdoar. Em vez disso, anuncia. Acabou o horário de visita. Preciso ir.

E se vai pisando macio. A médica quer falar com você, a enfermeira a alcança. Desculpa, mas eu preciso trabalhar. Eu volto amanhã. Minha mãe não vai sair daqui tão cedo, não é? Solta um risinho pela própria piada. A médica pode esperar até amanhã. Sabe que está selando uma imagem péssima de si mesma. Mas é bom que tenham a quem odiar. Assim não precisam odiar os pacientes que os lembram da impotência de seu suntuoso diploma de medicina na parede.

Quando surge diante do chefe de cauda azul é de novo uma filha normal. Como sua mãe está?, o chefe finge compunção. Ainda está na UTI, mas vai ficar bem. Acabei de vir de lá. Sim, ela é uma ótima filha. E você, como está?, ele finge agora uma intimidade que não existe entre eles. Estou bem. Você não

prefere tirar uns dias? Não, se eu ainda pudesse ficar com minha mãe na UTI, mas só permitem visitas de cinco minutos. É melhor trabalhar e ocupar a cabeça. E, você sabe, eu preciso terminar aquele texto para a próxima edição da revista. Pronto, não só é a filha perfeita, mas também a funcionária perfeita. Ela é o máximo.

Os colegas passam em romaria pela sua mesa. Lábios apertados. Naquele dia a pouparão. Até mesmo o lobo grisalho se agacha diante dela, o cabelo desalinhado fio a fio. Como você está? E aperta a ponta de seus dedos. Sabe que, assim que se levantar, ele dará uma conferida na sua bunda. Às vezes quase sucumbe ao tédio e à tentação de levá-lo para o inferno de sua sexualidade. Será que ele continuaria com esse olhar de vou fazer do teu rascunho arte final depois de uma noite com ela?

É claro que continuaria. E ela viraria uma conversa reichniana no lóbulo da próxima chapeuzinho. Ao olhar para a mão que ele aperta, solidário, percebe a unha quebrada. Uma não, todas. Como ela não tinha visto isso? Como pudera deixar passar o que não era um detalhe? Suas unhas a denunciam. É claro que ele não deixaria de comentar. O que aconteceu? Tive de ajudar a carregar a minha mãe, você sabe, no enfarte. É incrível como as pessoas pesam quando estão inconscientes. Aconteceu tanta coisa que nem tive tempo de lixar as unhas. Passei a noite numa cadeira da sala de espera da UTI. Ele entende. Tanto que quer levá-la para almoçar. Ela está magrinha. Linda, mas magrinha demais. Precisa se alimentar. Ela agradece com seu melhor sorriso encantado. Está magnânima hoje. Não posso. Você sabe, tenho aquele texto enorme para acabar. Preciso aproveitar que minha mãe está na UTI para adiantar o trabalho, porque depois vou precisar cuidar dela em casa. Ele se afasta dizendo que, se mudar de ideia, está logo ali.

Agora que todos já encenaram seus papéis com a competência possível, ela pode trabalhar. Como sempre, esquece onde está enquanto escreve. A escrita é um lugar que ela pode habitar. É reconfortante escrever sobre a vida dos

outros. Esta é a melhor parte de ser jornalista. Poder escrever sobre uma realidade que não precisa virar ficção para ser pronunciada.

Então as letras viram vermes saindo das minhas unhas quebradas. O que está acontecendo? Brancos e gordos, eles rastejam até as teclas. Alguns correm com suas ventosas rolantes. Se enfiam pelos buracos e contaminam o computador. A tela agora está infeccionada de mim. Quero chamar o suporte técnico da revista para avisar que minha máquina foi tomada por vírus. Mas minha boca está cheia de larvas. E já não tenho mãos.

07

Ela gostava de me botar na cama dela. Na cama de casal onde deveria dormir o meu pai, mas em que dormia eu. Quando meu pai chegava do trabalho, o sol entrando pelos furos da persiana, encontrava no caminho para o corpo da minha mãe a minha carne enrodilhada. Ela tem pesadelos, dizia ela. Fui obrigada a trazê-la para a nossa cama. Não sei precisar quando ele desistiu. Apenas passou a dormir primeiro no sofá azul da sala, um dia se transferiu para a minha cama estreita, e estava feito.

O tempo era confuso na minha infância. Com os dias, eu acabava acreditando que havia sido sempre assim. Meu pai não tinha raiva nos olhos. Só cansaço. E um desalento difícil de ver porque doído. Ele me olhava com amor e parecia querer me tocar, mas havia sempre a minha mãe atenta. Sempre pronta a abocanhar o gesto de carinho do meu pai no ar. Como ele trabalhava à noite, como guarda noturno de uma indústria farmacêutica, era mais fácil. Meu pai era o fantasma que não nos assombrava.

Ele acordava com o sol duro entrando por todas as janelas. É curioso como minha mãe gostava de sol, ela que poderia ser confundida com um fungo, pequena e úmida, mas com tentáculos onipresentes. Havia sempre muito sol em casa, como se a luz pudesse ofuscar os crimes cometidos. Meu pai se levantava, vestia suas calças marrons de ficar em casa, abria a geladeira e aquecia o prato que ela deixava. Minha mãe estava lá, mas não vinha. Eu sentava na outra ponta da mesa de fórmica da cozinha e ficava olhando-o comer. Ele mastigava muitas e muitas vezes cada bocado e um dia me explicou que era preciso mastigar 98 vezes de cada vez, para ajudar o estômago na digestão da comida e manter a saúde. Fiquei aliviada. Então era por isso que ele não conversava comigo. Eu nem mesmo queria que ele falasse. Não sei se foi aí que começou, mas sempre tive medo das palavras. Das pronunciadas. Preferia ficar ali, compartilhando o silêncio do meu pai.

Não durava muito. Minha mãe aparecia na porta da cozinha com olhos acusadores e arranjava algo para eu fazer longe dele. Ele não

discutia. Acho que meu pai desistiu de mim antes mesmo de eu nascer. Só usava os dentes para mastigar 98 vezes a comida. Talvez por isso precisasse de tantas mastigadas. Meu pai precisava triturar alguma carne com os dentes. Será que pensava na minha mãe quando cravava seus caninos no peito da galinha? No bucho do boi? Na carne de pescoço?

Em mim?

Eu sentia uma pena profunda. Sempre tive esse sentimento pelos homens todos depois dele. Sentia que podia tocar a fragilidade do meu pai com a ponta dos dedos, mas nunca tive coragem de vencer a distância estabelecida desde sempre entre nós. De algum modo eu sabia que meu pai era uma vítima fatal da minha mãe. E como eu era a carne prolongada dela, ele era uma vítima também de mim.

Queria dizer que escapasse, mas não conseguia aceitar a ideia de viver sem a presença indefinida dele. Quando eu conseguia escapulir da minha mãe, fugia para perto do meu Flicts. E ficava num canto olhando-o fazer coisas com as mãos. Meu pai criava um mundo com madeira, papelão e retalhos de alumínio. Era um mundo de brinquedo, mas eu não podia brincar. Minha mãe dizia que meu pai não gostava que mexessem no mundo dele. E meu pai nunca disse outra coisa. Nunca disse nada.

Só um dia, quando terminou de construir a ponte sobre o fosso do castelo, ele se alterou. Era mesmo bonito aquele castelo medieval. Me chamou duas oitavas acima de sua voz costumeira. Laura. Venha cá. Como um ratinho eu emergi da minha toca e dei uns passos hesitantes até a mesa de sua oficina. Venha ver. Ao me aproximar, ele me botou no colo. Olha, este é o seu castelo. Fiz para você nunca esquecer que é uma princesa. Mas só levante a ponte se tiver certeza das boas intenções de quem entra. Minha cabeça se esvaziou. Mais tarde eu intuiria que aquilo era felicidade.

Eu queria que a história acabasse ali. Queria dizer ao meu pai que deveríamos correr para dentro do castelo e deixar minha mãe de fora. Tem jacarés neste fosso?, perguntei. Tem uns jacarés bem grandes, com dentes afiados. Se alguém tentar atravessar o fosso, os jacarés vão comer essa pessoa? Vão estraçalhá-la, ele garantiu.

Os jacarés comem os homens maus. E também as mães, eu pensei.

08

Ela arranha a porta com suas unhas curvas. Eu tentara cortar as unhas dela ainda no hospital, mas foi impossível. A tesoura quebrou, e as unhas continuaram lá. Amareladas. Eternas. Eu sei o que ela quer. Como sempre adivinha tudo, minha mãe sabe que eu escrevo. Que encontrei um jeito de arrancá-la de mim sem sangrar. Ela me teme um pouco agora. E eu gosto da sensação do meu pequeno poder. Sou eu que conto a história, quero gritar. Como sempre, silencio. Como meu pai, silencio.

Não importa. Agora eu grito com palavras escritas. E ela nada pode fazer.

Minha mãe tenta. Está anêmica. O rim não funciona direito. Consegue dar apenas uns poucos passos, agora que só tem metade de um pé. E depende de mim para comer. Mas não desiste.

O som da sua unha arranhando a porta me arrepia a alma que não acredito ter. Como a unha da professora ferindo o quadro-negro da escola. Pior.

Minha mãe sabe. Acordei com a sua voz dentro da minha cabeça. Não é assim. Você está contando tudo errado. Eu quero dar a minha versão. Eu tenho direito à minha voz nesta história. Meu coração disparou e por um não tempo fiquei paralisada de medo enquanto sua voz tentava empurrar a minha para a escuridão. Prometi deixá-la falar. E meus batimentos voltaram ao normal.

Mas menti. Sou eu que falo. Desta vez, é a minha voz. As palavras são todas minhas. Minhas. A narradora agora sou eu. E, para ela, a história chegou ao fim.

09

Não sei por quanto tempo ela esteve lá. Na porta da oficina. Os olhos de lâmpada de interrogatório policial. Venha até o fosso do castelo, eu queria dizer. Mas no fundo sabia que minha mãe comeria todos os jacarés, como nos comia vivos um pouco por dia. Agarrei a mão do meu pai. Vamos fugir para dentro do castelo, eu disse. Disse de verdade. Só nós dois, agora. Mas meu pai já não era o cavaleiro andante com coração de leão. Ele temia o dragão negro. Apenas disse. Vá com a sua mãe. Eu soube ali que estávamos perdidos. Deixa seu pai trabalhar em paz, ela disse. E para ele. Está na hora de você se aprontar para o trabalho.

Mas a felicidade havia se imiscuído pelos meus poros. E naquela noite eu não fui para a cama dela. Fiquei lá na cama de solteiro que agora era do meu pai. Quando minha mãe foi me buscar, eu gritei tanto que ela temeu os vizinhos. Adormeci vitoriosa. Em algum meio da noite, acordei. Não havia sol entrando pelos furos das persianas. Eu estava presa na escuridão. Não podia respirar. Será que ela tinha me encaixotado? Gritei. Nada. Gritei por um tempo que não consigo medir. Só então ela veio. E me carregou no colo para a cama dela. Eu podia espiar sua satisfação através da cortina dos olhos secos. Ela vencera. De novo.

Sempre.

Desta vez ela estava furiosa. Queria mais. Minha rendição completa, meu sangue circulando nas veias dela. Quando deitei na cama, ela abriu a camisola sem se preocupar com os botões que fizeram um barulho indecente ao bater no assoalho. Ainda me lembro daquele barulho, como os pingos d'água caindo sobre a cabeça dos condenados até que clamassem por morte. Plim. Plim. Plim. E para mim o silêncio.

Demorei apenas um instante para entender o que ela queria de mim quando me mostrou um seio grande e duro como toda ela. Um seio branco que eu achei bonito e aterrorizante como toda ela. Que cheirava a sabão caseiro como toda ela. Gosto de pensar que fui

obrigada, mas sei que parte de mim, a parte que renego em mim, desejou aquele seio.

Quando meu pai chegou do trabalho eu ainda mamava o não leite que me envenenaria por toda a vida. Com nojo, com desejo. Sem conseguir escapar nem dela, nem de mim. Ele me encarou da porta, e eu pude tocar seu horror e sua pena. Aquela era uma noite de sentimentos ambíguos naquela casa de esquina. Reconhecemos nossa mútua derrota naquele olhar sem palavras que cruzou o quarto enquanto ela roncava com a cabeça sobre dois travesseiros de penas de galinha. Ao contrário de mim, minha mãe sempre dormiu muito bem.

Na manhã seguinte, o homem que nunca esteve lá não estava lá. Tinha me abandonado no estômago do dragão negro onde eu continuaria a ser digerida noite após noite.

A médica está lá quando ela alcança a sala de recepção da UTI. Parece um daqueles pássaros de pernas compridas. O nariz como um bico pontudo. Empertigada demais a médica, mortes demais. Veste-se de branco como todos os médicos, mas ela consegue adivinhar as penas pretas do corpo. Então você apareceu, a médica diz. O sorriso irônico forma rugas nos cantos dos lábios de traço. Sim, eu estou aqui, ela diz. Não teme o poder do jaleco.

Preciso falar com você sobre a sua mãe. Sim, eu estou aqui. Ela tem prazer em impor seu melhor personagem. Como a mãe, sempre foi capaz de aspirar a fragilidade. Sabe que a médica está desconcertada com a sua frieza, com os olhos dela que a encaram sem culpas, pelas desculpas que ela não pensa em dar. Aquela médica não suporta a morte. Está lá, testemunhando o morrer e reeditando sua impotência dia após dia, mas tudo o que consegue é um disfarce que lhe custa muito manter. Um gelo fino que o pé dela sente deleite ao quebrar. Sou toda ouvidos, ela tripudia.

A médica limpa a garganta com uma tossezinha esganiçada. Empina o queixo e parece que vai voar. Imagino que você não ignore as condições lamentáveis de abandono em que sua mãe foi encontrada. Nem que a assistente social cogitou denunciá-la por negligência. Pronto. A doutora tentava lhe dar um golpe. Minha mãe é independente, perfeitamente lúcida, mora num prédio seguro, com zelador e porteiro 24 horas que podem ser acionados pelo interfone, tem celular e telefone para pedir ajuda. Se não o fez, foi porque não quis.

Vê a médica inflar, mais segura com o que pensa ter sido uma explicação. As pessoas idosas nem sempre conseguem pedir ajuda. Sua mãe não deve ter percebido o agravamento do seu quadro. A depressão a deixou sem reação. Ora, ora, sua mãe deprimida. A médica pensa que sua mãe é do tipo que seria atingida por uma depressão. Sua mãe não seria atingida por um

blindado. Ela faz questão de chamá-la pelo nome do crachá. Adriana, sei que você está fazendo o trabalho que é mal paga pelo Estado para fazer, mas, com todo respeito, você não conhece a minha mãe. Percebe o sobressalto no peito desplumado. Acabou de lhe sequestrar o título, e a médica agora se sente mais nua. Sejamos objetivas. Eu tenho de trabalhar, e você deve ter outros pacientes para atender. O que gostaria de me dizer?

A médica volta a limpar a garganta. Do balcão, a enfermeira espia a cena com os ouvidos. Tem assunto para o café logo mais. Bem, já que você prefere assim. Eu prefiro, ela diz. Apenas por maldade. A médica deixa os ombros escorregarem, e ela tem certeza de que mais tarde a doutora vai chorar escondida no banheiro. Não ainda, porém. Sua mãe tem uma saúde de ferro. Qualquer outra no lugar dela, com 70 anos, teria morrido. A voz agora é neutra e profissional. Mas sua mãe não sobreviverá a um novo episódio. Não deve mais ficar sozinha. Se você não pode cuidar dela, deve colocar alguém para tomar conta 24 horas. Os rins estão funcionando, mas mal. Sua mãe vai precisar fazer um tratamento longo, os medicamentos precisarão ser tomados nas horas certas. Sua mãe está anêmica. A nutricionista vai preparar uma dieta, que deverá ser seguida à risca. E vamos incluir sua mãe no nosso cadastro de visitas domiciliares. Não é o perfil de paciente que precisaria desse tipo de atendimento, já que não tem nenhuma doença crônica, mas queremos ter certeza de que estará bem.

Plural. A médica acaba de se tornar plural, mas ela deixa passar. Querem ameaçá-la. Garantir que não matará a mãe. Como se ela pudesse. Sua mãe é uma mulher muito doce, é uma pena que não tenha outros filhos, a médica continua, com mais empenho do que ela imaginaria que fosse capaz. A psicóloga quer falar com você. Depois, você deve passar na sala da assistente social. Se o quadro continuar evoluindo bem, sua mãe sairá hoje da UTI. Pensamos em deixá-la mais dois dias em observação, no quarto. E depois, se tudo estiver caminhando como o previsto, terá alta.

Desta vez, a médica consegue atingi-la. Dois dias. Pensava que a mãe ficaria no hospital por pelo menos 15. O pássaro preto vira as costas e segue pelo corredor. Gostaria de saber quantos passos duros as pernas compridas darão antes de desmoronar longe dos olhos da enfermeira, que torce por seu fracasso enquanto preenche planilhas.

Nem estava recuperada da má notícia da alta da mãe, e o sorriso de compreensão a golpeia. Sou a psicóloga, doutora Márcia. Quando foi que psicólogo se tornou doutor?, diverte-se. Ela não responde ao cumprimento. Você poderia, por favor, vir até a minha sala um instante? Ela vai. Sabe que hoje não escapará. Terá de cumprir todo o ritual dos profissionais de branco, orgulhosos de sua assepsia. Como você está se sentindo? Talvez você queira falar um pouco sobre seus sentimentos. Sei que não é fácil enfrentar a decadência dos pais. Imagino que você esteja se sentindo culpada...

Que medo ela tem daqueles olhos bem intencionados, daquela máscara de "eu me preocupo com você porque sou tão superior que posso compreender a criatura horrível que você é. E depois posso apresentar seu caso num congresso e ganhar uma página numa revista científica. Portanto, fique à vontade para se expor em toda a sua bizarrice e chocar minha moral burguesa sem pruridos, minha pobre querida".

Pode ser divertido aceitar aquela oferta desinteressada de bondade perfeitamente profissional. Rapidamente ela muda de estratégia. Desaba na cadeira. Que bom, doutora, que a senhora apareceu. Eu preciso mesmo desabafar. Sei que todos aqui acham que sou uma filha negligente. Talvez até pensem que sou má. A psicóloga arregala seus olhos celestes e faz menção de protestar. Não, não, não diga nada. Eu percebo a forma como me olham. Até a, como é mesmo o nome daquela médica comprida? A doutora da UTI que falava comigo há pouco. Essa médica não para de me recriminar. Eu entendo. Como vocês poderiam saber? Minha mãe não é fácil, mas mesmo assim eu a amo. Mas minha mãe me odeia, é isso que a senhora precisa entender. Desde criança me culpa por meu pai

ter abandonado a família. Meu pai não era ruim, mas ele não suportava viver naquelas condições. Ela suspira. É difícil o que eu vou dizer agora. Mas a verdade é que nossa casa era muito suja, e meu pai não aguentou.

A sujeira, pelo menos, é de verdade. Mas ela precisa reduzi-la a uma sujeira que a psicóloga pode suportar.

Segue.

Minha mãe nunca ligou para a casa nem para a comida nem para mim ou para o meu pai. Preferia ficar deitada na cama o dia inteiro assistindo à TV. Quando meu pai chegava do trabalho, descongelava alguma coisa e servia. Eu mesma às vezes passava mais de uma semana sem banho porque minha mãe tinha uma teoria de que a água tirava a proteção da pele. Quando meu pai foi embora, minha mãe me culpou. Disse que meu pai tinha partido porque não me suportava. Desde aquele dia, minha mãe passou a só sair da cama para jogar cartas com as amigas. Uma vez ou outra levava um homem bêbado para dentro de casa, o que era muito difícil para mim. Uma vez um deles tentou me agarrar e foi horrível. Só escapei porque consegui correr para a rua. Minha mãe nunca precisou trabalhar porque meu avô era militar e lhe deixou uma pensão vitalícia, então sempre fez só o que quis. Até hoje é assim. Quando eu cresci um pouco, comecei a fazer o serviço da casa e pelo menos não tinha mais de aguentar a imundície. Mas minha mãe continuou a me hostilizar. Quando tive idade para me virar sozinha, não resisti mais e fui morar numa pensão para moças no centro. Minha mãe ficou furiosa e não quis mais que eu a visitasse. Faz uns 20 anos que me proíbe de vê-la. Eu vou, mesmo assim. Mas minha mãe me manda embora. Diz que eu arruinei a vida dela. Pensei em falar com alguém, mas com quem? Minha mãe sempre foi assim, sempre viveu assim. Quando eu ligo, desliga na minha cara. E agora, acontece essa desgraça.

Ela está decepcionada porque a história que inventou é muito ruim. Faz com que pareça mais patética do que seria possível ser. Ninguém vai acreditar nisso, nem mesmo aquela psicóloga.

Mas a psicóloga alarga seus olhos de compreensão até as portas do paraíso. Ela pode ler seus pensamentos. Doutora Márcia sente-se superior agora. Por causa da competência da sua abordagem, finalmente conseguem avançar naquele caso complicado. As informações são surpreendentes, e a psicóloga não vê a hora de se livrar dela e correr atrás da médica para esfregar na sua cara o novo conhecimento. Não se cansa de dizer aos médicos que a olham com arrogante condescendência que é necessário cuidar da cabeça dos pacientes tanto quanto do corpo. Mas eles lhe dispensam apenas um sorrisinho superior. E agora Doutora Márcia tem uma chance. Ali está uma reviravolta completa no quadro. Graças à psicologia, graças principalmente ao seu jeitinho com as pessoas.

Eu não tinha dito nada até agora porque a senhora sabe, é difícil expor a própria mãe. Com o dedo indicador ela seca uma lágrima real que aparece no canto do olho direito. Que lágrima é aquela? A psicóloga gosta da lágrima. Então ela também gosta. Mantém a expressão angustiada e um vago ar de idiotia. Por favor, eu lhe imploro, trate o assunto com a máxima discrição. Eu não gostaria que algo assim virasse uma fofoca nos corredores do hospital. A senhora sabe, minha mãe nunca me perdoaria. E eu continuo tendo esperança de que um dia ainda possamos nos acertar. Acho que nós, filhas, somos assim, não é? Agora ela evoca a cumplicidade da mulher mais jovem. Com certeza a psicóloga também tem problemas com a mãe. Perdoamos tudo de quem nos deu à luz, a senhora não acha?

Ela gosta do que vê no rosto da psicóloga. Gosta principalmente de carimbar na imagem asséptica da mãe um rótulo de porca. Justo na mãe, que praticamente nasceu com um pano com álcool na mão e a obrigava a lavar as mãos a cada meia hora. Até hoje suas mãos lhe parecem avermelhadas pela aspereza do sabão entranhada na pele, o sabão caseiro cujo fedor nunca conseguiu arrancar de suas narinas. Ela pode tomar banho de Chanel número 5 que não vai cheirar como

Marilyn Monroe. Ela exala apenas o sabão da mãe, feito para desinfetar toda a sujeira do mundo.

Uma ideia se desenha com clareza agora. Como ela não pensou nisso antes? Ao encarar a psicóloga com olhos de Bambi, ela sabe exatamente o que tem de fazer.

Ela se prepara para o bote. Não pode errar. Tem dúvidas se é a hora certa. A senhora não imagina o alívio de finalmente encontrar alguém com quem conversar. Tenho muitas amigas. Mentira, não tem nenhuma. Mas é difícil contar que minha própria mãe prefere morrer sozinha a me pedir ajuda. No trabalho, todos querem saber o que aconteceu com minha mãe, mas quando a gente tem algo assim na família precisa ser discreta. Fui criada para proteger os segredos dos meus. Isso é verdade. Sabe, tenho vergonha. Acho que, de tanto ouvir que era culpada por tudo o que deu errado na vida da minha mãe, acabei acreditando.

A psicóloga está encantada. Ela avança. Tem vontade de cruzar os dedos, mas recua embaixo da mesa. Não sei como resolver isso. O que a senhora acha? Sim, ela tem de fazer com que a ideia seja da doutora. Minha mãe vai voltar para casa e não vai querer que eu fique por perto. Nunca aceitou ter empregada, nem mesmo uma faxineira. Um dia desses li em algum lugar que essa mania de juntar lixo e de viver na sujeira é uma espécie de patologia. É verdade? A psicóloga está cada vez mais confiante. Minha mãe vai garantir à senhora que vai fazer tudo direitinho, mas será mentira. E eu não vou poder fazer nada para evitar porque minha mãe é uma pessoa independente. E então vai acontecer tudo de novo e talvez dessa vez minha mãe não sobreviva. Me sinto impotente. Sem saída.

Desta vez, ela começa a soluçar. Não planejou aquilo. De onde saem as lágrimas? Sabe que as lágrimas são de verdade. Que não é tão boa atriz. Chora pelo quê? Por ser mais parecida com a mãe do que gostaria? Não, a mãe jamais faria o que ela está fazendo. A mãe é um ser humano assustador, mas nunca enganou ninguém sobre o que é. Pagou o preço de toda a sua estranheza sem uma queixa. Isso ela precisa dizer em favor da mãe. Agora chora tanto que as lágrimas pingam no chão.

Horrorizada percebe que há ranho escorrendo do seu nariz. A psicóloga alcança uma caixa de lenços de papel que tem o cuidado de ter na escrivaninha. Deve pagar os lenços do próprio bolso. É um dos sacrifícios que faz pelos pacientes enquanto não consegue uma promoção para a ala privada, onde poderá abraçar os familiares sem medo de sujar a roupa e ter uma decoração em tons de pêssego. Ela faz bastante barulho ao assoar o nariz. A psicóloga lhe diz alguma platitude sobre ser bom botar os sentimentos para fora. Ela assente fungando.

O que a senhora acha que eu devo fazer?, resgata o fio com destreza. O rosto da psicóloga torna-se uma mescla competente de compunção e profissionalismo. Sua voz agora soa como Pour Elise nos caminhões de gás. Veja bem, é difícil tomar essa decisão. Mas talvez devamos começar a cogitar... Ela gosta muito do plural, o surgimento do plural é um bom augúrio para seus planos. Que talvez o melhor para sua mãe nesse momento seja uma interdição branda. Você sabe, algo que lhe permita tomar as precauções necessárias e cuidar dos interesses dela. É uma decisão muito difícil, eu sei, mas seria para proteger a sua mãe de si mesma. Seria definitivamente para o bem da sua mãe.

A psicóloga caiu. Ela precisa ter muito cuidado para não espantar a raposa que acabou de botar a pata no laço da armadilha. Está quase lá. Um instante a mais e estará pendurada no alto da árvore. Ela levanta seus olhos ensopados de sal e sacode a cabeça. O tom tem de ser exato. Nem mais, nem menos. Le mot juste, como diria Flaubert. Interrogação é sempre melhor. A senhora quer dizer, como se chama mesmo... uma interdição judicial?

A mulher abre a boca para falar, mas ela não pode arriscar. Tenho uma amiga que precisou fazer isso com o pai que estava com Alzheimer e fugia de casa, mas minha amiga sofreu muito com a decisão. Hoje está tudo bem, mas foi muito difícil no início. Não tenho certeza se eu teria forças para levar isso adiante. Um pouco de egoísmo a tornaria mais convincente. A

psicóloga mantém sua expressão altamente profissional. Está cada vez mais à vontade, até se recosta na cadeira. Não é uma decisão fácil, realmente. Mas acreditamos que seria para o bem da sua mãe. Acontece às vezes com os idosos.

Ela balança a cabeça com um pouco menos de veemência agora. Se a senhora acha, mesmo, talvez eu deva começar a encarar essa realidade. Mesmo que minha mãe não tenha sido a mãe que eu sonhei, não é justo que termine a vida dessa maneira. Se é para o bem da minha mãe, eu sei, vou precisar ser forte. Afinal, minha mãe só pode contar comigo. E levanta os ombros, corajosa. Para logo derrubá-los. Mas nem sei como fazer uma coisa dessas.

O tom da psicóloga é cada vez mais protetor. Deixa que eu pergunto à assistente social, informalmente, é claro, sobre como isso costuma ser encaminhado pelos familiares. Na profissão dela, com certeza já deve ter encontrado alguns casos desse tipo nesses anos todos. Acredito que você precisará apresentar laudos médicos atestando a incapacidade temporária da sua mãe para gerir a própria vida. Penso que os fatos falam por si, não será difícil provar a necessidade da interdição. Enquanto eu tomo algumas providências junto à equipe nesse sentido, você pode ir se acostumando com a ideia. Na verdade, nem deveríamos interferir nisso, mas sua mãe está internada aqui, e vamos ajudá-la. É claro que você vai precisar de um advogado. Talvez até já tenha algum conhecido da família. Ela não tem. Mas encontrará. Nem sei como daria uma notícia dessas à minha mãe, ela ainda arrisca. Querida, a psicóloga coloca a mão no seu braço. Eu estarei ao seu lado. Acredite, você não está sozinha. A raposa agora está no alto da árvore e de cabeça para baixo. E ela a encara do chão enquanto enxuga com a manga da camisa uma lágrima verdadeira.

Deixa o consultório leve. Tão leve quanto alguém como ela pode ficar. Está quase feliz. Tanto que pode ver a mãe. Até deseja ver a mãe. A enfermeira da recepção a espia com temeroso respeito. Ela lhe dispensa um meio sorriso triste, agora convicta dentro do seu novo personagem.

Os olhos de fuinha da mãe estão abertos. A mãe sabe o que ela fez. Sempre sabe. Você vai sair da UTI hoje. Em dois dias vai para casa. Já mandei limpar o apartamento. Você me perdoou?, a mãe pergunta com a voz ferida pelo tubo que lhe enfiaram na garganta no primeiro dia. Ela dá um sorriso quase mau. Eu vou cuidar de você agora. Será melhor assim. Espero que você colabore quando lhe derem a notícia. Como ela tem coragem de falar com a mãe desse jeito?

Ela sente o poder emanando do seu corpo como longos dedos de unhas compridas que a mãe com certeza pode ver. E então percebe a mão da mãe sobre o lençol branco. Parece tão pequena aquela mão. Ela vacila, mas não pode se iludir com a aparência daquela mão. Sabe que a mãe tem garras. A mão da mãe caminha até a sua como uma daquelas aranhas de jardim. Ela e a mãe têm o mesmo formato das unhas, constata. Horrorizada. Ela e a mãe não são parecidas. Ela tem certeza de que se parece com o pai. Mas não consegue escapar do formato das unhas.

Levanta-se, brusca, e deixa a UTI sem se despedir. Quase corre. Acho que minha mãe está melhorando, diz para a enfermeira da recepção com uma sobra de voz de filha atenciosa. Então não pode mais. Quando sai do campo de visão da mulher, começa a correr. Desce os dez andares do hospital pela escada, saltando os degraus. Sabe que nunca vai conseguir correr o suficiente.

No térreo procura o banheiro. Abre bem a porta e a solta sobre os dedos da mão esquerda. A dor é medonha, mas ela está além da dor. Uma mulher baixinha, com um pacote de fraldas geriátricas debaixo do braço, pergunta a ela se precisa de ajuda, se quer que chame uma enfermeira. Ela não consegue falar. Balança a cabeça em sinal negativo. Olha as unhas que começam a escurecer. Ainda são as unhas da mãe.

12

Meu coração batia no estômago desde que meu pai me abandonara. Batia com ódio. Em seguida disparava de arrependimento. Meu pai tinha sido derrotado primeiro, mas a culpa era mais minha. Era eu que tinha de ter cuidado do meu pai. E eu tinha fracassado. E então aquilo. Como eu pudera? Me lavei tanto tanto tanto com sabão nos primeiros dias até entender que nada nunca poderia me limpar, que a limpeza estava para sempre além de mim. E que o sabão era o cheiro dela. E quanto mais me lavava, mais meu corpo se tornava dela. Porque a sujeira dela era o sabão. Quanto mais limpa mais suja.

Eu não tinha nada mais para esperar. Quando vagava me batendo pelas paredes da casa, me sentia ligada ao corpo dela como um daqueles cachorros que tem uma corda presa ao pescoço que os paralisa depois de alguns passos. No meu caso não era uma corda, mas um cordão umbilical. Aos poucos eu não conseguia mais distinguir entre o meu corpo e o dela. E quando comia, não sabia de quem era a boca por onde entrava comida nem o cu por onde saía. Comecei a piorar na escola porque, quando pegava o lápis, naquela época a gente escrevia com lápis, eu me assustava com aquela mão que era dela. Apagava tudo, o tempo todo. Eu só gostava de apagar. E um dia apaguei o caderno do ano inteiro, página após página. E quando tentaram me impedir, mordi a mão da professora.

Fui levada à diretora, e minha mãe foi chamada. Ela está assim porque o pai foi embora, minha mãe disse. Vai passar. Essa menina é muito sensível. A diretora disse que eu seria expulsa se continuasse tão agressiva. Só me deixava ficar porque eu sempre tinha sido tão quietinha. Eu continuava quietinha. Só precisava apagar. Antes de sair, minha mãe se agachou diante de mim, agarrou meu rosto com suas duas mãos iguais às minhas e disse. Se você fizer mais uma bobagem dessas, eu juro que você nunca mais vem à escola. Vou lhe ensinar em casa.

Eu não sabia que era ilegal. Então acreditei. Se soubesse, não faria diferença, porque minha mãe era a lei. Nem deus poderia com

ela, disso eu sabia. A escola era o mais longe que minha corrente de carne me deixava chegar de segunda a sexta. Parei de apagar. E, quando escrevia, não olhava para as mãos, só para o quadro. Muito mais tarde isso me ajudou a ser uma ótima datilógrafa e depois uma ótima digitadora. As pessoas sempre se surpreendem com a velocidade com que consigo escrever sem olhar para o teclado. E sem errar. Mas nas provas continuava indo mal porque tinha de olhar para o papel e então enxergava as mãos. Fui reprovada naquele ano. E só não fui no seguinte porque a nova professora olhou para mim e percebeu que eu sabia as respostas mas não podia escrevê-las. Começou a fazer provas orais comigo. Era uma moça magra, de cabelos longos e escorridos, recém-saída da faculdade com suas roupas e colares de cores vivas, ávida para salvar o mundo. A mediocridade a encurralava, mas ainda não havia lhe corroído a espinha. E ela estava intrigada.

Foi essa mesma professora quem notou que os pelos do meu braço tinham caído. Eu mesma nem tinha reparado já que tentava não olhar para o meu corpo da mãe. Chamou minha mãe, que não deu muita atenção. Quem precisa de pelos?, disse ela a uma professora chocada. Então meus cílios começaram a cair e logo depois as sobrancelhas. As outras crianças me perseguiam no recreio, jogavam bolinhas de cinamomo em mim, que às vezes entravam pelos meus ouvidos. Eu não me importava porque gostava de sentir coisas que vinham de fora. Mas aos poucos elas também desistiram porque minha apatia estragava a brincadeira. Eu era tão sem graça que nem judiar de mim era divertido. Me deixaram no meu canto, onde eu podia sentir os sucos gástricos do estômago da minha mãe me digerindo.

Quando meus cabelos começaram a cair, percebi que minha mãe ficou preocupada. Ela me enfiava na cabeça uma touca que tinha tricotado. Mas, já no segundo dia, o colega de trás puxou a minha touca, e todos puderam ver que eu tinha ficado careca. Pressionada pela professora, a diretora chamou minha mãe, que prometeu me levar ao médico. A professora começou a me fazer perguntas. Eu acho que meu pai foi embora porque não gostava de mim. Eu acho melhor não ter pelos no corpo. Eu tenho certeza de que minha mãe

não me bate. Eu não tenho nenhum tio nem primo nem avô que me bota no colo. Eu só tenho minha mãe.

Eu não tenho corpo, tentei dizer. Mas as palavras não saíram. Ela tinha trancado as palavras em mim antes que eu nascesse. E antes tinha trancado as palavras do meu pai. Ela mesma não tinha palavras. Éramos uma família sem palavras. E com um corpo só. O médico me tocou, e eu não gostei. Preferia quando as crianças me jogavam bolinhas de cinamomo. Me fizeram dezenas de exames, fui espetada muitas e muitas vezes, e disso eu gostava. Do instante da picada eu gostava. Não apareceu nada de diferente, disse o médico. Os exames estão todos normais. Ela é saudável. Talvez seja uma reação emocional. Ela sofreu algum trauma nos últimos tempos? Só o pai que foi embora, disse minha mãe. O médico ficou aliviado. Já tinha um diagnóstico.

Foi a primeira vez que tomei antidepressivos. E também um ansiolítico. Mas naquela época eu não sabia os nomes. Fiquei com muito sono, o que não era o efeito que eles pretendiam. Dormia com a borracha na mão na sala de aula. E meu corpo inteiro continuava sem pelos. A professora havia falado com meus colegas enquanto eu estava ausente fazendo os exames, e eles agora não puxavam mais a minha touca. Menos porque a professora tinha explicado que eu estava com uma doença emocional porque meu pai tinha ido embora, mais porque eles começavam a ter nojo de mim. Ninguém queria me tocar. Diziam que eu tinha um cheiro estranho. Quando penso nisso hoje, acho que de alguma forma eles adivinhavam o leite.

Eu sentia o olhar da professora sobre mim. Não me importo de não ter cabelos, disse a ela um dia. Porque gostava dela e não queria que se preocupasse. Não adiantava nada ela se preocupar. E se minha mãe desconfiasse da professora, eu tinha medo que também a engolisse. Mas numa manhã ela me pegou no corredor logo cedo e disse que naquele dia nós duas não iríamos à aula. Eu fiquei com medo do tom dela e disse que eu queria ir à aula. Ela disse que precisava me levar a um lugar muito bonito e que eu sabia que podia confiar nela. Eu gostava dela e não queria que ficasse magoada, mas também não queria ir a lugar algum, nem mesmo um

bonito. Ela me puxou pelo braço mesmo assim e me levou até a rua, onde estava estacionado o carro dela. Tinha cheiro de chiclé o carro da professora. Tutti-frutti.

Ela me levou a um consultório diferente, com muitos brinquedos no chão. E uma doutora que parecia amiga da professora começou a conversar comigo. Disse que eu podia escolher qualquer brinquedo que quisesse, e eu escolhi um bebê grande para brincar. Quando eu tirava a chupeta, ele chorava e dizia: mamãe. Então a doutora de cara boa começou a me fazer perguntas esquisitas. No início eu fiquei muda, mas a professora disse que eu precisava responder às perguntas. E eu comecei a dizer sim ou não. Só sim ou não. Achei que sim ou não estava bem, que não faria nenhum mal sim ou não. Você brinca com outras crianças? Não. Você toma leite? Sim. Come verduras e carne? Sim. Você tem outros parentes? Não. Você sente falta do seu pai? Não. Não sei por que, mas quis mentir. Por que seu pai foi embora? Não. Não o quê? Não. Você não sabe? Não respondi. Seu pai lhe fazia carinho? Não. Ele tocava em você? Não. Você dorme na sua cama? Não. Onde você dorme? Não respondi. Você dorme com sua mãe? Sim. Você tem medo de dormir sozinha? Sim. Sua mãe toca em você quando dormem juntas? Não. Você toca em sua mãe? Não respondi. Eu não sabia mesmo se aquilo era um toque. O que vocês fazem quando estão na cama da sua mãe e não estão dormindo? Não respondi.

A professora pegou a minha mão, olhou bem nos meus olhos, e eu senti uma coisa quentinha que queria que continuasse. Você pode responder, eu juro que não vai acontecer nada de ruim com você se você responder. Eu não respondi. Então ela disse. Princesa, essa tia é médica. Ela está acostumada a escutar tudo o que as crianças têm para dizer a ela, mesmo coisas que parecem muito ruins. Você pode dizer qualquer coisa. Foi por causa do princesa que eu disse o que era tão difícil de dizer. E eu nem sabia por que era tão difícil de dizer porque eu achava que era normal, eu já tinha visto muitos bebês fazerem isso com suas mães. Eu só me sentia assim, suja de sabão. Princesa, vamos, você precisa falar.

Eu mamo. De noite eu mamo no peito da minha mãe. E depois eu durmo. Meu pai foi embora porque era ele que devia mamar, não eu.

E depois eu achei que devia explicar. Não sei por quê.

Meu pai não gostava de me encontrar na cama, mas tinha lugar pra ele, e eu queria muito que ele viesse. Eu tentava não ir pra cama da minha mãe porque ele não gostava, mas minha mãe me buscava e era muito escuro quando eu ficava sozinha. Então eu fiquei com o peito. E meu pai foi embora.

E você gosta do peito? Você gosta de mamar no peito da sua mãe? A professora tinha saído da sala, eu só percebi quando a porta bateu. A doutora me olhava com um jeito bom, bem nos meus olhos.

Não. Sim.

13

Foi a primeira vez que senti pena da minha mãe. Eu não sei o que ela ouviu na escola, mas à noite a escutei chorando. Eu não sabia que minha mãe podia chorar. Onde ela tinha guardado as lágrimas por aqueles anos todos? Eu achava que todas as pessoas tinham uma bolsa de lágrimas na barriga. Porque meu choro sempre começava na barriga e só depois alcançava os olhos. Eu pensava que minha mãe tinha nascido sem essa bolsa e por isso não chorava.

Naquela noite eu dormi na cama do meu pai, que antes tinha sido minha e agora era minha de novo. Tive muito medo e tentei ir para a cama dela no meio da noite, mas ela me empurrou e disse que eu nunca mais poderia dormir lá graças à minha boca grande. E eu soube que não deveria ter acreditado na professora nem na doutora com cara boa porque as palavras são más.

Nunca mais tomei leite e ainda hoje, depois de adulta, não tomo. Minto que tenho alergia à lactose e me deixam em paz. Não falei mais com a professora, apenas respondia a suas perguntas com monossílabos na sala de aula. No início, ela me olhava com uma expressão magoada. Acho que queria que eu a idolatrasse por ter me salvado. Mas ela não me salvou, e nós duas sabíamos disso. Para me salvar, ela teria de ir muito além das boas intenções, teria de enfiar as duas mãos nas tripas do mundo. Hoje eu sei que tocar em crianças como eu significa sacrificar para sempre um tipo de inocência. A professora era uma boa pessoa e preferiu continuar vendo uma boa pessoa refletida no espelho do banheiro. Não a culpo. Se eu tivesse escolha, teria feito o mesmo.

Algum tempo depois a professora acabou me esquecendo. Crianças para salvar não faltavam. Com problemas que não causavam náuseas. Eu sabia que era o tipo de criança que as pessoas preferiam esquecer. Se pudessem, teriam me despachado para outra escola para não ter de me olhar todo dia. E lembrar o que todos ficaram sabendo. Calada e esquisita. Sem cabelos e com

aquela touca eu mais parecia um cotonete. Tão limpo que sujo. Não, eu não me parecia com uma princesa.

Depois outras professoras vieram. Eu tinha crescido e sabia agora que bastava fazer as coisas que os outros consideravam importantes e não fazer nada que pudesse chamar a atenção para viver mais ou menos em paz. Os pelos do meu corpo voltaram a nascer, mas eu continuei careca. E com o tempo ninguém mais ligava para minha cabeça nua, que eu cobria com uma touca mesmo no verão. Eu já não sofria tanto, eu acho. Vivia em mim e seguia a rotina dos dias como uma sonâmbula com os dois olhos abertos só para dentro. Quem perdeu muito sabe que há um certo alívio em não esperar nada de bom, em não desejar nada. Eu era criança mas vivia como um adulto que tivesse perdido muito. E era melhor assim. Eu e minha mãe em nossa rotina calada. Era possível viver sem achar que a vida era um grande milagre.

Uma noite minha mãe apareceu ao lado da minha cama e perguntou se eu queria voltar a dormir com ela. Eu não queria mais, mas, como tudo com ela, eu acabei aceitando a mão que ela me estendia porque era isso o que eu fazia. Estava escuro ainda mas a lua entrava pelos furos das persianas, e, filtradas por essa luz,nos olhamos por algum tempo. Eu baixei meus olhos até seus seios. E depois olhei para os meus que começavam a apontar na camisola. Será que minha mãe queria mamar nos meus seios?

Eu queria que ela mamasse. E eu queria mamar. Mas nós duas tivemos medo. E passamos a dormir juntas com os seios entre nós. Afinal, havia algo que nós desejávamos. E essa era a tensão daquela casa com as palavras que não podiam ser ditas. Nessa época eu odiava minha mãe com um ódio diferente. O corpo que nunca foi meu era cada vez mais o dela. Eu me sentia suja. E comecei a lavar as mãos tanto quanto ela. Mãe e filha naquela casa de esquina lavando furiosamente as mãos. Era sempre uma surpresa quando o sol entrava pelos furos da persiana.

Alguns dias depois, eu acordei naquela cama e não reconheci mais meu corpo nem o dela. Eu gritava que tinha virado uma barata gigante e eu ainda não tinha lido Kafka. Me enrolei em posição fetal porque sabia que aquele corpo não era meu nem o dela era dela.

Eu não tinha corpo nenhum e tive certeza disso quando senti o líquido ensopando a cama. Eu finalmente estava me liquefazendo, e a sensação me deu um repentino alívio. Você fez xixi na cama, minha mãe disse. E era verdade. Era só xixi, não eu inteira.

Depois de me lavar, abri a gaveta onde minha mãe guardava sua coleção de facas de churrasco. Havia as de cabo de osso, de madeira, de plástico, de prata. Minha mãe gostava de facas. Eu também. Escolhi a mais bonita, com um cabo de osso em forma de esfinge. E saí atrás dela. Cheguei perto. Eu vou te matar, disse sem dizer. Ela focou seus olhos vazios. Em seguida me ignorou. Passei aquele dia inteiro a perseguindo pela casa com a faca. Para onde ela fosse, eu a seguia com a faca. E ali ficava com a faca enquanto ela lavava e varria e limpava e passava álcool por tudo.

No meio da tarde ela se aproximou com seus olhos sem expressão. Parou exatamente na ponta da minha faca. Agachou-se para que a ponta encostasse no coração. Vamos. Enfia. Eu vi que o coração dela era aquele seio. Enfiei. A carne era menos dura do que eu imaginava. Vi a boca de sangue cuspir. E não pude mais. Deixei a faca cair no chão. Ela riu, e o som do seu riso feriu meus ouvidos tanto que desejei a surdez. Você é como seu pai. Fraca. Eu nem pude chorar. Agora ela gargalhava. O ruído indecente do ar passando pelos seus dentes coagulava o meu sangue. Não de novo, pensei. Não de novo.

Lentamente, com a respiração ofegante pelo esforço de correr até o lugar além do medo, eu juntei a faca do chão. E com a coragem que não tive para ela, abri um sorriso vermelho na minha barriga. De um golpe só. Vi o riso secar entre seus dentes amarelos.

Havia um jeito de me separar dela.

A mãe se comporta bem. Apenas pisca quando lhe anunciam a interdição. Para o seu próprio bem, diz a psicóloga-com-voz-de-pour-elise. A mãe tem mais medo de psicólogas do que ela. Apenas pisca. Será que a mãe está ali? Ela vence a repugnância e encosta a mão enfaixada na cabeça da mãe. Eu vou cuidar de você, diz. Vou me mudar para sua casa para poder cuidar de tudo. Representa bem seu personagem. A mãe apenas pisca. Será que está com medo? A mãe pergunta. O que aconteceu com a sua mão?

Agora ela sabe que a mãe está ali naquele corpo. A mãe acaba de se anunciar. E a esmaga antes mesmo de sair da cama do hospital. Mas ela não vai permitir. Não terá uma chance melhor. Sim, eu estou presa ao seu corpo, mas você agora sente mais dor do que eu. E eu posso fazer você sentir uma dor inimaginável nem que para isso eu tenha de morrer com você. É isso o que ela pensa. Mas o que diz é. Prendi a mão na porta do banheiro, você sabe, com todas essas coisas na cabeça. Mas está tudo certo. O que importa é cuidar bem de você.

Do canto do quarto, a médica é a única que parece entender que nada ali está bem. Não se deixou convencer. Mas o que pode fazer? A vida cheira a podre, no fim todos morrem, e aquelas ali sobreviveram até agora sem a sua intervenção. Diante da mãe, no centro da cena, ela sabe que sempre é possível contar com o egoísmo alheio. Nunca falha. Para todos é melhor acreditar. Basta um argumento, ainda que com furos por todos os lados, e se agarrarão a ele com as unhas. Gratos por poder continuar fingindo que não são fingidores. A mãe também? Ela se pergunta, mas não há mais tempo para respostas. Quando bota a mãe no táxi que as espera diante do hospital estão sós. Sós como sempre. Como nunca.

Três horas e meia depois, ela dá início ao segundo ato.

Bate na porta da sala do chefe de cauda azul e agora é tão melhor do que ele. Aquela metáfora do lide, ele diz. Ela interrompe. Sei que você não gosta das minhas metáforas, mas é a última vez que você vai ter de suportá-las. Ri um riso amigável. Eu vou precisar deixar a revista. Ele arregala o rosto. Surpreendido. Ou aliviado? Sabe que ele a considera competente, mas esquisita. São infinitas as formas de uma mulher adulta, razoavelmente atraente, com acesso a boas lojas, bons cosméticos e um bom cabeleireiro, encobrir a sordidez do próprio corpo. Mas há uma estranheza difusa que permanece. E é apenas pressentida pelo bicho agonizante, mas ainda vivo, de cada um. É isso que mantêm as pessoas afastadas dela. Ela sabe.

Minha mãe está muito doente. Somos uma família pequena e só temos uma a outra. Pensei muito, é uma decisão difícil para mim, mas minha mãe precisa de mais cuidados do que uma enfermeira pode dar. Vou precisar parar de trabalhar por um tempo para me dedicar apenas à sua recuperação. Pretendo entregar meu apartamento e me mudar para a casa dela. O chefe abriu a boca para falar, mas ela precisa seguir. Minha mãe tem uma pequena pensão, que servirá para cobrir as despesas fixas. Mas seria fundamental para mim nesse momento poder contar com meu fundo de garantia. É o que poderia nos sustentar até a situação se estabilizar, e eu poder retomar a minha vida. Sei que a conjuntura está difícil, a revista em contenção de gastos, mas seria muito importante mesmo se você pudesse me demitir. Ele abre a boca para falar. Ela silencia. Ele não fala. Ela sabe que o deixou sem saída. É agora a melhor das filhas, a melhor das mulheres, um ser humano excepcional. Não é mais a funcionária esquisita, mas a dedicada. Merece que a empresa faça o melhor por ela. É assim que sai, redimida. Ninguém pode sequer fofocar sobre alguém tão altruísta. É uma boa imagem de despedida caso um dia ela precise voltar.

Quatro horas e 15 minutos depois, ela dá início ao último ato. O penúltimo, na verdade, mas ela ainda não tem como saber

disso.

As faxineiras fizeram um ótimo trabalho, não acha?, diz à mãe ao entrar no quarto. Nem parece que você apodreceu aqui dentro. A mãe pisca. Pede para tomar um banho. É a primeira vez que ela dá um banho na mãe. Ela havia temido aquele momento, mas agora não sente nada. Nem mesmo repulsa. Não reconhece aqueles seios. Aquele corpo de uva-passa é outro. Ela não está lá. Nem a mãe está. Uma mulher jovem banha uma mulher velha. Não são elas.

Veste a camisola com cheiro de sabão na mãe. E agora pode reconhecê-la. Ajeita desajeitada a mãe na cama. Você precisa descansar. Responde à pergunta muda da mãe. Não. Eu vou dormir no quarto de hóspedes. E ri da piada de a mãe ter hóspedes. O quarto era para ela, mas ela já estava crescida quando a mãe vendeu a casa de esquina e comprou o apartamento. Ela nunca dormiu lá. Até hoje. Sente a pressão no pulso. Na mão boa, não na enfaixada. Olha para a mão de harpia da mãe, as unhas amarelas e indestrutíveis. Eu não gosto que você toque em mim, ela diz. A mãe não solta. O que você está fazendo?, a mãe pergunta na sua voz machucada. Eu estou cuidando de você. Retribuindo sua dedicação a mim. Não seja ingrata, mamãe querida.

Dá à mãe um remédio para dormir. Mas toda vez que passa pelo corredor sente os olhos da mãe sobre ela. Quantos comprimidos vai precisar enfiar na boca da mãe para não sentir os olhos dela a seguindo pela casa? Arruma suas coisas no quarto. É um quarto com móveis antigos e sólidos. Bons móveis. Tem uma porta de conexão com o quarto da mãe. Ela tranca a porta. E, quando volta a abrir, a mãe está em pé na sua frente. Sente-se criança de novo. Impotente diante do poder da mãe. Tem agora menos de um metro de altura. A mãe percebe que vacila. Ela se recupera. Volta para a cama, mãe. Você não pode ficar andando por aí. Mas a mãe pode. Com um pé e meio, e a mãe pode.

Compreende que é ela a raposa pendurada pela pata no alto da árvore. Continua sendo ela. A mãe enganou a todos com a

ajuda dela. E ela deu banho na mãe. E ela mora no apartamento da mãe. E ela depende da pensão da mãe. E ela não tem outra vida que não seja a da mãe. Saia de perto de mim. Não ouse se aproximar de mim. Bate a porta na cara da mãe. Encosta a poltrona na porta. Assim que amanhecer, vai chamar o chaveiro para reforçar as fechaduras entre ela e a mãe.

Vou morrer, ela pensa. Não consigo respirar. Estou me afogando. Arrasta-se até a mochila e tira de lá seu computador. Há algo que ela pode fazer. Que ela precisa fazer. Começa a escrever. Laura, diz a mãe com as unhas. O sangue corre para dentro das teclas. O capítulo um nasce ensanguentado.

15

Tinham me contado que os escritores eram uma espécie de deuses. Eles criavam um mundo em que podiam viver e escapavam deste pela porta dos fundos. Me preparei a vida inteira para ser deus. E só o que faço agora é desinventar a mim mesma. Acho que é isso. A realidade é uma ficção. E ao escrever eu vou quebrando essa criatura esculpida com amor e desespero. É o contrário. É preciso destruir a forma humana que está ali para alcançar a pedra.

Eu a sinto ali do outro lado da porta. E ela nem mais a arranha. Essa mãe de pé e meio. Eu cozinho para ela. E lhe dou a comida na boca para não ver suas mãos. Ela senta num banquinho dentro do box do banheiro, e eu lhe dou banho com um pano. Não olho, apenas faço. Sinto que ela vem se desconectando do corpo doente e nem mesmo tem insistido em lavar as mãos com seu sabão de toda vida. É como se a doença tivesse lhe sequestrado o corpo, e ela simplesmente o arrasta como uma carcaça com a qual já se resignou a conviver, mas que não é mais ela. Se ausenta do corpo e parece que está toda nos olhos que me observam. Já não pergunta mais se eu a perdoo. Às vezes pronuncia meu nome para ela mesma. Laura. Eu finjo que não ouço.

Essa passividade é nova, e eu a temo. O que ela está aprontando? Que mal ela me fará? Comprei uma tv de tela plana e a instalei diante da sua cama. Minha mãe nunca gostou de tv, mas eu não pergunto. Apenas ligo para não ouvir nem suas unhas que não mais arranham a minha porta nem a sua voz que já não fala. Ligo a tv e a deixo ali enquanto escrevo trancada no meu novo quarto. A Alzira-do-centro-espírita veio vê-la e a achou muito bem. Minha mãe perguntou dos espíritos e das obras de caridade do centro, e Alzira saiu satisfeita com o que considerou uma ótima conversa. Tão feliz de falar de si mesma que nem reparou que minha mãe não abriu a boca. Não é uma má pessoa, a Alzira. Apenas ingênua. Ela ainda me olha com um canto de olho desconfiado, mas começa a me achar uma boa filha. Afinal, que outra deixaria sua “glamourosa vida

de jornalista” para se trancar num apartamento velho com a mãe doente? Sim, eu sou ótima.

As paredes de mim me sufocam. Aviso minha mãe que vou sair. Se precisar, é só me chamar pelo celular que deixo na mesa de cabeceira. Ela me deseja um bom passeio como se fôssemos uma família normal. Será que existem famílias normais?

Ainda bem que você saiu. Eu já estava me sufocando com sua presença no ar que eu quase não respiro. Não se iluda, eu também sinto seus olhos e suas unhas ainda jovens arranhando a minha porta. Você, minha filha, me dá poderes sobrenaturais apenas porque tem medo da sua força. Desde pequena você sempre teve medo de assumir o desejo como seu. A covardia e a maldade que eram também suas. É para seus leitores que escrevo. Mas a decisão de publicar também a minha versão é sua. Será sempre sua. Eu não deixarei que você coloque mais uma violência na minha conta.

Desta vez, vai ter de assumir. Vai ter de me matar ou não na sua narrativa. Se me matar, vai saber que minha voz está ali, em algum lugar, ainda que ninguém saiba e que você queime o caderno. Sim, porque eu só sei escrever a mão. E acho que há mais coragem em escrever a mão, sopesando cada letra, que exige esforço e não aparece e desaparece numa tela como se as palavras pudessem simplesmente surgir ou simplesmente ser eliminadas sem que se pague um preço por isso. Seu pai mal sabia escrever, não se iluda. Seu talento você herdou de mim.

Não quero que vocês pensem que sou boa, porque não sou. Apenas estou velha. E muito, muito cansada. É estranho minha filha pensar que passei semanas me arrastando até a geladeira para comer até que nada mais houvesse lá porque queria lhe fazer mal. A ela. Ou que não paguei a conta da luz porque desejava ficar no escuro. Ou que gostei de assistir ao gato devorando o meu pé. Ou que tive prazer em ficar me mijando e me cagando, eu, que sempre fui tão limpa. Eu nunca tinha falado antes as palavras cagar e mijar. Nem são palavras minhas. Não, elas são, sim. Tenho de me policiar para não me fazer melhor do que sou. Nem pior. Mas sempre tive

esse pudor das palavras. Peido, por exemplo, é uma palavra difícil para mim. Peido peido peido. Pronto, também eu estou me libertando.

Nem mesmo sei dizer por que não pedi ajuda. Sei que minha filha acha que foi para puni-la, e os poucos outros que me conhecem pensam que foi por orgulho. É verdade que sempre fui uma mulher orgulhosa, mas não nesse sentido. Apenas me senti tão cansada. Até para reagir. Fiquei cansada do esforço despendido todos esses anos, décadas. Senti os dentes do tempo sobre meu corpo e desisti. Apenas desisti. Parei de me esforçar.

Foi só isso. Eu não queria causar mal, nem mesmo queria morrer. Só não queria ter de fazer esforço. Mas o corpo não desiste sem algum tipo de escândalo e aconteceu o que vocês já sabem.

Não acho que ela precisasse matar o gato. Sei que foi ela. E sei que deve ter gostado. Ela detestava o gato porque o gato gostava de mim. Será que o gato apreciou o sabor da minha carne? Vocês podem estranhar que eu o chame de gato e não pelo nome. Mas gato era o nome dele, nunca dei outro. Se pudesse, nem mesmo teria colocado o nome de Laura. Para mim seria filha. Mas o pai dela disse que era mais uma de minhas loucuras e que não era permitido registrar com o nome de filha. Naquela época, eu ainda o escutava, e então dei o nome de Laura, que era o nome da galinha de uma história infantil que uma escritora chamada Clarice Lispector escreveu pouco antes de ela nascer. Nunca mais li nada dessa autora, mas senti a compulsão de comprar esse livro ao vê-lo na vitrine da livraria quando estava grávida e pressentia que seria uma menina. A vida íntima de Laura. Não me parecia um conto para crianças, mas ecoava a estranheza daquela criatura dentro de mim, me comendo por dentro por nove meses. Não lembro quem disse, mas isso é um filho. "Aquele que entra em minha casa e não veio de fora". E, se for uma filha, mais tenebroso ainda.

Acho que sou uma velha mais comum do que penso, porque já começo a devanear. Era só para explicar por que o gato era gato. Tentei olhar nos olhos cinzentos do animal quando ele começou a me devorar pelo pé, mas ele não me encarou. Tinha sido sempre tão meigo e acho que não queria que eu visse a fera nele. A

verdade é que na hora nem me importei. A dor me fazia desmaiar e me dava um pouco de esquecimento. É incrível como a gente adquire a capacidade de não se importar nem mesmo com o que dói em nós. E doía. Doía muito. Mas o que eu imaginava? Que o gato morreria passivamente comigo como se fosse um Romeu e eu a sua Julieta? Ele estava enlouquecido de fome e fez o que a natureza lhe ensinou a fazer. Eu mesma não passei a vida devorando Laura? Ah, ela vai adorar essa frase.

A chave na fechadura. Laura voltou. Pensei que demoraria mais, que iria ao cinema. Laura é doida por cinema. Nunca entendi como alguém pode

16

Eu não sei para onde ir. Saio caminhando e, quando percebo, estou diante da livraria. Da maior de todas. Um projeto arquitetônico moderno, atendentes universitários, os livros como se fossem balas em embalagens brilhantes e estrategicamente iluminadas. Sempre é difícil para mim sair de casa. Por mais ameaçadora que a casa seja, eu sei o quanto minha mão pode me ferir. Mão, não. Mãe. Se sabemos o que esperar, até mesmo a dor pode ser confortadora. E eu descubro que o pior caminho é melhor que o desconhecido. Quero voltar, mas seria uma derrota. Fico perambulando acuada no meio daquelas tantas pessoas. Ainda que eu seja mais uma ninguém a vagar sem rosto pelas rodas de livros, pelas prateleiras, tenho a sensação de ser uma penetra. Tanta coisa escrita, tanta gente escrevendo. Por que eu escrevo? O que eu tenho a dizer que já não tenha sido dito de milhares de maneiras diferentes? A quem interessa o meu corpo de letras?

Sinto vontade de chorar por ser um não lugar naquele lugar que cobiço. Sento numa das poltronas e enfio meus óculos escuros para que não vejam meus olhos feridos pela rejeição. Sou alcançada pelo olhar do homem e me encolho. Ele tem um livro de Deleuze na mão. Lógica do sentido. Será que é uma modalidade de azaração que eu desconheço? Sentar-se numa livraria com um livro cabeça na mão e puxar assunto com uma deslumbrada com boa bunda? Sempre me surpreende o interesse de qualquer homem por mim. Me excita e me ofende ao mesmo tempo. E se eu sorrir para ele? E se nos enfiarmos num canto daquele conjunto comercial até sermos flagrados pelas câmeras? E se as imagens forem postadas no youtube, e eu virar um fenômeno do mundo virtual e for convidada para posar na playboy?

Começo a rir meu riso estranho, meio dobrada sobre mim mesma. Ele acha que rio para ele. O que é tão engraçado, ele pergunta. Você, eu digo. Eu? Por quê?, ele está meio sem jeito. E se eu quiser dar para você agora, você encara? Ele está um pouco assustado com a reversão. Eu deixo você comer a minha boceta se você me

deixar enfiar meus dedos no seu cu. Os dez, um de cada vez, como naquela brincadeira, sabe? Mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura-bolo, mata-piolho. Ele olha para os lados com medo que alguém escute. Meu preferido é o pai de todos. E o seu?

Ele levanta e vai embora. Nem se despede. Acho que não gosta de dedos no cu. Rio um pouco mais. E de repente me sinto tão sozinha. Afundo na poltrona, com vergonha. Você enfiaria mesmo seus dez dedos no cu dele? Tenho um sobressalto com a voz. Não sei como, mas não tinha visto aquele homem. Ele é um pouco calvo, tem cabelos grisalhos e uns óculos de aros grossos. E o segundo livro do Harry Potter no colo. Olha para mim com um meio sorriso acolhedor. Como se eu fosse uma criança travessa. E não o flagelo dos garanhões de livraria. Não sei, eu acabo respondendo. E nós dois rimos.

Eu também gosto do Harry Potter. Li todos os livros de uma vez só, comendo uma lata de leite condensado de colher, no sofá azul da minha casa. Eu mesma me surpreendo com a confissão. É muito mais do que falei nos dois últimos dias inteiros. Eu não li ainda, ele diz. Estou folheando, só. Mas, se é tão bom a ponto de você ler com leite condensado, então vou comprar o primeiro volume. Você gosta do primeiro? Gosto muito. O segundo, este que você tem na mão, não é tão bom, é o único que não é tão bom. Mas o primeiro é maravilhoso. Já dos filmes, eu não gosto muito. Você viu os filmes? Vi um deles zapeando na tv um dia, mas não sei exatamente qual era. Não me impressionou muito, não.

É isso que eu amo na cidade de milhões. É possível começar falando com estranhos sobre enfiar os dedos no cu e terminar em Harry Potter numa livraria no meio da tarde. Preciso ir, eu digo. Foi bom conversar com você, ele diz. Se quiser repetir, estou sempre por aqui nas quartas-feiras à tarde, quando tenho uma folga do consultório. Será que ele é médico, dentista, psicanalista? Tomara que não, psicanalista não. Dou um sorriso tímido e saio quase correndo, como se fosse uma menina. Nem me lembro de perguntar seu nome. Melhor assim. Os nomes nos ancoram a uma identidade. E o melhor daquele encontro é que ele era fluido, não tinha ficado impresso em lugar algum. Sem nomes, sem registro.

Estou no meio do caminho para o meu apartamento quando lembro que não moro mais lá. Tinha conseguido esquecer minha mãe graças ao homem do Harry Potter. Seria ele Você-sabe-quem? Piada interna. Quando enfio a chave na fechadura e pressinto o silêncio do apartamento se aproximando rapidamente com a boca aberta em minha direção, quero retroceder. Mas para onde eu poderia ir, agora que minha pata está presa à armadilha? E se eu pegar todas as economias da minha mãe e fugir para Nova York? Não, eu não conseguiria.

Tiro os sapatos. Minha mãe não é budista, mas nunca permitiu que entrassem na casa dela de sapatos. Acha que assim consegue deixar a sujeira da rua fora de casa. Justo ela, que se afogou em merda dias atrás. Mal entro no quarto para deixar a bolsa e me sinto invadida. Ela andou ali. Eu posso tocar a memória dela ali. O cheiro de sabão dela. Mãe, você entrou no meu quarto? Estou furiosa e quase a sacudo. Laura, eu nem consigo andar. Estou vendo o programa da Oprah, não vê? Eu poderia matá-la. Impassível naquela cama, com seus tentáculos se movendo pela casa.

Eu sei que ela entrou no meu quarto. Será que leu meus arquivos? O computador está desligado. Será que ela sabe mexer no computador? Eu não me surpreenderia se minha mãe fosse uma hacker tão boa quanto Lisbeth Salander. Fingindo não gostar nem de máquina de escrever, a dissimulada. E eu estava quase feliz. Maldita. Começo a tremer muito e me deito na cama em posição fetal. Antes que me desmanche e vire apenas uma poça no parquê, abro a gaveta onde guardo meu canivete suíço e caminho até sua cama. Oprah entrevista uma vítima de abuso sexual na infância. E o seu abusador. Ali, lado a lado na poltrona. Arregaço a manga da minha camisa e abro um sorriso fino acima do pulso. Limpo o sangue na tela de tv. Uma mancha de Pollock. E de novo estamos em território familiar.

17

Laura está trancada no quarto. Só ela tem a chave da porta de comunicação entre nós, eu não. Agora é ela a dona de todas as chaves. E eu prefiro que seja assim. Continuo muito cansada. Ela deixou a mancha de sangue na TV. Para me punir, provavelmente. E me pune. Nunca pude me acostumar com seus cortes. Cada vez que ela se rasga com aquele canivete, meu coração encolhe. Vários centímetros. É quando tenho certeza de que a amo porque temo perdê-la. E, ao contrário do que ela pensa, não temo perdê-la porque não teria mais ninguém para atormentar. Apenas queria que ela não precisasse se cortar. Sei que ela não vai à praia porque seu corpo bonito é uma paisagem de cicatrizes. Pequenas cicatrizes difíceis de explicar. Ou compridas, mas finas. Não como as cicatrizes de cirurgias, que todos perdoam. Eu não entendo por que ela faz isso. E só a deixei partir porque temia que um dia o corte fosse definitivo.

O que estou dizendo? Acho que eu não teria mais como segurá-la, mesmo que quisesse. Mas gosto de pensar que sim. Porque Laura, como uma galinha, nunca vai muito além do quintal. Sempre cisca perto de casa, perto de mim. Laura é um pintinho que não vira galinha. Não pode nem ir para a panela. Ah, meu Deus, não posso rir que me dói o corpo inteiro. É curioso como eu fui parir uma criatura tão fraca. Talvez fraca não seja a palavra. Ela saiu de casa, me deixou e fez a vida dela. Tenho todas as suas reportagens guardadas. Laura parece boa no que faz, e eu gostaria de elogiá-la, mas ela não acreditaria. Seria capaz de desistir da profissão se eu dissesse que gosto do seu trabalho. Laura é sentimental, talvez. Não fraca. Nisso puxou ao pai. Às vezes eu tenho vontade de dizer a ela: por que você não me larga de uma vez e vai viver a sua vida? Mas eu não digo. Não digo porque sou egoísta, e Laura é tudo o que tenho. Bem ou mal, só sei que tive uma vida quando vejo Laura carregando suas cicatrizes pela casa.

E eu tive uma vida. E não tive uma mãe. Talvez seja por isso que eu não tenha sido uma boa mãe. Eu nunca soube o que uma mãe

deve fazer. A minha morreu no parto. No meu parto. Nunca me senti culpada por isso. Meu pai nunca me culpou também. Sempre tivemos, eu e ele, uma mente lógica. Como eu, que nem sabia de mim, poderia ser culpada pelos erros dos médicos? Era o que ele me dizia. E eu nunca questionei porque achei que fazia sentido. Meu pai era um homem bonito, másculo, um militar. Acordava muito antes do Sol para fazer exercícios físicos e ao final tomava um banho frio. Tinha o corpo todo duro. Nenhuma parte mole.

Quando eu fiz seis anos, ele começou a me tirar da cama para acompanhá-lo. Às vezes eu queria dormir mais, especialmente no inverno, mas não ousava pedir. E valia a pena porque meu pai me elogiava, dizia que, se seus soldados fossem como eu, o Brasil teria jeito. Meu pai não gostava dos rumos do país nem do desfecho da guerra que acabou antes de eu ter idade para entender. Mas não falávamos sobre as coisas tristes. Tínhamos uma boa vida, eu e ele, dentro de casa. E às vezes eu pensava que era bom não ter mãe. E esse pensamento me deixava um pouco culpada. Mas eu logo concluía que era bobagem, porque o que eu desejava não tinha significado nada na ordem das coisas.

Foi uma vida boa até eu aprender a ler e a escrever. Meu pai mesmo me ensinou. Na minha infância as escolas não eram mistas, e as meninas de boa família estudavam em colégios de freiras. Mas meu pai não gostava que eu convivesse com outras crianças porque podia aprender coisas erradas. Então nunca fui à escola. Ele me dava a primeira lição antes de ir para o quartel, depois dos exercícios e do banho frio. E me deixava muitas tarefas que eu deveria fazer ao longo do dia. E eu fazia todas no capricho, o que me mantinha bastante ocupada. Especialmente as dez páginas do caderno de caligrafia. Minha letra era redonda, bem feminina, ele costumava dizer.

Uma noite meu pai começou a me ditar cartas. Antes, me fez lavar bem as mãos com um sabão artesanal que ele comprava sempre na mesma farmácia porque não gostava dos industrializados que estavam na moda. Dizia que a sujeira permanecia mesmo que gastasse o sabonete inteiro numa única

vez. O cheiro do meu pai era o desse sabão. E logo seria o meu também.

Maria Lúcia, ele dizia, você agora é a minha secretária. Eu tenho artrose nos dedos, e minha letra já não é tão boa nem tão bonita quanto a sua. Você quer me secretariar, não quer? Eu queria, claro que queria. Descobri logo na primeira noite que meu pai tinha outras mulheres além de mim. Era para elas que eu escrevia, desenhando cada letra com uma caneta tinteiro com ponta fina. De ouro. Meu pai gostava da tradição e gostava do melhor. Para ele, o mundo de antes era perfeito. E o de agora, com as moças cada vez mais espevitadas, como ele dizia, não prestava.

No início eram cartas rebuscadas, com palavras cujo sentido eu não alcançava. Ósculo, por exemplo. Só fui entender no dia seguinte, quando desobedeci ao meu pai e peguei a escada de limpeza para alcançar o dicionário lá na última prateleira da estante. Tremendo de medo porque era bem dele ter preparado alguma armadilha para me pegar em flagrante. Como deixar uma mancha preta no dedo quando virasse as páginas. Ou veneno. Não, ele não queria me matar. Não mesmo. Só queria me revelar.

O dicionário era proibido para mim. Meu pai achava o dicionário altamente perigoso. E tudo o que era perigoso deveria ser eliminado. Ou pelo menos controlado de perto. Você é uma menina inteligente, Maria Lúcia. Puxou a mim. Você acha que tem idade para ter acesso a todas as palavras do mundo? E ele arredondava este tooooodas com sua voz de barítono. Não, eu não achava. Mas deste dia em diante passei a sentir a presença do dicionário como uma terceira pessoa naquela casa sem visitas.

Na manhã seguinte à primeira carta, eu decidi descobrir o que era ósculo. Esperei uma hora e meia depois que meu pai saiu para o trabalho porque às vezes ele voltava dizendo que tinha esquecido alguma coisa. Mas eu sabia que ele queria me surpreender, caso eu estivesse fazendo algo errado. Isso acontecia várias vezes por semana. De ele aparecer de repente, ao longo do dia, com alguma desculpa. Ele sabia que eu sabia que era desculpa. E eu sabia que era para eu saber que era desculpa. Assim eu vivia sob vigilância constante, já que ele não confiava em ninguém para botar dentro de

casa, e eu passava o dia sozinha. Se naquela época existissem as câmeras de hoje, meu pai teria ficado muito feliz monitorando cada um dos meus passos, e tenho certeza de que não deixaria nem o banheiro de fora.

Meu pai, porém, era pudico com o meu corpo. Nunca tocou em mim. Nem mesmo para me dar colo ou um beijo de aniversário. Meu pai achava que uma relação decente entre pai e filha não incluía o toque. E eu passei a infância toda sem nenhum carinho, mas, como eu não sabia que fazia falta, acho que não fazia falta mesmo. E como eu quase não saía de casa, não tinha muita referência. E meu pai era presente, hoje eu sei que onipresente. Então acho que eu tinha mais carinho que qualquer outra filha.

Mas me estendo, prolixa como todo velho.

Naquela manhã, eu ajeitei a escada com todo cuidado para não marcar o assoalho e subi por ela até o dicionário. Não sei o que pesava mais ao descer, se o pai dos burros, como meu pai dizia, ou a minha alma. Folheei as páginas de seda com a ponta dos dedos. L M N O. Encontrei ósculo, entre osculatório e osdroeno. As palavras ficaram gravadas em mim. E às vezes, muito tempo depois, quando já era uma mulher adulta e queria esquecer algo ruim, eu ficava repetindo para mim mesma. Osculatório osdroeno osculatório osdroeno osculatório osdroeno. Ainda hoje, às vezes me pego fazendo isso. Como quando o gato comeu um pedaço do meu pé. Meu pai tinha razão, o dicionário era incompreensível para mim. De todas aquelas palavras, eu só entendi uma. Beijo.

Num sábado, quando meu pai e eu fazíamos a compra da semana na mercearia, eu vi dois jovens com a boca colada no beco atrás da loja. O rapaz tinha cabelos arrepiados, e a moça, uma saia rodada tão bonita. Eu tinha pedido ao meu pai para brincar com o cachorrinho que ficava do lado de fora. Ele deixou, desde que eu não corresse e suasse o vestido. Vi o rapaz colocar a língua na boca da moça, que também colocava a língua na boca do topetudo. Primeiro fiquei parada, olhando. Depois senti uma coisa quente na barriga e corri até o meu pai. Sacudi o seu braço, coisa que eu não costumava fazer porque ele achava esse tipo de atitude indigno de uma menina bem-educada. Mas só fiz porque achei que meu pai

poderia salvar a moça, e a moça precisava ser salva. Arrependi-me um minuto depois. Meu pai marchou até lá e os separou com um safanão. Era só um beijo, a moça disse, ajeitando a saia, nervosa. O rapaz empinou o queixo, mas a moça o puxou pela mão, e os dois saíram correndo. Do outro lado da rua, a moça gritou: "Tomara que sua filha seja uma meretriz!".

Perguntei a ele o que era meretriz, e meu pai ficou muito zangado. Não falou comigo pelo resto do fim de semana. Estava na lista das palavras que eu precisava encontrar no dicionário. Mas não tive tempo. Ao ler o significado de ósculo, lembrei da cena. Beijo. Então era aquela coisa repugnante que meu pai queria fazer com a mulher da carta? Na verdade, com o colo da mulher da carta. Senti um líquido quente escorrer entre minhas pernas e soube que tinha me urinado.

Ouço Laura se mexer no quarto ao lado. Deve estar com insônia de novo. Estou escrevendo com uma lanterna embaixo das cobertas, para ela não perceber a luz. Acho que é melhor eu parar agora. Nem sei por que escrevi isso. É engraçado como a gente quer escrever uma coisa e acaba escrevendo outra. Talvez acontecesse isso com o meu pai quando me ditava as cartas. Talvez seja essa a explicação.

18

O Sol entra pelos furos da persiana. Sempre entra, mesmo que pessoas como eu não acreditem em Sol. Prefiro a chuva, que não obriga ninguém a ser feliz. Mas agora tanto faz, já que não vou sair da cama mesmo. E, ao contrário do que poderiam pensar, prefiro não sair. Posso simplesmente fechar os olhos e imaginar uma tempestade só minha. Tive pesadelos depois de escrever. Fazia muito tempo que não falava do meu pai. Talvez nunca tenha falado dele. Quando Laura perguntava, apenas contava que era um homem bonito, um homem de verdade, limpo e duro. Um homem forte. Ela me olhava, e acho que não entendia, porque o pai de Laura era o oposto disso. E Laura não conheceu muitos pais. Como eu.

Como tudo teria sido se ele não tivesse morrido? Nos pesadelos, ele aparecia nu. E em vez de ficar assustada, eu o agarrava com as minhas pernas como se elas fossem as pinças de um escorpião. E gostava. Acho que devo mesmo ser louca como Laura diz que sou. Acordei suada e com vontade de vomitar. Mas prefiro escrever. Aproveito que Laura dorme até mais tarde para se recuperar da insônia ou porque prefere não ter de sair da cama, agora que dorme sem mim. Acho que logo ficaremos assim, eu e ela, cada uma na sua cama. Morrendo sem alarde.

Não havia mais geografia, nem história, nem matemática. Só língua portuguesa. Só língua. Meu pai me ditava cartas cada vez mais longas. E eu não precisava mais do dicionário para saber o que elas significavam. As palavras ardiam em mim. Como é possível alguém que nunca saiu de casa desacompanhada saber que algo era errado? As palavras queimavam os meus dedos e abriam sulcos pelo meu corpo, pelas minhas pernas, incinerando a pele por onde passavam. E eu fazia xixi de repente desde o dia em que abri o dicionário, minha versão particular da caixa de Pandora. Nunca tive a curiosidade de descobrir se restou a esperança.

Meu pai ficava furioso, e eu sentia que ele desejava me bater, mas tinha medo de me tocar com as mãos. Sua menina suja, o que

deu em você, Maria Lúcia? E eu sabia que suja era ruim, mas também era bom, porque nas cartas ele queria fazer coisas sujas. E então eu fazia xixi de novo. E a carta tinha de ser interrompida. Ele me mandava para o quarto, e eu ficava aliviada.

Mas no dia seguinte, quando ficava em casa sozinha, eu precisava me lavar o tempo todo, meu corpo inteiro, até quase arrancar a pele que foi ficando avermelhada e começou a escamar. As palavras se enrolavam em mim e me contaminavam. Eu chorava de pavor, mas não havia ninguém. Elas entravam na minha cabeça pela voz dele e lá ficavam se dizendo sem parar. E um dia elas gritaram tanto, uma depois da outra e todas ao mesmo tempo, tantas e tantas vezes, que eu comecei a bater a cabeça contra a parede até desmaiar.

Quando meu pai chegou, me encontrou no chão com a cabeça pingando sangue. O que aconteceu, ele perguntou. E eu disse, dessa vez eu disse. As palavras da carta não paravam de gritar na minha cabeça. Percebi que ele ficou assustado e eu nunca tinha visto meu pai assustado antes. Mas ele era obrigado a me levar ao hospital, e o médico não acreditou na explicação de que eu havia caído de cabeça do alto do guarda-roupa, onde tinha subido para apanhar uma blusa de inverno. O médico se calou por causa das medalhas no peito do meu pai, mas meu pai e eu sabíamos que ele não tinha acreditado. Meu cérebro se recuperaria, ele garantiu. Mas era melhor que eu não tentasse pegar mais nenhuma blusa de frio no alto do armário. E meu pai entendeu. E eu também entendi.

Quando eu voltei para casa, foram semanas sem aulas. Ficávamos os dois lá, sem palavras, à luz do abajur. Primeiro eu senti alívio, mas, depois das primeiras noites, comecei a me sentir muito sozinha. Meu pai não olhava para mim e estava triste. Ele não falava, mas eu sabia que estava triste. E ele não era um pai ruim, eu também sabia. Eu o via na madrugada, aquele homem acostumado a comandar outros homens, mexendo nas panelas como se fosse uma mãe de família, preparando meus pratos preferidos para o almoço sem ele. Passando meus vestidos com zelo, um pano de prato umedecido entre a roupa e o ferro para não machucar o tecido. Era nessas dobraduras do dia que eu percebia o imenso

amor do meu pai por mim. E uma fragilidade que me era penoso reconhecer.

A culpa pela sua tristeza era minha, eu sabia. Eu queria, mas tinha medo. Uma noite não pude mais e arrisquei. Pai, eu disse, acho que já posso voltar a estudar. Ele me olhou, um pouco assustado no início. Mas depois vi que um sorriso velado se desenhava no seu maxilar quadrado. Mais terrível porque sem dentes. Um sorriso que era também uma vitória. E eu me lembrei do quanto ele gostava de vencer, ainda que nem por um minuto eu duvidasse do seu amor. Você tem certeza de que já está recuperada? Minha garganta se fechou, e as palavras arranharam a traqueia, mas ficaram presas ali. Só pude confirmar com a cabeça. E tudo voltou ao normal. Era esse, afinal, o normal que eu conhecia.

Eu é que me tornei diferente. Talvez por causa da concussão no cérebro. Não fazia mais xixi de repente nem escutava as palavras gritando dentro da minha cabeça. Eu não sentia mais nada. Apenas escrevia, e aquilo não tinha nada a ver comigo. As palavras agora eram como pássaros empalhados. Sem carne por dentro. Palavras mortas como pássaros mortos. Como menina morta. E quando eu estava só durante o dia, eu apenas ficava lá ouvindo o silêncio na minha cabeça. E era melhor assim.

Será que Laura não vai acordar? De repente sinto vontade de ouvir os sons de Laura. Ainda me parece incrível que alguém como Laura tenha saído de dentro de mim, que qualquer coisa viva tenha saído de dentro de mim. E mesmo Laura quando saiu de mim, saiu de mim sem som. O médico achou que ela estava morta. Porque lhe dava tapas cada vez mais fortes, e ela não reagia. O médico a espancava, e ela não reagia. Mas a enfermeira garantiu que ela respirava. O médico então achou que ela tinha algum retardo mental e me disse isso com muito tato depois que ela abriu os olhos sem um gemido. Mas eu sabia o que ele não poderia saber. E ali comecei a desconfiar que ela era minha. Minha criatura. Uma dinastia de mulheres destinadas a viver sem palavras.

Laura nunca chorou. Foi um bebê que nunca chorou. Apenas ficava lá, com seus olhinhos abertos, olhando e olhando. Sem som.

19

Ela me roubou as palavras, a minha mãe. Sinto sua presença em tudo, na minha pele, no cheiro do meu corpo, no corpo das letras que escrevi. E por isso as palavras são menos minhas. E o indizível agora se tornou não mais uma busca pelo que está fora das palavras, mas uma impotência. Ela me faz querer arrancar lascas da parede com as unhas, e é o que eu tento fazer até rolar no chão numa bola de dor. Como os tatuzinhos da minha infância que eu espetava com um graveto para vê-los se fechar em si mesmos. Ficava horas diante da minha vítima no quintal, e ela não se abria. Uma unha minha destruiria seu mundo inteiro, e apenas uma vez eu fiz. Crac. E não havia mais nada lá. Era assim que a vida acabava. Num crac. E aquilo foi mais aterrorizante do que os filmes de terror que mais tarde eu veria um após outro para tentar sentir um medo que não me ameaçasse.

Minhas unhas machucadas não me pacificam, mas me tentam. O desejo de me cortar é tão imperativo quanto um dia foi o de fazer xixi. Eu posso resistir por algum tempo, mas não o tempo todo. Meu sangue derramado é a minha droga. Bizarra e tóxica para os outros. Para mim, não. É vida. Estou tentando me salvar, ainda que tenha de cortar as próprias cicatrizes se já não houver mais carne ainda não aberta. E um dia terei uma nova pele, um corpo inteiramente recortado por mim. Mas o que está lá dentro, o que está lá dentro eu sei, vai ter sempre cheiro de sabão.

Em vez do canivete, eu pego uma caneta e roubo uma pilha de folhas de ofício da impressora. Desta vez preciso ferir o papel com a ponta dura da caneta, não é possível digitar palavras que não viram corpo num mundo virtual e portanto sem fronteiras. Eu preciso muito de fronteiras e nunca entendi aqueles jargões publicitários de uma vida sem limites. Para mim, a liberdade sempre esteve ligada à capacidade de erguer muros cada vez mais altos.

No dia em que abri o primeiro sorriso na minha barriga, logo depois do prazer vitorioso do corte, iniciou em mim uma dor excruciante. Como se alguém enfiasse duas mãos grandes dentro

do meu corpo e abrisse com elas as minhas costelas. Achei que sairia de mim um bebê, uma irmã gêmea e monstruosa como numa história que ouvi um colega contar uma vez numa roda de crianças, alto o suficiente para eu escutar do canto onde me escondia no recreio. Uma prima de uma tia descobrira um feto ao fazer uma cirurgia de apêndice. Uma irmã gêmea, segundo o médico, que não tinha se desenvolvido e ali restara até aquele dia. O feto tinha até dentes, o garoto contava para as crianças, que não dormiriam naquela noite. Eu, pelo menos, não dormi.

Agora era eu que paria um monstro. E não queria. Era menos assustador se continuasse dentro. Dentro minha mãe não saberia. Me encolhi no chão envolvida em mim mesma como um tatu-bola, temendo o crac de dentro para fora de um pé intimamente desconhecido. E enquanto mantinha o maxilar travado porque não me revelaria à minha mãe, eu uivava no interior de mim, e o eco reverberando na minha cavidade torácica me apavorava tanto quanto a dor porque não soava eu. Durou a noite inteira, as mãos me abrindo, e eu sem entender por que não me arrebentavam de uma vez, mas sem querer que a coisa saísse. Será que não havia um jeito de enfiá-la de volta para dentro como um segredo para sempre meu? Eu abraçava minha barriga porque pensava que o monstro sairia por ali, e o sorriso se escancarava.

Começou ali. Como tudo em mim, meu corpo aberto por uma literalidade, à faca. Mas o que sairia dali, agora que já estava feito? Eu desejava e temia. A outra filha que eu escondia, e que minha mãe aspirava com seu faro de bicho. Se eu entregasse essa outra, será que ela me deixaria viver fora dela?

Em algum momento dormi de exaustão. Quando acordei ainda doía, mas menos. E o sangue escorria do vão das minhas pernas. Procurei minha gêmea no chão do quarto, mas só havia aquele sangue grosso, quase negro. Enfiei os dedos e como um animal cheirei e lambi. E era quente e tinha um gosto diferente do meu. Nesse instante minha mãe abriu a porta e me viu no chão com os dedos encarnados. Eu matei sua outra filha de novo, eu queria dizer. Sua filha boa. O monstro sou eu. Mas tive medo de falar. Seu olhar desceu pelo meu corpo e estancou nas minhas pernas. Ela abriu a

boca. Não num sorriso, mas num esgar. E disse. Então você agora é uma mulher.

O parto, afinal, era o meu.

20

Dias depois os cabelos começaram a nascer de novo na minha cabeça. Não mais castanhos como antes, mas vermelhos. Não alaranjados, como os de tantas ruivas. Mas vermelhos. Não mais lisos, mas em cachos. Fortes. Não há ninguém com um cabelo assim na minha família, minha mãe acusou. E seu pai tinha aquele cabelo fininho cor de burro quando foge. Estranhava, a minha mãe.

Eu amei meu cabelo desde o primeiro fio. E nunca deixei ninguém, nem mesmo ela, cortar.

Tenho vontade de voltar à livraria. Saber se o homem do Harry Potter estará lá. O homem que tem um consultório. Talvez não seja culpa da minha mãe desta vez, de as palavras se enfraquecerem em mim. Este desejo de fora sempre me drena. É difícil saber como nomear cada coisa, e uma palavra nova desordena tudo. As palavras não são fáceis, pelo menos para mim. Preciso sempre fechar bem as pernas para que elas não me escapem deixando um vazio que não é silêncio.

21

Laura foi à livraria. De novo. É impressionante como essa menina gosta de livros. Olhou-me desconfiada antes de sair. Acho que percebeu que eu queria muito que saísse. Toda vez agora ela acha que vou fazer algo proibido enquanto está fora, controla cada olhar meu como se eu fosse uma criminosa. Morre de medo que entre em seu precioso quarto e leia seus escritos. Eu faço isso sempre que consigo me arrastar até lá. Mas estou perdendo o interesse.

Desde que comecei a escrever neste caderno só tenho vontade de escrever. Se pudesse, não dormiria, não comeria, não respiraria. Ficaria aqui, apenas escrevendo. Finalmente entendo porque Laura gosta tanto de escrever. Para mim, sempre me pareceu uma perda de tempo. Teria preferido que Laura fosse vendedora de qualquer coisa a jornalista. Nunca achei decente esse negócio de escrever, pior ainda sobre a vida alheia, como ela fazia até pouco tempo. E agora estou aqui, escrevendo numa cama como se disso dependesse a minha vida. Vida não. Laura disse que um texto só é bom se não fica repetindo palavras. Existência. Escrevo como se disso dependesse a minha existência.

Talvez eu não gostasse de escrever nem de quem escreve porque as palavras eram do meu pai. Eu era apenas um corpo do qual ele se utilizava. Minhas letras ficavam presas ali naquelas linhas do caderno de caligrafia como insetos numa teia. Quem seria a aranha? Depois de velha fiquei assim meio louca, rindo sozinha de piadas que só eu acho graça.

Engraçado como tudo acontece, e a gente não para de se surpreender mesmo quando o tempo das surpresas já passou. Eu deveria estar pensando no que vem depois. Mas não. Tenho certeza de que ainda vou atormentar Laura por muito tempo. Não como espírito, porque não acredito nisso. Eu frequentava o centro espírita porque achava divertido assistir àquelas pessoas falando com outra voz. Ainda acho. Era melhor que novela das oito. E gostava do ambiente, ainda gosto. Eu fazia caridade, e elas me achavam uma boa mulher. É bom ser uma boa mulher, pelo menos em algum

lugar. É bom estar em qualquer lugar em que a gente não precise ser a gente mesma. Laura me lembra sempre de quem eu sou. E de que não gosta de quem eu sou. Eu mesma já não gostava antes de Laura sair de mim.

Cristo, como eu devaneio. Tornei-me uma velha chata e repetitiva que sente dor quando ri. Dou-me conta agora de que nunca ri tanto. Nunca fui o tipo de pessoa que ri, aliás. E agora não consigo parar de rir e dói. Mas o que eu dizia era que vou atormentar Laura por muito tempo ainda porque tenho certeza de que vou viver muito. Talvez passe dos cem. Não sei de onde tiro essa ideia, porque minha mãe era frágil, como dizia meu pai, e morreu no parto. E meu pai morreu de repente, aos 44 anos. Era tão bonito o meu pai no caixão. Um homem distinto, ainda jovem e duro. Morto, e eu sabia que me olhava.

Meu pai nunca quis aparecer no centro espírita. Talvez eu fosse lá para que ele aparecesse e eu tivesse certeza de que está num lugar só. Mas meu pai está em toda parte. Às vezes estou aqui, escrevendo no caderno, e sinto que ele me espia. Então pioro a letra, porque sei que isso o deixa furioso.

Ele me ditava uma carta, como fazia toda noite. Durante o dia agora era eu que limpava a casa, cozinhava, lavava e passava. E ele me trazia alguns livros que julgava adequados para mim, mas que eu não gostava muito. Preferia bordar. Tinha aprendido sozinha a bordar, e isso era algo que eu podia fazer por horas sem me cansar. E eu tinha muitas horas de solidão naquela sala escura enquanto esperava meu pai chegar do quartel. Ele não gostava que eu abrisse as janelas porque dizia que sempre havia o risco de algum vizinho enxerido me espiar de binóculo, ainda que estivéssemos no quinto andar. O único que me espiava por 24 horas era ele, mas eu me calava.

Na madrugada, quando acordávamos, meu pai escancarava todas as janelas para renovar o ar. Depois as cobria com cortinas azul-marinho. Se eu precisasse de luz, havia abajures espalhados pela casa inteira. Era assim que eu bordava horas a fio. E meu pai não tinha nada contra o bordado, que considerava um passatempo adequado a uma moça de família. Eu bordava flores, muitas flores.

E a maior parte delas vinha da minha imaginação, já que eu quase não saía de casa e por ali só existiam as mesmas plantas sem graça. Eu só saía com meu pai, e só aos fins de semana, quando fazíamos as compras na mercearia, e ele me levava para tomar um sorvete. Algumas vezes, quando passava um filme compatível com seus valores morais, ele me convidava para ir ao cinema, mas era raro passar um filme que acrescentasse algo a uma pessoa de bem, como ele dizia. Em geral, ele considerava o cinema uma invenção imprópria e um tanto perigosa, e por isso fiquei muito surpreendida quando encontrei uma fotografia de Cyd Charisse no bolso de sua calça quando fui lavá-la. Mas só descobri que era Cyd Charisse quando ela morreu e a reconheci nas fotos do jornal. Eu mesma não conheço muitos filmes nem atrizes, acho que sou parecida com meu pai também nesse sentido. Quem entende de cinema é Laura, sempre fantasiando alguma coisa naquela cabeça dela. Mas por que eu estou falando nisso? Tenho de voltar lá atrás para retomar o ponto. Ficar velha é uma desgraça, ainda bem que meu pai morreu jovem, ele não teria suportado.

O que importa é que não sei de onde vinham aquelas flores coloridas, com formatos esquisitos. Meu pai também não sabia. Olhava intrigado para meus bordados e nunca quis usar nenhuma das minhas toalhas ou colchas na casa. As nossas ainda eram as do enxoval da minha mãe. A mim não importava porque eu já ficava bem satisfeita bordando aquelas flores. E fui enchendo com elas um quarto que ninguém usava, planejado para ser o do irmão que nunca tive porque minha mãe morreu comigo.

Acho que estou me repetindo. Como se agora fosse eu que desse voltas na teia das palavras. De repente me deu saudade das flores. Parei de bordar quando casei com o pai de Laura, nem sei bem por quê. Perdi a vontade, acho. E nunca mais tinha sentido desejo de voltar a bordar. Até hoje. Será que eu ainda consigo? Olho para as minhas mãos artríticas, como as do meu pai, e percebo que estão amarelas. Que engraçado, parece que estou com hepatite. Tomo tantos remédios todo dia, que Laura me dá meticulosamente, como tudo o que ela faz, que possivelmente deve ser algum efeito colateral. Tenho mais químicos em mim que um pacote de miojo.

Rindo de novo. Quando rir não me causava nenhuma dor física, eu não ria. Estou reduzida a uma velha idiota.

Eu estava sentada à mesa envernizada da sala com o vestido azul de que meu pai tanto gostava. Ele me ditava uma carta. Nunca esqueci a palavra. Era nova e me provocou uma queimação por dentro. Ele tinha acabado de pronunciar essa palavra quando arregalou os olhos e colocou as duas mãos no peito. Ainda repetiu a palavra com uma voz que não parecia a dele. E caiu sobre o tapete de losangos da sala. Caiu de uma vez, mas para mim parecia em câmera lenta como no cinema. Eu não me mexi na hora. E acho que não me mexi por um tempo bem largo. Depositei a caneta na mesa com cuidado e bem devagar chamei. Pai. E pai de novo. Toquei-o com medo, porque meu pai não gostava de toque. Nada. Eu não sabia o que fazer. Fiquei ali, sentada no chão ao lado dele, por horas talvez. Sim, foram horas, porque quando percebi o Sol clareava o azul da cortina. Eu tinha passado a noite balançando para frente e para trás.

Pai. Nada. O que eu faço? Eu não tinha autorização para falar com ninguém nem abrir a porta do apartamento quando estava sozinha. E quando não estava sozinha, era meu pai quem conversava com o porteiro e resolvia o que havia para resolver. Ninguém no prédio nem tentava falar comigo, acho que pensavam que eu era meio retardada. Mas eu sabia que sempre havia um porteiro no térreo. Meu pai ficaria furioso comigo se acordasse. Mas meu pai estava frio agora e mais duro ainda. E eu achava que estava morto. Como eu poderia saber disso? Acho que há instintos que a gente tem, como os bichos, mesmo que não saia de casa. Desci pelas escadas porque tive medo de pegar o elevador sozinha. Parei na frente do porteiro e disse. Meu pai não acorda. Algo assim. Ele não respondeu logo. Ou me pareceu que demorou. Depois, perguntou alguma coisa, mas eu não entendi. Fiquei ali, balançando para frente e para trás, em pé diante do balcão da recepção.

O porteiro subiu comigo. Não me lembro disso, mas sei que aconteceu porque ele já estava na sala sobre o corpo do meu pai. Eu queria dizer que meu pai não gostava de ser tocado, muito menos por estranhos, mas minha voz continuava trancada. Depois,

foi tudo um redemoinho. Só me lembro de retalhos. Meu pai estava morto. Enfarte fulminante, disseram. Veio alguém do quartel e cuidou de tudo. E de mim. Ela está chocada, eu ouvi uma fulana cochichar. Porque eu continuava me balançando para frente e para trás. Como poderiam saber que eu nada sabia? Era a primeira vez que recebíamos visitas.

Despertei quando me mostraram meu pai arrumado no caixão. Estava tão bonito o meu pai, metido em seu uniforme de gala, o corpo coberto por medalhas. Poderia acordar a qualquer momento e continuar a me ditar a carta. Caminhei até o quarto do irmão que não tive e peguei a colcha mais colorida de todas. Cobri meu pai com ela. Seu uniforme, suas medalhas, seus coturnos reluzentes, tudo. Não tenho certeza se seu pai gostaria, disse a secretária de não sei quem. Ele sempre disse que, quando morresse, queria ser sepultado com essa colcha, menti. Eu não era, afinal, tão inocente. Eu podia ser má. Até bem má eu acho. Ele foi enterrado com as minhas flores de cores berrantes e formatos exóticos. Quem sabe agora, cevadas na carne do meu pai, elas não nasceriam?

A partir daquele momento comecei a prestar atenção em tudo. E quando, depois do enterro, me perguntaram se eu tinha algum parente, eu disse que tinha acertado passar uns tempos com uma tia por parte de mãe. Não, não precisavam se preocupar, o apartamento era seguro. Sim, antes de partir eu abriria uma conta em meu nome para receber a pensão do meu pai. Eu tinha 22 anos, e não havia nada que pudessem fazer. E ninguém tinha vontade de sair do rumo da própria vida para se preocupar com uma órfã daquele tamanho.

Quando todos foram embora, eu limpei. Esfreguei tudo até a pele das minhas mãos começarem a se desprender. Então olhei para eles, os cadernos de caligrafia. E queimei, um por um, na pia da cozinha. Nunca escrevi a última palavra que ele me ditou. Vou escrever agora, pela primeira vez. E, como se fosse uma mocinha boba, a palavra me queima como naquela derradeira noite. Depois de meio século vagando entre nós, vou escrevê-la. A palavra que matou o coração do meu pai. Bem devagar, porque pressinto que este é um grande momento.

Voragem

23

Se não fosse uma heresia usar esse adjetivo para ela, eu diria que minha mãe está feliz. De repente, ri sozinha na cama. Quase não consegue conter a alegria quando aviso que vou à livraria. Quase, não. Não consegue. Não tenho ideia do que está se passando na cabeça dela, mas sei o que passa pela minha. Quero ver o homem do Harry Potter. É estranho, porque é um homem mais velho. E eu gosto de homens jovens, de carne dura. Gosto de sentir os músculos movendo-se debaixo das minhas mãos, a pele nova que ainda não foi mastigada pelos dias. Mastigo eu a única virgindade que me excita.

Quero resolver o incômodo. Por isso paro diante dele. Com minha cabeleira vermelha flamejando ao redor da cabeça sou uma santa do inferno. Você veio, afinal, ele diz. E de novo tem um Harry Potter na mão. Agora o primeiro. É uma senha sua, o livro do Harry Potter? Um artifício para comer garotinhas? Ele parece não ligar para a minha malcriação. Eu esperava por você. E pensei que talvez você não se lembrasse de mim. Então fiquei aqui com o livro, como se fosse uma rosa vermelha, porque sabia que do Harry Potter você não se esqueceria. Não sei. Talvez você seja mesmo um pedófilo. Ele ri um riso bom, como se eu tivesse dito uma amenidade.

Quer tomar um café?, ele convida. Não, eu quero comer você. Ele ri de novo. E parece mesmo se divertir. Eu ainda não estou pronto para ser comido. Talvez depois de algumas quartas-feiras e alguns cafés. Você é viado?, pergunto. E sei que a pergunta ofende a minha inteligência. E a dele. Sugerir a homossexualidade de um homem porque não sente desejo por mim é de um ridículo indesculpável. Mas ele me desculpa. Viado? Não até agora. Um ou outro caso na faculdade, para ser honesto. Ele parece ter infinita paciência. E afinal só me resta tomar um café. Só que eu não sei o que conversar. E isso me desconcerta. Ele não se importa muito em conversar. Tomamos nosso café em silêncio.

Você é médico?, preciso perguntar. Não. Dentista? Não. Não vai me dizer que é psicanalista! Não. Sou massagista. Eu não esperava

por isso. Por quê?, confronto. Gosto de tocar as pessoas. Eu não, eu não gosto. Teria nojo de tocar estranhos por toda parte. Olho suas mãos. Mãos fortes, que não combinam com ele. Mãos bonitas, também. Unhas bem cortadas. Você vai na manicure? Não. Ainda bem, acho ridículo homens que vão na manicure. Por quê?, ele pergunta. É feminino demais.

É terrível porque pareço burra. Estou aqui conversando com um massagista e não consigo dizer uma única frase inteligente. Desculpa, acho que não devia estar aqui conversando com você e estou dizendo coisas estúpidas. A gente diz mesmo coisas estúpidas, eu sei que você não é estúpida. Ele mexe a colher no café com uma calma que me irrita. Como se estivesse fazendo algo muito importante. Eu já tomei o meu. E peço outro.

E você, o que faz, já que estamos falando disso? Sou jornalista. Ou era. Cuido da minha mãe agora. E tento escrever um livro. Pronto. Falei demais. De novo. Um livro? E sobre o que é seu livro? Eu não sei. Estou escrevendo só. Ou tentando escrever. Sempre achei que deveria escrever um livro um dia, que tinha algo a dizer. Mas agora que comecei tenho dúvidas. Dúvidas? Ele parece um psicanalista. Será que vai ficar pontuando minha última palavra a cada frase? Sim, dúvidas. Acho que não tenho nada a dizer que já não tenha sido dito. E descobri que nem escrevo tão bem assim. Não sou capaz de inventar nada novo, entende. Harry Potter, por exemplo, a J. K. Rowling inventou um mundo inteiro. Eu não consigo inventar uma única palavra. Continuo presa em mim, entende. Entendo. Mas talvez não importe. Acho que você deveria apenas escrever. Talvez o novo nem exista. Talvez seja isso, um livro para mostrar que não existe nada novo. Que é tudo velho. E não faz mal. Estamos aqui e é o suficiente. Você escreve e é o suficiente.

Tenho vontade de chorar. Estou mesmo conversando com alguém. Você parece inteligente demais para um massagista. Não pensou em ser outra coisa na vida?, ataco. No momento em que atribuo permanência à frase ao colocá-la no papel, ela parece tão previsível. Como se não bastasse, sou também um clichê ambulante. Eu fiz várias outras coisas, ele diz. Mas gosto de tocar. É preciso ser inteligente para saber o que fazer com as mãos. Eu não

gosto de mãos. Mas suas mãos são bonitas. Eu olho para minhas mãos da mãe. Gostaria de cortá-las se existisse uma prótese funcional. Ele faz um gesto de pegar a minha mão, mas eu recuo e derrubo o café. Eu não gosto que me toquem. Mas você queria me comer. Exatamente. Eu comeria você. E amarraria suas mãos para que você não pudesse me tocar. Eu sei tocar com os pés também. Então eu amarraria seus pés. Eu posso tocar com a língua. Então eu cortaria sua língua. E na hora percebo que cortaria mesmo. Ele também percebe.

Levanta-se. Não num repente. Como se fosse um gesto casual. Se você mudar de ideia, eu continuo aqui toda quarta-feira. Podemos tomar café, apenas. E conversar. E um dia, talvez, você me deixe tocá-la. Ou não. Eu gostaria de tocá-la. E também gostaria de ser tocado por você. Mas, se esse dia nunca chegar, podemos apenas conversar. Eu também gosto de conversar com você. Na próxima vez, talvez, possamos dividir um bolo de chocolate.

Dá um sorriso de brisa. E se vai com seu Harry Potter.

Fico sentada ali por quase uma hora mais. Tão triste. De repente, nada faz sentido. Mas não do jeito de sempre. Por um momento, não reconheço as coisas ao meu redor. É tudo estranho, como se eu nunca tivesse visto os objetos que me cercam e não soubesse o que eram. Não há significado algum no que vejo. Me sinto descolada de mim. E mesmo as mãos não me dizem nada nem me perturbam. Será que estou tendo um surto psicótico? Sinto uma quentura no meio das pernas e descubro que me mijei toda. Que vergonha, meu deus, que vergonha. Será que alguém percebeu? Por sorte ando sempre com um casaco porque sinto muito frio e detesto sentir frio. Pego o casaco na cadeira e amarro na cintura. Saio caminhando rápido, quero correr. Mas a corrida me denunciaria. Vou a pé para a casa da minha mãe.

Subo pelas escadas e tiro toda a roupa na cozinha. Coloco tudo na máquina de lavar e aperto o botão. Pronto. Passou. Laura, ouço a voz da minha mãe. É você? Quem mais seria, mãe? Está esperando algum namorado? Minha mãe nunca teve um namorado, não que eu saiba, pelo menos. Tomo um banho de quase uma hora.

E só então vou vê-la. Está tudo bem?, ela pergunta. Comigo tudo ótimo. E com você? Ótima também.

Estamos ótimas.

24

Laura estava com uma cara bem esquisita quando chegou da livraria. E cheirava a urina. Ela acha que me engana. Nem todo sabão do mundo pode apagar o cheiro do corpo dela. Minha filha se urinou como se fosse uma garotinha. O que será que aconteceu? Ela nunca vai me dizer. Entre nós as verdades nunca vieram pelas palavras. Mas as verdades estão entre nós, nesse ar que ambas respiramos, naquilo que não pode ser dito, naquilo que às vezes fizemos para não ter de dizer. É melhor assim. Estou velha demais para esse tipo de verdade. Depois de fingir o silêncio uma vida inteira, me custaria mais do que posso dar começar a falar de repente.

Para falar eu teria de amar melhor. E eu não sou muito boa em amar. Quando Laura me acusa de desamor com seu olhar, ela não está tão enganada. Eu a amo mais do que jamais amei alguém, mais até mesmo que amei meu pai, mas acho que o meu amor é fraco. Eu não ligo tanto assim que minha filha adulta tenha se urinado inteira enquanto dizia que estava ótima. Eu também não estou ótima. E é assim que é. Fingindo sempre em frente. É engraçado isso. Fingindo sempre em frente. E avante, diria meu pai com as medalhas no peito, cegando-me com seu brilho.

O que me interessa agora é contar a minha história. Não a dela. A minha, agora que descobri que as palavras me dão um tipo de prazer.

Quando a casa se esvaziou de gente e do caixão do meu pai, fiquei só pela primeira vez. Sozinha mesmo. Senti uma euforia, uma alegria tão grande. Abri todas as cortinas e fiquei pulando em cima do sofá como uma doida, sem me importar que todos os vizinhos me vissem. Mas não apareceu ninguém em nenhuma janela, e quando escureceu comecei a me inquietar. Meu corpo parecia pertencer a outra pessoa. Eu não sabia onde acabava ou começava. Encolhi-me em mim e fiquei ali, no tapete de losangos da sala onde meu pai tinha sido abatido por uma palavra. E nem tive vontade de pegar o dicionário, agora que podia abrir qualquer porta.

Quando o Sol entrou por todas as janelas na manhã seguinte, eu acordei sem saber se tinha dormido. Arrastei-me até a cozinha, me arrastei mesmo, porque tinha medo de me levantar, e estendi o braço para pegar uma banana na fruteira em cima do balcão. Não me importei que estava preta, o gosto que eu sentia eu não sentia porque não sabia de mim.

Eu queria tanto ter liberdade para sair sozinha de casa, mas agora eu tinha um medo que era maior do que qualquer coisa que eu tivesse experimentado, era maior até do que o medo das palavras que eu escrevia no caderno de caligrafia em mim. Só consegui coragem para me levantar e fechar as cortinas todas. E voltei a me encolher no chão num tempo sem tempo, num corpo sem corpo.

Tive um sobressalto e tremi inteira ao ser perfurada pelo som da campainha. Alguém queria entrar. E não era meu pai. Meu pai não tocaria a campainha. Tocou de novo, e eu comecei a chorar. De um pavor tão grande que quis morrer. Ouvi uma voz fininha de homem chamar por mim. Demorei a decodificar a voz do porteiro, a voz sem imagem do porteiro. Acho que eu podia abrir a porta para o porteiro. Abri. E me abracei em mim diante da porta aberta. Para frente e para trás.

Vim checar se você está bem. Eu não conseguia falar nada, um cadeado na garganta. Você precisa de alguma coisa, se alimentou? Eu muda. Posso entrar? Eu fiz que sim com a cabeça. E ele entrou como os vampiros dos filmes que Laura veria sem parar muito mais tarde, quando tudo isso já era passado. Eu tinha convidado.

Só quando a porta se fechou atrás dele percebi que não deveria tê-lo deixado entrar. O que meu pai acharia disso? Meu pai só podia me observar agora, mas suas palavras não me alcançavam mais. Era um homem pequeno o porteiro. Magro e de cabelos ralos, quantos anos teria? Parecia um ratinho. Um ratinho cinzento. Quem será que tinha ficado na portaria?, me ocorreu. Mas não perguntei.

Ele me estendeu a mão fechada. Eu não entendi. Para você, ele disse. E abriu a palma onde havia uma cocada embrulhada em papel celofane. Eu peguei de uma vez, como um vira-lata que abocanha um afago na rua porque tem fome, mas sabe que não é

de graça. Descobri que estava com muita fome. Ele me colocou sentada no sofá e disse que faria algo para eu comer. Do canto do sofá, eu o observava mexendo com as panelas na cozinha, as panelas do meu pai. Meia hora depois, me serviu um ensopado de batatas com carne moída. Está bom? Estava. Mas eu apenas aquiesci com a cabeça. Quando terminei, ele me levou até a minha cama, tirou os meus sapatos e me cobriu com uma colcha que eu não tinha bordado. Eu volto amanhã. E vou comprar coisas para você.

No outro dia, ele voltou com compras. E no seguinte também. Não vão sentir falta de você na portaria?, foi minha primeira voz. Não, eu me demiti. Agora só venho aqui para visitar você. Estou trabalhando aqui perto durante o dia. Eu não entendi logo, mas, se tivesse entendido, não sei se faria alguma coisa. Era um estranho, mas esse estranho era agora a pessoa mais íntima da minha vida.

Foi assim, por causa do medo, que aconteceu. Aquele homem pequeno fazia as compras para mim e no dia de receber o dinheiro da pensão ele me levava até o Banco. Quando ele não estava, eu seguia com a rotina que já conhecia. Apenas que toda vez que pressentia que meu pai me surpreenderia em algo proibido, meu pai não vinha. Então lembrava que estava morto. Morto, mas ali. Olhando-me não mais em horas salteadas do dia, de repente, mas sempre. O que será que ele pensava daquele meio-homem que agora vivia em seu lugar? Eu sentia prazer em atormentar o meu pai. E um dia tirei toda a roupa e dancei nua pela casa com as cortinas abertas. Depois me enrolei na colcha do enxoval da minha mãe e chorei durante horas, com vergonha da nudez que meu pai tinha visto. E que por um momento eu gostei de ele ter visto.

O homenzinho cinzento quase não ocupava espaço. Não falava nem pedia nada. Não havia um caderno de caligrafia porque eu queimara todos. Eu nem sabia se ele sabia ler ou escrever. O que ele queria? Eu sentia que ele queria alguma coisa e, quando ele estava ali, eu desejava que fosse embora. Mas, quando ele ia embora, eu desejava que voltasse. Numa manhã, depois que ele foi embora, eu me vesti como se fosse passear com o meu pai. E peguei o elevador. Meu pai deixava eu apertar o botão do elevador,

então eu sabia para onde devia ir. Passei pelo porteiro do dia tremendo, com medo de que fosse me denunciar.

Fui hesitando em passos pela calçada. Tinha Sol, e o Sol fazia os bicos dos meus seios endurecerem. As pessoas me olhavam estranhando alguma coisa, mas seguiam seu caminho. E eu fui andando em linha reta e prestando atenção na hora de atravessar a rua. Fingindo me distrair enquanto esperava alguém para atravessar como se fosse uma cega que enxergava, mas não via. Não sei até onde fui, mas escureceu. Só então me virei relutante para empreender o caminho de volta. Eu queria ir para sempre em linha reta. Não parar nunca. Mas tinha medo da noite. E não sei em que parte do caminho senti pavor. Então comecei a correr e não me importei que os carros quase me atropelassem. Nem ouvia as buzinas, nem os gritos de raiva. Quando cheguei ao edifício onde eu morava, ele me esperava na porta. Primeiro preocupado, depois furioso.

Senti que tinha feito algo muito errado. Em seguida tive ódio dele. Você não é o meu pai, eu disse. Desta vez eu disse. Não sou mesmo. Sou o seu homem. Meu o quê?, eu não entendia. Então ele disse. Fica quieta. E começou a tirar o meu vestido. Eu era maior do que ele, mas tinha um medo maior do que eu. Fiz o que tinha aprendido a fazer. Deixei fazer.

Ele tocava o meu corpo com cuidado, quase com temor. E foi tocando e tocando em todos os lugares onde meu pai nunca tocou. Eu não sabia o que ele fazia, mas sabia que ele não devia fazer. Não conseguia me mexer. Talvez nem quisesse. Eu nem mesmo estava ali. Mas estava de algum modo porque comecei a gostar e a odiar aquele toque. Era a primeira vez que alguém me tocava. E era bom e era ruim.

Ele começou a tirar as suas roupas e ele tinha um corpo branco e mole, muito diferente do corpo do meu pai. Eu tive nojo dele ao ver aquele corpo branco e mole tão diferente do corpo do meu pai. Mas continuei parada ali até mesmo quando ele abriu as minhas pernas, e eu senti uma dor tão grande que pensei que tinha acordado todos os vizinhos com o meu grito. Mas, como tudo em mim, foi um grito de silêncio, porque ninguém apareceu. Depois de fazer um ruído

abafado, ele rolou para o chão. Alguns minutos depois começou a me limpar. E foi assim que viramos marido e mulher. Mas eu só soube que aquilo era um casamento muito tempo depois, quando comecei a sair sozinha e observar as coisas. Aí já era tarde para me importar e, de qualquer modo, eu não sabia como mudar.

Ele não era um homem ruim. Só aquilo era ruim. Ele continuava trabalhando e trazia seu próprio salário, então não deve ter sido apenas para ter uma vida boa que ficou comigo. Uma vez só eu perguntei. Por que eu? Ele me olhou com uns olhos de corça, e só naquele momento eu reparei que tinha olhos bonitos. Porque alguém precisava cuidar de você. E eu queria cuidar de alguém. Não deve ter sido toda a verdade. Mas era o que podia ser dito.

Eu não gostava quando ele me tocava. Não doía como antes, mas eu sentia algo esquisito. Depois ele me limpava com algo que devia ser carinho. E eu o odiava mais. Não por ele ter feito aquilo, mas porque a coisa esquisita me acompanhava durante dias, e eu tinha vontade de esfregar as pernas. E, quando ele estava no trabalho, eu esfregava as pernas, e um dia coloquei minha mão ali. E então pensei que fosse morrer e desmaiei. Quando acordei, continuava sozinha no tapete de losangos da sala. E agora eu queria fazer aquilo o tempo todo. E, quando eu fazia, comecei a pensar nas palavras do meu pai. E, quando acabava, eu tinha vergonha por causa disso. Quando ele chegava em casa, eu chorava de ficar sem ar. Ele perguntava o que tinha acontecido, mas eu não dizia nada. Até porque não sabia o que dizer. Mas, quando ele saía, eu voltava a me tocar e agora lembrava sem querer lembrar as palavras do meu pai. E, quando acabava, tinha mais vergonha. E quando ele chegava, eu chorava mais. E um dia eu disse: osculatório osdroeno. E ele chorou também.

No domingo, ele me levou ao parque. E eu pude ver outros casais como nós no gramado. Eles se beijavam, e nós não. Eles se abraçavam, e nós não. Quando voltamos, eu o abracei, e nós fizemos aquilo que só muito mais tarde eu saberia o nome. Foi a única vez que eu quis com ele. Porque no dia seguinte eu vomitei. E ele soube que eu estava grávida. Porque eu mesma não entendia o que era gravidez. Eu sempre senti que havia uma coisa ruim dentro

de mim, e agora ela crescia. Era tudo o que eu sabia. Ele dizia que era um bebê, que era uma coisa boa, um filho nosso. Mas ele não poderia saber. Eu sim.

Quando minha barriga começou a aparecer, ele decidiu que precisávamos mudar de casa. Desde que tinha passado a morar no meu apartamento, sabíamos que os vizinhos comentavam. Mas nós não incomodávamos ninguém e, na época em que meu pai era vivo, não havia nenhuma relação para além da porta. Meu pai nem gostava que eu respondesse ao cumprimento de outros moradores, então eu não devia ser muito popular. Mas a gravidez preocupou o homenzinho cinzento. E, um dia, ele me tirou do apartamento junto com o caminhão de mudança, e fomos viver numa casa de esquina em um bairro afastado da cidade.

Foi lá que Laura nasceu. Mas não ainda.

Agora chega. Eu não gostei de escrever dessa vez. Não me fez nenhum bem. E minhas mãos estão cada vez mais amarelas. Eu era muito idiota, essa é a verdade. Vejo-me pelos olhos do ratinho cinzento e acho até que tive sorte porque eu era uma aberração. Não digo isso pedindo compaixão, não suporto que tenham pena de mim nem acho que alguém tenha tido algum dia. Ele, talvez. Eu fiz o que pude, afinal. Como todo mundo. Não acho que tenha sido mais anormal do que qualquer um. Apenas que nunca fui tão boa em disfarçar o mau cheiro. Nesse quesito, sou uma nulidade. Laura aprendeu bem cedo. Basta não chamar a atenção. Basta dizer que a mãe que apodrece em meio às próprias fezes sofreu um enfarte. Ela pensa que eu não sei, mas eu sei. Nenhuma de nós duas se ilude com as manhãs de Sol, isso pelo menos temos em comum. Mas chega. Quero dormir sem palavras

25

Minha mãe me acorda com um grito na madrugada. Laura. Está transtornada. Acho que nunca a vi assim. O que foi, mãe? Sente dor? Se eu sinto dor, ela ri um riso de louca. Você deveria me perguntar se eu não sinto dor, isso talvez me fizesse gritar. Ah, que ótimo. Agora ela vai perder sua única virtude, a de não sentir pena de si mesma. Posso fazer algo por você? Quer um copo d'água, um remédio pra dormir ou algo pra dor? Quero dizer que eu odeio o seu pai. Puxa, que novidade. Obrigada pela informação nova. Ele não era o que você pensava. Você sempre achou que ele era muito melhor do que eu. Mas ele não era. Certo. Registrado. Agora nós duas podemos voltar a dormir. Foi uma ótima conversa. A mais longa que tivemos na nossa vida inteira.

Ela me olha com ódio. Um ódio direto, sem disfarce. Entendo que está sofrendo muito. Uma vida inteira, e chegamos aqui: minha mãe finalmente começa a perder o controle. Percebo que não me interessa mais. Não quero ouvi-la. Não faz sentido para mim ouvi-la. A história já está escrita. Não há nenhuma hora da verdade porque não há verdade que não possa ser cortada em pedacinhos bem pequenos de mentiras. Sinto um cansaço tão grande.

Você está ouvindo os pássaros noturnos, Laura? Você não acha horripilante o canto dos pássaros noturnos?

Bato a porta. Dou duas voltas na chave. Deito na cama e durmo um sono pesado.

Sonho com meu pai e seus olhos doces. Eu nunca quis fazer mal a você. Eu juro, ele diz. E eu digo que sei. Pai, eu sei. Eu amo você. Eu sei que você me ama, pai. Sempre soube. Eu também não queria fazer mal a ela, a sua mãe. Eu sei, pai, você não seria capaz de fazer mal a ninguém. Eu só estava tão sozinho. E queria que alguém me esperasse no fim do dia. Eu sei, pai. Está tudo bem. Eu não sei escrever, sabe. Tenho vergonha de contar, mas só sei escrever o meu nome e aprendi a ler os nomes das linhas de ônibus. Se eu pudesse escrever, eu escreveria. Mas eu não sei escrever e tenho medo. Eu sei tudo o que preciso saber, pai.

Sempre soube tudo o que precisava saber sobre você. Você está vivo, pai? Você está vivo em algum lugar? Será que a gente poderia tomar um café um dia desses? Sinto tanta saudade.

É um sonho bom. Mas de repente a unha dela, a unha curva e amarela da minha mãe, rasga o sonho pelo meio e esmaga o meu pai. As garras arranham a porta do meu quarto, e ela grita o meu nome. Escancaro a porta, e seu corpo cai em cima dos meus pés. De novo. Estou com muita dor, Laura. Por que você não abriu a porta? Estou batendo há tanto tempo, acho que vou desmaiar. Laura, você precisa me levar ao hospital.

Laura, você precisa me salvar.

Salvar. Ela está paralisada pela palavra quando coloca a mãe no táxi. É como se tivesse aplicado botox por dentro. Por fora, ela se move e faz o que se espera dela. Mas por dentro nada se move, congelado pela palavra. Na luz delicada do dia que começa, ela percebe o amarelo da pele da mãe. Como não tinha reparado? Será que está com hepatite? Não importa. A mãe nunca havia pedido coisa alguma, nunca tinha se queixado, nunca nada. Que mãe é esta que implora por salvação? De onde vem aquilo?

Na mesma noite a mãe se descontrola e declara seu ódio pelo pai, como se de repente se transformasse numa daquelas mulheres vulgares dedicadas a difamar o ex-marido. A mãe nunca havia falado nada. Nem mesmo quando o pai foi embora. E de repente desabafa no meio da noite. E depois pede para ser salva. E se ela simplesmente abrisse a porta e saísse correndo? Agora. Tem o dinheiro da demissão na poupança, nem precisa do dinheiro da mãe. Bate a porta do táxi e sai correndo. Deixa o endereço do hospital para o taxista e desaparece na multidão. Depois, nome novo, mulher nova, vida nova. Livre da mãe, do passado, do presente, do futuro. Do nada. Para nada. Do nada para o que quiser.

Você sabia que a maior parte dos desaparecidos não quer ser achada, mãe? A mãe mal levanta os olhos amarelos. Sabe que ela vai ficar bem ali. A mãe sente dor. Ela olha para a mãe. E pode tocar o medo da mãe. O que será que está acontecendo com a mãe? O que a mãe está inventando agora? Tem medo. Não sabe se da mãe. Ou pela mãe.

Permanecem mudas até o saguão do pronto-socorro. Vão esperar horas ali, ela tem certeza ao olhar ao redor. Pessoas enfileiradas, cada uma fechada numa dor a que a doença imprimiu totalidade. Tudo o que importa é aquela dor, como a da mãe ao seu lado, as mãos amarelas crispadas, fechadas como se a mãe fosse dar um soco. Alguns sangram ferimentos

antigos, uma criança chora. Apenas os acompanhantes falam sem parar como se estivessem num grupo de autoajuda. Mas, sem liderança, todos querem dar seu depoimento ao mesmo tempo. Ninguém quer escutar, eles precisam falar. Falam de dor e de urina e de sangue e de fezes. Ela não quer ouvir. E de como são abnegados por cuidar. É tão longa a fila de renúncias, o ressentimento aponta a cabeça em cada frase. Falam como se o doente não estivesse ouvindo. Ela não quer ouvir e ouve. Começa a se sentir asfixiada, quer sair correndo e deixar a mãe ali. Mãe, você vai ter de pagar atendimento privado se não quiser ficar o dia inteiro aqui. Eu tenho dinheiro no banco, diz a mãe. Eu sei. Vou falar com a recepcionista.

Em seguida mudam de mundo. Esperam agora numa sala de paredes recém-pintadas e ar-condicionado, com poltronas de design e vasos da Jacqueline Terpins. Logo chamam a mãe, e ela a acompanha. Ela conta o histórico recente da mãe, e a médica localiza a ficha. A doutora franze a testa, mas se recompõe. Nós vamos precisar fazer uma bateria de exames. Não acho que sejam os rins desta vez. É melhor que a senhora fique internada. Um dia ou dois, apenas para fazer os exames. Ficando aqui é mais fácil e mais rápido.

Ela preenche os papéis e vai para casa pegar o pijama da mãe, a escova de dentes. O sabão. Continua com botox por dentro. Se tentar se cortar, a faca vai ficar presa na sua alma paralisada? Tem vontade de descobrir. Brinca com a faca entre as mãos. Passa de leve sobre o peito, entre os seios. E sente tesão. Começa a se masturbar com a faca passeando entre os seios. Abre sua boceta com a ponta da faca, mas só enfia os dedos. Vira a faca e enfia o cabo, com força. Alguns fios de sangue escorrem das mãos que agarram a lâmina. Mas é só. Ela goza.

Lava bem as mãos com o sabão da mãe. Ensaboa a boceta com o sabão da mãe. Os cortes são finos e ardem. Sente dor para caminhar. E gosta. Gosta de pensar que foi violentada por si mesma. Gostaria que o homem do Harry Potter a visse agora. Não. Um pouco antes. Quando enfiava o cabo da faca sem

parar na sua boceta. Goza de novo. Com o olhar do homem do Harry Potter. As revistas femininas poderiam entrevistá-la sobre dicas para assegurar orgasmos múltiplos. Pegue uma faca bem afiada. Pode ser aquela com que você corta o assado do almoço familiar de domingo. E enfie na sua vagina lentamente. Ri até chorar.

Depois, vai ao hospital.

27

A médica-de-penas-pretas está lá quando ela entra no quarto da mãe. Assumi o caso da sua mãe por enquanto porque já conhecia o histórico, diz. Como se ela fosse contestar sua presença. Ela não se interessa pela medição de forças, já faz tanto tempo. Mas por alguma razão a médica a irrita. Tem vontade de machucá-la. Boa tarde. E diz o primeiro nome da médica. Como você está? Educada e superior. O que você dizia mesmo, Adriana? A médica se desconcerta. Boa tarde. Eu apenas explicava que assumi a sua mãe por enquanto. Assumiu a minha mãe, ela tem vontade de dizer. Então a leve para a sua casa. Será que você poderia vir até a minha sala um instante para assinar alguns papéis?

Não. A voz da mãe. Diga o que tem de dizer aqui. A mãe está ríspida. O que está acontecendo com a mãe? De repente tão cheia de emoções humanas? A médica está apenas me pedindo para ir até a sala dela para acertar a documentação. É rotina, mãe. Não, a doutora quer falar com você sobre a minha doença. Fale aqui, na minha frente. Ela pensa que a médica vai voar. As penas tremem, e o bico do nariz aponta para frente. Mas a doutora pertence a uma espécie que não voa e apenas dá uns passos trôpegos a esmo pelo quarto antes de passar a mão sobre o jaleco acertando uma ruga inexistente. Está bem. Se a senhora prefere assim, dona Maria Lúcia. E se apoia na cama.

Ela se aproxima e vê suas mãos apertarem a guarda. De repente percebe que está surda. Eu não ouço nada, eu não estou ouvindo, tem vontade de dizer. Mas ouve. A senhora tem um hepatoma. Tem o quê? Um câncer no fígado. Não entendemos como não apareceu nenhum sinal antes, quando a senhora esteve internada aqui da primeira vez. Mas revisamos todos os exames, e realmente não havia nada. Em geral esse tipo de tumor evolui muito rápido e às vezes sem sintomas, mas um mês atrás deveria ter aparecido algo. O fato é que a senhora tem um tumor muito avançado. É primário, o que

também é o menos comum. Em geral acontece com quem teve hepatite B ou C ou cirrose hepática. Em quem não teve nada disso, como a senhora, um tumor primário no fígado é menos comum. E, pelo fato de não termos detectado nenhum sinal há apenas um mês, denota que é bastante agressivo. O que também é incomum, porque, em geral, na sua idade, os tumores tendem a se desenvolver mais lentamente.

Sabe que escuta cada palavra. Não é que não escute. Ela escuta. Mas está no fundo do mar, e o som ressoa abafado entre suas orelhas. Não, está no fundo da piscina. Não, da banheira. A mãe não a salvou da piscina quando a puxou pelos cabelos. A mãe a tirou da banheira da casa de esquina quando ela se afogava. Mas quem a tinha colocado lá? Mãe, quem me afogou na banheira quando eu era bebê?

Perdão? A médica olha para ela como se estivesse prestes a desferir uma injeção de valium diretamente na sua jugular. A banheira, alguém tentou me afogar na banheira quando eu era pequena. Laura, a médica precisa continuar a explicar o diagnóstico. A voz da mãe, perfeitamente controlada. Laura, me passe a faca do pão, mas tente não abrir a sua veia com ela antes que eu possa cortar uma fatia. A médica limpa a garganta. Parece quase feliz. É curioso como as pessoas se sentem bem quando a loucura do outro soa maior que a delas. A médica está no controle agora e pode seguir em seu discurso branco. O branco, ela pensa, não é a soma de todas as cores, mas a ausência de todos os sentimentos. O branco não tem dor nem medo nem vilania. Por isso é a cor da paz, porque é uma soma que subtrai o humano.

Como eu dizia, o tumor no fígado é primário, mas já detectamos metástases no sistema linfático, no pulmão direito e no estômago. Ela interrompe. Já entendemos que tudo é bastante incomum, Adriana, especialmente o fato de minha mãe ter ficado internada na UTI deste hospital, sob a sua supervisão, há um mês, e nada ter sido detectado. Queremos saber o que isso significa. De acordo com a meteorologia, haverá sol com pancadas de chuva durante o dia em toda a

região sudeste e em parte do nordeste do país. O que isso significa? Ela não suporta o tom daquela conversa. Adriana, nós queremos saber se minha mãe vai morrer. Todos nós vamos morrer um dia, diz a médica com um sorrisinho condescendente. Não, ela não vai permitir. Nós queremos saber se minha mãe vai morrer agora, desta doença. E não de bala perdida ou de tsunami ou de uma parada cardíaca quando estiver dormindo.

A médica contrai o rosto e parece mais velha. O oncologista acredita que devemos fazer uma cirurgia o mais rápido possível. Amanhã ou no máximo depois de amanhã. Em seguida, dona Maria Lúcia vai precisar se fortalecer um pouco antes de começar com as sessões de quimioterapia. E Adriana, isso significa o quê? Se há metástases, vocês vão retirar as partes afetadas desses órgãos e vai adiantar o quê? Quais são as chances de uma remissão? Sim, ela também sabe falar difícil depois de tantas reportagens sobre câncer. Não, depois do advento do google.

O que eu posso afirmar é que nós vamos lutar, dona Maria Lúcia. A médica não olha para ela. Fala diretamente com a mãe, que parece um dos bonecos de Madame Tussaud. A eternização em cera do momento em que uma mulher descobre que vai morrer não um dia, mas daqui a pouco. Eu não vou permitir que você continue protegida pelo seu discursinho profissional. O que nós queremos saber, Adriana, é se há chances de cura. Ou se essa cirurgia vai servir apenas para que vocês não se sintam tão impotentes. Minha mãe vai morrer dessa doença? É isso o que nós queremos saber. Ou tem alguma chance real caso se submeta à cirurgia e a um tratamento quimioterápico?

Você precisa se acalmar, as mãos da médica torcem o estetoscópio. Eu compreendo que o momento é difícil, mas de nada adianta você me agredir. Eu não sou deus para dizer se sua mãe vai morrer dessa doença. Querida Adriana, é exatamente este o ponto. Nem você nem seus colegas são deuses para decidir que minha mãe vai morrer cheia de cortes e

de dores por nada. Mas há pesquisas e estudos suficientes para nos informar, para esclarecer se uma mulher de 70 anos com um câncer primário no fígado e metástases no sistema linfático, no estômago e no pulmão direito tem alguma chance de cura e por isso deve se submeter a uma cirurgia desse porte ou a cirurgia vai servir apenas para piorar sua qualidade de vida. Com informação, minha mãe pode pelo menos escolher como vai viver a sua vida até o fim. Você entende qual é o seu papel nesta história? A decisão de como minha mãe vai viver não é sua. É dela.

Tem vontade de rir por se referir à qualidade de vida. Mas sabe que seu discurso é coerente, moderno até. É um embate de palavras, por enquanto. E as palavras servem também para nos vestir. De repente ela quer proteger a mãe da miséria toda que a médica não tem como adivinhar, da miséria a que aqueles subdeuses de jaleco pretendem submetê-la. De onde sai esse instinto de proteção? Então agora estão juntas, na doença, quando nunca na saúde? É um tipo de casamento aquela relação de mãe e filha?

Nós temos o direito de saber, entende. Nós queremos saber qual é o tempo que minha mãe tem. E o que possivelmente vai acontecer em qualquer das hipóteses. É normal que os familiares percam o controle num momento como este, a médica continua em seu tom inabalável, mas ela percebe que a sapatilha branca bate no chão. Temos um grupo de apoio em que posso inscrevê-la, e talvez seja aconselhável você procurar o serviço de psicologia.

Eu só quero respostas para as minhas perguntas, Adriana. Será que você pode nos dar respostas? Eu vou tentar localizar o oncologista, a médica diz. E sai martelando as sapatilhas no chão. Em vez de olhar para a mãe, ela agora olha para as unhas. Percebe que quebrou mais uma ao apertar a mão contra a guarda de metal da cama. Está perdendo as unhas pelo caminho. Justo agora, que precisa tanto de suas unhas bem afiadas. Sente os olhos amarelos da mãe cravados nela. Quer tocar a mãe, mas não consegue. Cambaleia com a força do ódio

que vem de repente. Como uma daquelas tempestades que arrancam as casas das encostas dos morros. Ódio da mãe. Será que a mãe não podia morrer de enfarte, de repente? Sem sangue, sem gemidos, sem fluidos? Sem dias, meses. Dor.

Ela acha que deve tocar a mãe. Mas não pode. Agora, mais do que nunca, não pode tocá-la. Agora que o corpo da mãe se decompõe por dentro, que a degeneração é também da carne, não só da alma. Será que a alma estava tão estragada que contaminou também a carne? Ela pode sentir o cheiro de podre da mãe. Pode. Não, não é imaginação. A mãe fede como tripas ao sol. É isso o que é, afinal, a doença. As vísceras sendo comidas por dentro, o corpo se traindo e devorando a si mesmo. No caso da mãe, as células malignas terão uma indigestão. Acha o pensamento tão engraçado que começa a rir sem parar. Quando o oncologista entra, as lágrimas de riso escorrem pelo seu rosto.

Desculpa, doutor. Sim, ela o chama de doutor. Acho que estou um pouco abalada. Ele lhe lança um olhar duro. Nenhuma simpatia. Sim, eu fui informado de que a senhorita não reagiu bem ao diagnóstico. Ela se recupera rapidamente do golpe. Não, doutor, eu reagi muito bem. Minha reação não está no seu manual? Que lástima. Ela está seca agora. Seus olhos na mesma altura dos óculos do médico de cabelos grisalhos, a calvície avançando pelo meio da testa. Não vê nada ali. Naqueles olhos inexpressivos. Nem mesmo irritação. Um pouco de tédio, talvez? Nós queremos respostas, apenas isso, respostas que alguém tão eminente como o senhor com certeza pode dar. E sorri seu melhor sorriso sem dentes.

Diga, minha filha. O que você quer saber? O médico muda de tática. Ela não. O senhor está enganado, eu não sou sua filha. E posso garantir que o senhor não me quereria por filha. Outro perfeito sorriso sem dentes. Percebe o desejo passar muito rápido, em trajetória horizontal, pelos olhos do médico. Talvez ele quisesse chamá-la de filha, afinal, e esfregar seu viagra na xoxota vermelha dela.

Nós gostaríamos de saber, doutor, qual é o seu nome. Paulo. Doutor Paulo Roberto Simões Lopes Neto. Pela forma como ele pronuncia as sílabas, ela deveria conhecê-lo. O peito dele infla ao pronunciar o nome. Agora ele tem orgasmos com sua própria importância. Mas não, ela não reconhece nenhuma vogal. Paulo, nós queremos respostas. Respostas objetivas. Sem rodeios. Eu e minha mãe lidamos melhor com as informações claras, mesmo que elas sejam difíceis. Por exemplo, para começar. Há alguma chance de cura para o câncer da minha mãe?

O médico hesita, mas só por segundos. Se vocês preferem objetividade, então sejamos objetivos. É um tumor bastante agressivo e já há metástases em outros órgãos e no sistema linfático. Se vocês fossem pacientes da rede pública, eu não poderia recomendar uma cirurgia. Mas, como felizmente vocês têm condições de arcar com um tratamento privado, meu conselho é lutar. Podemos retirar a parte afetada dos órgãos e iniciar sessões de quimioterapia assim que a senhora se recupere. É o que eu aconselharia para minha própria mãe. Ela pensa que talvez o doutor odeie sua própria mãe. E uma sombra de riso passa pelo seu rosto, desconcertando-o. Sim, agora o médico presta muita atenção nela. Ela percebe quando o doutor ajeita uma das poucas mechas do cabelo.

Quais são as chances de eu viver depois disso, doutor? A voz da mãe emerge do fundo da cama onde agora já parece morta. Ela e o médico parecem se surpreender que a mãe esteja ali. Ela pensa que não vai mais conseguir ver a mãe viva, agora que sabe que está morrendo. Vai olhar para a mãe e enxergar um cadáver, não mais a mãe. O médico estremece e se dirige à mãe como se falasse com uma criança. Veja bem, dona Maria Lúcia. É Maria Lúcia, não é? Eu não acredito que vale a pena pensar em estatísticas. Em medicina, precisamos lutar. Até o fim. Doutor, o que o senhor acredita ou não pouco me interessa. É a minha vida. Quais são as minhas chances se eu fizer o que o senhor recomenda?

Ela sente orgulho da mãe. De novo é a mãe que conhece. Indiferente à aprovação alheia. Está viva, afinal. O médico se atrapalha, não é assim que deveria ser tratado. Nem mesmo deveria estar ali, isso é conversa para um de seus assistentes. Percebo que a senhora será uma paciente difícil. Eu ainda não decidi que serei sua paciente, doutor. Ela explode de orgulho da mãe.

Eu deveria ir embora desse quarto neste exato momento, mas compreendo que vocês estão em choque. É o seguinte, já que preferem o caminho mais doloroso. As chances são escassas. Mas o que a senhora prefere? Morrer sem lutar? Assim posso garantir que pelo menos prolongamos a sua vida. E que vida eu teria, doutor, depois de uma cirurgia desse tamanho e submetida a sessões de quimioterapia?

O médico não sabe o que dizer. Não está acostumado a ser confrontado e detesta a experiência. Confere seu rolex, para mostrar que está perdendo seu tempo de ouro. No caso dele, o ouro não é uma metáfora. Bem, há pessoas corajosas que preferem lutar até o fim. E não se deixar vencer pela doença. Pressionado, o médico não hesita em aplicar um golpe abaixo da cintura. A mãe não se deixa abater. Rebate mirando seus olhos. Eu sou covarde, doutor. Se não há chances reais de cura, prefiro aceitar. Quero do senhor apenas a garantia de que eu não vá sentir dor.

Veja bem, dona Maria Lúcia, eu não tenho escolha. Eu preciso fazer tudo o que está ao meu alcance para salvá-la ou posso ser processado por omissão. Portanto, nós teremos de fazer a cirurgia, e ela será o mais rápido possível porque não podemos perder tempo. O senhor não vai tocar em mim. E, se tocar, eu não vou lhe pagar. E depois ainda vou lhe processar. O médico bufa. Ela percebe agora os pequenos pontos de implante capilar no couro cabeludo. Paulo, você toma finasterida?, ela pergunta. O médico não entende logo. Quando compreende, fica furioso. Vou chamar a psicóloga. Bate a porta ao sair.

Ela tem prazer em olhar para a mãe. Laura, junte as minhas coisas e vamos sair já daqui. Mas não podemos, mãe. É claro

que podemos. Me ajude a levantar antes que eles me agarrem e me operem à força. Parece um filme. Um filme B, mas ainda assim um filme. Ela coloca a mãe numa cadeira de rodas. E a empurra pelos corredores enquanto o coração fura o peito. Quer correr, mas se controla. Sorri para os homens e as mulheres de jaleco que cruzam por elas. Deslizam pelas enfermarias como se estivessem passeando. E estão fora. Ela mesma ataca um táxi na rua. Enfia a mãe no banco de trás e dá o endereço de casa.

As duas se olham e riem como garotas de escola. Fugiram. Depois se envergonham da intimidade e se calam até chegar em casa. Ao ajeitar a mãe na cama, ela diz. Vou tomar um banho. A mãe agarra seu pulso com a mão igual à dela.

Laura, você precisa me matar.

28

Mergulho na banheira onde um dia alguém tentou me afogar, e minha mãe me salvou. É estranho. Aqui onde quase fui morta me sinto segura e quente e protegida. É como se a água em vez de fluida, fosse uma muralha que me mantivesse apartada do mundo. Acho que sou como aqueles mendigos que cozinham e cagam e se amam nas ruas, mas que não parecem perceber que sua casa não tem portas nem paredes. Criam muros invisíveis e acreditam neles. Tenho certeza de que acreditam porque se movem como alguém que não é visto. Na banheira eu também não sou vista, mesmo quando minha mãe arranha a porta. Era uma casa muito engraçada não tinha teto não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede porque na casa não tinha parede. Ninguém podia fazer pipi porque penico não tinha ali. Mas era feita com muito esmero na rua dos bobos número zero.

Cantarolo a música inteira e nem sabia que lembrava. Nossos corpos, o meu e o da minha mãe, são essa casa sem limites definidos. Há uma barragem na minha garganta, e Vinicius de Moraes a põe abaixo. Meu pranto agora é um rio que arrebenta os diques e vem descendo sem controle carregando pau e pedra.

Como minha mãe tem coragem de me pedir isso? Quando eu tinha 15 anos, escrevi no meu caderno de escola. Será que a morte da mãe é a vida da filha? Será que a vida da mãe é a morte da filha? Naquele tempo eu já sabia que não havia espaço para nós duas na mesma vida, no mesmo corpo. Uma de nós precisava morrer. E eu queria viver. Inventava histórias na minha cabeça em que matava minha mãe pelos métodos mais terríveis. Sempre com dor. Os olhos por último, para que pudesse ver o que eu fazia com ela e como sangrava. Torturava minha mãe enquanto olhava nos olhos dela para que soubesse que tinha perdido. Que eu havia vencido. E, no último ato, perfurava seus olhos com a ponta da faca ou os queimava com um daqueles ferros de marcar gado. Sonhava então com uma vida sem mãe, com um corpo que só pertencesse a

mim. Com uma vida de comercial de margarina em que eu tinha outra mãe, outro pai e até um irmão e um cachorro. Mais tarde, eu não tinha mais família nenhuma. Era uma aventureira que viajava pelo mundo. Sentada na sacada do hotel, eu bebericava um drink exótico com um cigarro no canto da boca e teclava na máquina de escrever, fazendo de tempos em tempos pequenas pausas para olhar a paisagem mutante, estrangeira sempre. Tinha um olhar cínico e à noite sentava no balcão do bar e sussurrava com voz rouca: Play it again, Sam. Nos meus sonhos, eu era Humphrey Bogart, não Ingrid Bergman. Eu era Hemingway, não Jane Austen. Sem mãe, eu não precisava ser mulher. Quem saberia? Agora eu podia ter qualquer corpo meu. E eu preferia um corpo que não doesse, um corpo liso e duro, um corpo que podia se enfiar em alguém e machucar por dentro. E que não sangrava a cada óvulo morto, a cada criança viva.

Depois de adulta eu soube que não teria coragem de matá-la e parei de fantasiar assassinatos. Em vez disso, imaginava que ela morria de alguma doença, e eu me libertava. Mas ela nem mesmo ficava doente, a minha mãe, sempre com uma saúde de gente ruim. Tive certeza de que ela viveria além de mim e me carregaria presa ao seu corpo. Eu seria como um daqueles braços que definham, e a pessoa o carrega morto, sem tônus nem movimento, pendurado ao lado do corpo. Ou seria o membro fantasma da minha mãe, que latejaria nas noites de tempestade ou nos dias de inverno. Sim, minha mãe viveria para sempre, e eu estava perdida.

Nessa época, eu me sangrava mais. E uma vez, uma vez só, cortei o pulso do braço esquerdo com o objetivo não de me separar dela, como sempre, mas de morrer. Não tive coragem de seguir adiante e eu mesma me levei ao hospital. Soube ali que queria muito viver. Não sei por que, mas queria.

E agora ela me pede para matá-la. Antes tinha me pedido para salvá-la. E agora que eu tenho autorização para matá-la percebo que essa é a maior vingança não minha, mas dela. Ela quer que eu carregue a sua morte em minha alma para que nunca mais possa me livrar do seu corpo. Para que, em vez de um cadáver, ela seja vida eterna na minha culpa. Minha adorável mãe me pede para ser

sua assassina. Será que ela quer que eu apodreça na cadeia por matricídio, separada das outras presas porque meu crime é tão hediondo que nem mesmo as piores criminosas podem admiti-lo?

O que eu devia fazer é levá-la de volta ao hospital, como uma boa filha preocupada. E deixar que os médicos a abram. E façam tudo o que a sua onipotência gananciosa e a nossa conta bancária permita. Tudo o que de pior eu sonhei para ela e inteiramente dentro da lei. Algum tempo depois ela morrerá em dor, sozinha numa uti, toda remendada, careca pela quimioterapia, presa a tubos e fios, sem poder falar nem me alcançar. E pronto, eu estarei livre e perfeitamente integrada à sociedade. Essa, afinal, é a forma mais cruel de matá-la. E eu ainda serei uma filha dedicada. Para o bem da mãe, a internei no hospital para que fosse salva contra a sua vontade. Lutarei ao lado dela pela sua vida até o fim, sem jamais esmorecer. Mais uma cirurgia? Claro. Surgiu um novo medicamento? Evidente que tentaremos. Tem efeitos colaterais dolorosos e ainda não totalmente conhecidos? Que lástima, mas precisamos pensar no bem maior, que é a salvação da sua vida. Aumentar as sessões de quimioterapia? Com certeza, o importante é lutar. Quem sabe não tentamos também uma radioterapia?

E ficarei ali, ao seu lado, dia e noite, para não perder nem um segundo do seu sofrimento. E as enfermeiras e auxiliares de enfermagem e a equipe médica inteira e a psicóloga e até a assistente social que havia me olhado como se eu fosse uma verme lacrimejarão ao testemunhar a minha dedicação. E virá gente de outros andares e alas do hospital para acompanhar a minha devoção. E até Alzira contará aos espíritos que receberão no céu a mãe mais amada do mundo. E alguém relatará tudo ao bombeiro que arrependido por ter me julgado e desprezado me convidará para jantar e depois apagará as labaredas do meu corpo com sua poderosa mangueira. Nossa, essa última foi de péssimo gosto.

Não é esse o crime perfeito? Sem digitais, sem pistas. Totalmente dentro da lei e seguindo os mais elevados padrões de comportamento moral. Sim, finalmente eu tenho a minha chance. E é isso mesmo o que farei amanhã. Que minha mãe durma em paz na sua cama pela última vez. Ela pode contar com o meu amor.

Sinto medo. E ao mesmo tempo um tipo de alegria. Acho que essa é a tal felicidade de que tanto falam por aí. Estou morrendo e tenho vontade de saltar. Tenho vontade de pular sobre o sofá da sala, como fiz na morte do meu pai. Contei isso? Eu saltei sobre o sofá até quase desmaiar, com as janelas bem abertas. Acho que nunca fui tão feliz quanto no momento em que eu e Laura nos olhamos no banco de trás do táxi como duas amigas que tinham feito uma arte. Eu nunca tive uma amiga, não com essa cumplicidade pelo menos. E acho que nunca tinha sentido o amor de Laura. Não desse jeito. Pensei que podíamos correr pelas ruas, e comer sorvete, e nos lambuzarmos de sorvete com nossas saias de colegial. Eu sempre quis ter um uniforme de colegial, com saia de pregas e meias soquetes. Acho que Laura sempre quis ter uma mãe como a Noviça Rebelde, um filme que ela adora e a que assistiu milhões de vezes. Mas eu, pensando hoje, acho que nunca quis ser mãe, nem de Laura, nem de ninguém. Queria ser filha de uma família numerosa demais para prestar atenção em mim ou me mandar escrever no caderno de caligrafia. Onde o pai apenas voltasse do trabalho com seu olhar distante e nos desse um piparote na cabeça como um carinho. E era tudo. Um pouco como nesse filme meio bobo, só que sem a fuga da Áustria. Nessa vida, Laura poderia ser minha irmã mais nova, e nos daríamos bem. Faríamos coisas proibidas juntas e nos protegeríamos quando alguém quisesse nos fazer mal, ou nosso pai nos descobrisse. Numa vida assim, acho até que eu poderia cantar. E Laura seria uma ótima irmã, tenho certeza. Mas agora vou morrer. Digo isso para mim mesma, mas é como se não compreendesse. Não é que goste tanto de viver, mas não queria morrer. Sempre achei que seria como meu pai, um dia cairia morta. E nem precisaria saber disso. E agora meu corpo me trai miseravelmente. Porque é isso que é. Há um inimigo me atacando por dentro. É como se o gato estivesse agora dentro de mim, cravando os dentes no fígado, no pulmão, abocanhando o estômago. Eu não quero este corpo. Ele não me pertence mais. Vou

fazer de conta que este corpo não é meu. E não é mesmo. Nunca foi. Pronto. Eu não tenho corpo e também não vou morrer. Como diz Alzira, é só um invólucro. Uma embalagem para a minha alma. Mas eu não acredito nisso, queria mas não consigo acreditar. Ficava ouvindo os espíritos encarnados no centro e achava só engraçado. Aquele jeito diferente de falar, como se morto mudasse de sotaque ao se transferir para o além. Acho que não tenho alma alguma. Se tenho, a carne está colada nela e não vai deixá-la ir sem antes arrancar um pedaço. Eu sinto que sou também esses tumores todos que me matam. É curioso porque eu sei onde eles estão, os tumores. Acho até que, se tivesse coragem, poderia apalpá-los. Eles, que me cercam por todos os lados de dentro. Tenho vontade de me arrancar de mim. Como Laura faz com seu canivete. Mas ela nunca me disse por que gosta de ficar sangrando por aí. Não vou suportar essa agonia, Laura precisa me matar de uma vez. E pronto, será como cair morta de repente. Não pensei que Laura tivesse coragem para isso, sempre tão covarde a Laura. Mas no fundo talvez ela sinta prazer em me matar. Laura se ilude de que sou eu o dragão cuspidor de fogo entre ela e a liberdade. É uma boba essa minha filha. Tenho raiva dela agora. Porque ela vai viver, e eu não. Não, eu não daria minha vida pela de Laura, preciso dizer. Não sou esse tipo de mãe. E nem acho que esse tipo de mãe exista. Só mesmo em novela e nesses filmes dramáticos que ganham o Oscar. Tenho raiva de tudo o que ela vai viver quando eu me for. Tenho vontade de ficar arranhando a porta de Laura para que ela nunca se esqueça do som das minhas unhas. É tão divertido ficar apavorando Laura... Como é possível odiar e amar ao mesmo tempo? É o que sinto por Laura, um amor que odeia ou um ódio que ama. Tenho medo da dor, de morrer com dor. Vou pedir a Laura que me mate logo. Há algo de errado em pedir isso para uma filha? Talvez alguém possa achar esquisito. Mas não me importo. Acho que a morte me deixou mais egoísta. Eu não me importo com nada a não ser com o gato que me come por dentro. Só penso nisso, que há um gato me mascando. Mas nenhum médico ganancioso vai me abrir e fingir que me salva. Eu sei que as unhas do bicho já me alcançam em todas as partes, algumas bem fundas, eu sinto. Se ele morrer,

me leva junto. Mas eu vou matá-lo antes que me triture inteira e me defeque. Não quero virar fezes de gato. Ou melhor, Laura vai me matar. Afinal, ela me deve a vida. Laura pode espernear, mas ela nasceu do meu corpo. Como um câncer. Era isso o que eu pensava que ela era. Já contei isso? Quero contar. Numa das vezes em que o ratinho cinzento se enfiou em mim, eu engravidei. Mas eu não sabia o que era isso. Ele pareceu feliz, o homenzinho. E eu horrorizada vendo minha barriga crescer rasgando a minha pele. Tinha um bicho dentro de mim, como agora. É a mesma sensação. Tira isso de dentro de mim, eu gritava. Mas o homenzinho só me olhava com aqueles olhos tristes dele. É um filho, você vai ter um filho. Um bebê saudável pra gente poder amar. Eu não compreendia. Como eu poderia? E um dia aquela coisa me arrebentou e saiu de mim. Em casa, porque o ratinho tinha medo não sei do quê. Era a mesma dor de agora, a mesma. E lembro de ter me surpreendido de estar viva quando acabou. Olhei para o monstrinho sanguinolento e tive tanto nojo. Era um ratinho também. Constatei que tinha aquela coisa no meio das pernas e um dia tentaria se enfiar em mim como o pai dele. O monstrinho júnior se arrastava sobre o meu corpo e queria sugar os meus seios. O monstrinho pai dizia que eu precisava deixar, mas eu não deixei. Não mesmo. Aquela coisa já tinha me sugado por dentro durante uma eternidade e, agora que saiu, queria me sugar pelo lado de fora. Gritei que o jogaria na parede se não o tirasse de cima de mim. E o homenzinho teve a ousadia de me olhar com ódio, nem disfarçou. Quando ele saiu para trabalhar, e eu tive forças para me arrastar, peguei o pedaço de carne e afoguei na privada. Sim, eu fiz isso. E nunca me arrependi. Só descobri que estava absolvida quando li uma reportagem de Laura sobre depressão pós-parto. Não me importei. Eu nunca me senti culpada por isso. Fiz outras três vezes ainda. Quando minha barriga começava a crescer, eu implorava que ele tirasse aquilo de mim, mas ele fingia não me ouvir. E um dia ele tinha de sair de casa, mesmo que demorasse. E pronto, estava tudo terminado. O último eu mesma enterrei no quintal. Quando ele voltava para casa, plantava uma árvore por cima, para marcar o lugar. Como se isso o absolvesse do crime de

ter enfiado um bicho dentro de mim. Um ipê amarelo, uma primavera, uma quaresmeira e um limoeiro. Eram doces aqueles limões, mas o bobão nunca tomava a minha limonada. E um dia veio Laura. Eu já nem ligava mais. Minha barriga crescia, a coisa dentro dela se alimentava de mim, me arrebentava ao sair, e depois eu a afogava na privada. O idiota a enterrava no quintal e plantava uma árvore. Como eu não saía de casa, os vizinhos nem mesmo podiam saber que um dia estive grávida. Eram crimes perfeitos, embora para mim nunca parecesse um crime. Se eu gerava, ainda que à força, podia muito bem matar. Sempre tive certeza disso. E era o que eu dizia ao homenzinho no começo, quando ele cravava aqueles olhinhos em mim como se eu fosse a maior decepção do universo. Justo ele, que ainda devia pensar que a terra era plana. Depois, nem me preocupava mais em dizer nada. Se ele não queria que aquilo acontecesse, bastava não se enfiar em mim durante a noite. Eu já tinha entendido a relação de causa e efeito, mesmo que ninguém jamais tivesse me explicado. Então veio Laura. Mas eu não sabia que era Laura. E passei a gravidez inteira fingindo não notar a barriga. Mas na hora de ela nascer, ela não nascia. Comecei a ficar sem ar e a arroxear. O ratinho cinzento teve de me levar ao hospital. E foi lá que Laura nasceu sem emitir um único som. Quando voltamos para casa, o homenzinho disse que se eu a matasse seria presa, porque ela estava registrada. E naquela gravidez eu tinha saído de casa porque tive vontade de me mostrar para as pessoas, não sei por quê. Queria que elas me vissem. Eu não tinha medo de ser presa porque sabia que não era errado. Era a minha filha, não era? Eu podia fazer com ela o que bem entendesse. Não era na barriga dele que ela tinha crescido nem era dele que ela tinha se alimentado. Quando o homenzinho foi para o trabalho me implorando para não fazer nada de mal, eu levei Laura até a privada para afogá-la. E quando enfiava a cabeça dela dentro da água, ela não berrou como os outros. Laura me olhou. Só me olhou. E aí eu preciso confessar que senti uma coisa diferente. De algum modo aquele monstrinho sabia quem eu era. E eu não pude. Queria, mas não pude. Abracei-a com cuidado e fiquei lá, no chão do banheiro, me balançando para frente e para trás. Foi lá que o pai dela nos

encontrou. E sua alegria quase me fez afogá-la de novo. Mas eu sabia que não conseguiria. Acho que era amor, mas só soube o nome muito tempo depois. Eu duvido que essas mulheres que ficam exibindo suas barrigas saudáveis nessas revistas femininas que Laura costuma comprar e falando sobre as maravilhas da maternidade não tenham pelo menos um dia, um diazinho só, sentido que havia um monstro dentro delas, comendo-as de dentro para fora. Pode ser que eu seja a única mulher doida do mundo, mas duvido. Du-vi-do. Apenas que ninguém tem a coragem de confessar porque vivemos na época dos idiotas. A verdade é que amei Laura. Apesar de tudo. E a salvei de mim mesma por amor. Era isso o que eu fazia muito mais tarde, quando lhe dava o meu peito e quase fui parar na cadeia. Eu tentava compensar. Era por isso que não gostava de ver o pai dela por perto porque eu sabia o que podia acontecer quando ele se esgueirava pelas paredes como um rato. Eu não queria nenhum ratinho cinzento nem de cor alguma se enfiando na cama da minha filha. Mas parece que tudo em mim é torto, e Laura mesma acha que sou uma aberração. O que eu quero dizer é que não é porque a gente não saiba como fazer as coisas do jeito certo que a gente não ame. Eu não sabia qual era o jeito certo de amar, só isso. Como eu poderia? Não, não estou querendo absolvição nem compaixão, sei mesmo que não a teria, porque é melhor pensar que eu sou a única perversa e que o resto da humanidade é bom e puro. Mas, gostando ou não, eu também sou filha deste mundo. E tudo o que fizeram a mim e tudo o que eu fiz aos outros foi feito bem aqui. Era isso o que eu tinha a dizer sobre o passado. Agora não quero escrever mais sobre o que foi. Sim, Laura, você se afogou. Não numa piscina ou numa banheira, como você costuma acreditar, e eu deixo você acreditar porque há coisas que não devem ser esclarecidas. Eu nem sei como você pode se lembrar de algo que aconteceu nos seus primeiros dias de vida. Você também não é normal, Laura. Herdou os meus genes deformados e lembra o que não deveria. Eu a salvei, mas a salvei de mim mesma. Fui ao mesmo tempo sua assassina e sua heroína. E acredito que é isso que todas as mães são em alguma medida. Sua Noviça Rebelde não existe. Lembre-se, ela era uma madrasta.

Em algum momento, os filhos já tinham matado a mãe verdadeira. Mas ninguém nunca quis saber o que aconteceu com ela. Será que os tumores que tomam conta de mim são aqueles bebês todos que matei e que voltaram para se vingar? Tenho medo, mas se for isso não vou reclamar, porque agora eles podem, e eu não. Estou velha e já não posso afogar ninguém. Como será a morte? Fim e pronto? Fim e nada mais? Fim e fui só um acidente? Fim e fui só uma menina que escrevia palavras obscenas num caderno de caligrafia e uma mulher que matava bebês e uma mãe que não sabia ser mãe e uma velha que voltou a escrever porque teve medo de ser esquecida ou lembrada do jeito errado e quis deixar sua versão de uma história que não interessa a ninguém? Quero agradecer a este caderno por não ter linhas. Se eu tivesse sabido a tempo que era tão simples, que existiam cadernos sem pauta onde cabe tudo, talvez eu pudesse ter tido uma outra vida. Acho que é isso, afinal. Eu fui um equívoco. Minha vida foi um grande mal-entendido. E mesmo que eu não estivesse morrendo, já seria tarde. Será que existe alguma vida que não seja um grande mal-entendido? Eu não sabia que gostava tanto de viver, mas eu gosto. Agora que vou morrer eu gosto. Você não estará lá onde vou, Laura. Se é que vou a algum lugar. Se existe céu e inferno, eu provavelmente vou para o inferno. Mas, ouso dizer, será uma injustiça. Porque eu não sabia. Apenas que eu não sabia. Se a gente não sabe, também é condenado? Ou há um hospício no além para gente inimputável, para os loucos como eu, os que não sabem o que fazem? Eu sei que sabia o que fazia. O que eu não sabia e não sei até hoje é como fazer diferente. Como a gente cria uma vida que não seja um grande mal-entendido? Laura Laura Laura, se eu não puder olhar para você como vou saber que existo? Foi isso que aconteceu ali, na privada, quando você olhou para mim. Ninguém tinha olhado para mim antes. Não como você, Laura. E todos esses anos em que atormentei você e fiz quase tudo errado, o que eu queria era só que você continuasse me olhando para que eu pudesse saber que existia, que tinha um corpo e que podia viver. Eu não peço para você me matar por falta de amor. Eu sei que você pode ser presa por isso, nesses anos todos eu assisti ao noticiário e aos

documentários todos da TV e não sou mais aquela que não vivia no mundo. Eu até assinava o jornal e lia sempre a sua revista. E quando você revirar o apartamento para vendê-lo, vai descobrir todas as suas reportagens guardadas em álbuns que eu fiz. E todos os livros e filmes que você indicava eu lia e assistia secretamente sonhando que um dia nós duas pudéssemos discuti-los como algumas mães e filhas fazem. Eu só peço para você me matar porque não vou suportar se não puder olhar para você. Eu só preciso poder olhar para você. É sua a última imagem que eu quero levar da vida. E ainda que eu não tenha sabido amar, acho que isso é um tipo de amor. Ainda que não tenha sido como deveria ser e como você tinha o direito que fosse, o que eu senti por você, mesmo quando a odiava, foi o sentimento mais completo e profundo que já senti nesse mundo a minha vida inteira. Eu só pedi para você me matar, Laura, por amor. Eu não quero escrever mais. As palavras nunca me fizeram bem, embora eu tenha tido prazer neste diário nos últimos tempos. Mas é o suficiente. Quando sobram, as palavras podem ser imprevisíveis. E não é fácil usar as palavras certas. Se foi uma palavra que matou meu pai, eu quero escolher a última palavra que vou escrever. Agora que eu posso escolher minhas palavras e que elas não mais me violentam. Eu quero que a minha última palavra seja minha. E seja viva, para viver comigo mesmo na minha morte. Para eu saber que fez sentido, que algo fez sentido nesse grande mal-entendido que é uma vida. Para que em meio ao horror de morrer, a esse medo que me domina como o gato que me mastiga por dentro, eu tenha esta palavra para me salvar da escuridão absoluta. A única palavra que eu quis escrever, nascida do meu desejo. Sim, porque você não nasceu porque o seu pai se enfiou dentro do meu corpo paralisado. Você nasceu quando olhou para mim, e eu me vi no seu olhar. E desejei que você vivesse. Você é tudo o que eu sinto de vivo em mim agora que morro.

Laura

31

Ao olhar para minha mãe pela manhã, deitada na cama agora grande demais para ela, quase me arrependo. Ela parece tão vulnerável. Minha mãe está assustada, e vê-la com medo não me dá o prazer que pensei que daria. Percebo que há pontinhos verdes em seus olhos castanhos. Agora contrastando com o amarelo letal da doença. Mãe, você sabia que seus olhos são meio verdes? Ela me olha sem compreender. Será que os pontinhos sempre estiveram ali, e eu passei uma vida inteira sem notar? Estou com dor, Laura. Me dê os remédios. Eu alcanço quatro comprimidos coloridos que minha mãe engole sem água. Por sorte há muitos remédios para dor no criado-mudo. Sempre achei cruel esse nome de criado-mudo, suponho que uma herança dos tempos da nobreza. Eu havia sido uma filha-muda, tão eloquente quanto aquele móvel. Aqueles remédios não vão segurar a dor da minha mãe por muito mais tempo, é melhor levá-la logo ao hospital para iniciar os preparativos da cirurgia. Eu não sou tão má assim, afinal.

Mãe, eu pensei bem, e não posso matá-la. Primeiro, porque é ilegal. Eu iria para a cadeia. Sei que você não se importa que eu vá para a cadeia, mas eu prefiro não ir. Você sabe, a comida não é boa. E você não estaria aqui para me levar cigarros. Em segundo lugar, eu não conseguiria matá-la. Ainda que essa hipótese tenha me parecido atraente no passado, eu não sou uma assassina. Então, é o seguinte, mamãezinha querida. Sim, ela é a minha Joan Crawford. Você vai ter de voltar ao hospital e se submeter ao tratamento. É assim. Ninguém quer ficar doente, mas acontece. Você precisa enxergar que teve uma saúde de vira-lata até hoje. Viveu bem esses anos todos e agora vai precisar enfrentar o câncer. Eu vou estar ao seu lado, não se preocupe.

Laura, eu não quero ir. Você sabe o que eles vão fazer comigo e você sabe que não adianta. Me chame de covarde, se quiser, mas eu não quero sofrer mais do que já sofro. Me deixe morrer na minha casa, por favor. Me dê esse monte de remédios que eu mesma me mato. Minha mãe implora, e eu quero gritar que aquela não é a

minha mãe, que minha mãe nunca implorou por nada nem jamais pediu piedade. Sinto raiva porque ela me decepciona no fim da vida. Eu não posso, mãe. Simplesmente não posso. Que filha eu seria se deixasse você sem assistência? Não, não, eu farei tudo por você. Minha mãe poderia escrever um livro chamado Filhinha querida, isso se ela tivesse vida para isso.

Me sinto tão poderosa nesse momento. E cruel. Tenho vontade de machucá-la porque ela está me abandonando. De repente compreendo que minha mãe vai me deixar. Que não haverá mais uma mãe para odiar. E que eu não sei o que fazer da minha vida sem ela. Minha mãe sempre esteve ali. Por pior que ela tenha sido, foi a única que ficou. E do jeito torto dela estava presente, ainda que fosse para tornar meus dias miseráveis. Não é mais um jogo entre nós duas. A morte encerra todos os jogos.

Tenho vontade de matá-la arrancando pedaços da sua carne com as minhas unhas. Não por ódio, mas por amor. Por desespero. Porque ela vai me deixar. E aí só haverá eu. Um corpo arrastando um cadáver.

Mãe, não dá. Vou ligar para o hospital.

Ligo diretamente para a psicóloga, a que sempre esteve na minha mão e me tem em alta conta. Explico que fraquejei, por amor, sempre por amor, e fiz o que minha mãe queria, mas que não posso seguir com isso, que ela precisa da melhor assistência, e que podemos pagar a ala privada do hospital. A que não tem paredes descascadas nem cheiro de desinfetante. E também não tem o perfume barato, o que é uma pena. Sim, temos recursos para ultrapassar o portal dos mundos. Ela explica que na ala privada há outra equipe de psicologia, e eu posso apalpar o ressentimento na sua voz. Mas ela falaria com a colega, claro, e explicaria o caso. Agradeço efusivamente e começo a arrumar a mala para a minha mãe. É engraçada esta minha mãe. Descubro que há uma gaveta só com pijamas e camisolas para hospital. De algum modo, ela havia se preparado para este dia. São roupas antigas que ela mantém acomodadas entre pedaços do seu sabão favorito. Quer morrer com o cheiro da sua vida. A questão é se o sabonete dará conta desse combate final. Agora que já consigo aspirar o cheiro da

morte na pele da minha mãe. Cheiro de velha e cheiro de doença. Cheiro de corpo que se decompõe enquanto o coração ainda bate, mais por hábito, porque foi programado para bombear sangue até quebrar. Disfarço e cheiro meu braço, eu também já comecei a me decompor. Posso sentir. Estou alguns estágios atrás, apenas. Mas há anos meu corpo começou a morrer. O mundo é um campo de zumbis. Como os girassóis de amarelo brilhante que na semana seguinte estarão negros. Uma vez eu vi um campo de girassóis negros. Acho que foi a coisa mais triste que vi.

Minha mãe não fala mais comigo. Não está amuada, está em pânico. A doença a deixou prostrada, até mesmo as unhas não parecem mais ameaçadoras, apenas quebradiças. A garra esfarinharia na minha mão igual, mas ainda jovem. Percebo que poderia fazer qualquer coisa com ela, e isso me assusta. Vamos logo, mãe. O hospital já está pronto para recebê-la e é melhor acabar de uma vez com isso. Venha, vou te ajudar a levantar. Já chamei um táxi grande.

Minha mãe olha ao redor. Sabe que não verá mais aquela casa. A sua casa. Que toda uma vida sobreviverá a ela apenas para desaparecer. Os móveis e os objetos que só fazem sentido para ela serão vendidos ou doados, e não haverá mais nada dela no mundo. Exceto eu, que tento arrancá-la à faca de mim.

Posso ler tudo isso em seus olhos amarelos com pontinhos verdes e sinto as lágrimas assomarem aos meus. Vamos, mãe, talvez você ainda volte. São só objetos, não significam nada. É horrível o que digo, eu sei. Não são objetos, é a vida dela. Quando ela cessar de respirar, será como mágica ao contrário. Nada daquilo fará sentido para ninguém, nem mesmo para mim, que restei. Primeiro o corpo, depois a memória. Por fim um borrão. E depois, nem mesmo o borrão. Eu posso alcançar no olhar dela o horror que é alguém deixar sua casa para morrer no ambiente asséptico do hospital. A casa apenas como a primeira partida sem retorno. Despedir-se da casa sabendo que nunca mais voltará. Não, eu não alcanço isso.

Desculpa mãe, eu digo. Desculpa, mas eu não consigo fazer melhor do que isso. E descubro ali que é verdade, que do meu jeito

tortuoso faço o melhor possível. A expressão do rosto dela se altera. Acho que compreende. Não olha mais para trás quando a porta do apartamento se fecha e ela desce pelo elevador pela última vez. E atravessa o jardim amparada por mim e pelo velho porteiro pela última vez. E finge não ver os velhos no banco nem as mulheres com os cachorros. E nem naquele momento o cachorro deixa de fazer cocô. É isso afinal a vida. Só ao morrer descobrimos que essas cenas e esses dias patéticos são grandiosos. E que há poesia no cachorro que caga.

Eu posso sentir o que ela sente. E neste momento quero morrer com minha mãe. Porque os dias sem ela que virão não fazem sentido para mim. Eu não serei capaz de enxergá-los sem ela. E mesmo agora, que a amparo, que quase a carrego, sei que é ela quem me ampara e é ela quem me carrega. Que só sabemos andar juntas. E que, sem ela, me faltarão pernas.

É uma equipe ofendida pela nossa fuga que nos espera no hospital. Ao nos verem, porém, algo naqueles personagens de branco também se rompe. Porque a nossa verdade é tão doída que alcança o saguão antes de nós. E o que há ali é uma filha e uma mãe na antessala da morte que acabaram de descobrir que tudo foi um grande mal-entendido. E agora o tempo acabou.

Quando minha mãe é acomodada na cama, e as enfermeiras começam a coletar material para os exames que antecipam a cirurgia, eu percebo que não suporto mais. Cheguei ao meu limite. Fujo como a mais vil das filhas.

Mãe, eu preciso ir até a livraria. Hoje é quarta-feira.

Quarta-feira?, ela balbucia sem entender.

Sim, às quartas-feiras eu vou à livraria.

Bato a porta do quarto e atravesso o corredor correndo. Percebo que ainda corro quatro quadras adiante.

32

Ele está lá. Desta vez com o último livro do Harry Potter. Por que o último? Eu não perdoo a J.K. Rowling por ter matado o Harry Potter, digo a ele como cumprimento. Ele abre um sorriso bom. De dentes bem brancos. Será que fez clareamento? Não parece o tipo de pessoa que faz clareamento. Constato que na arcada inferior ele tem dentes de gato. Pequenos e pontudos. Mas não tenho medo dos dentes dele. Minha mãe está morrendo, digo. E me abraço a ele no meio da livraria, na seção de autoajuda. Que irônico, penso, como um roteiro de filme ruim. Choro um choro de criança. Escandaloso e convulso. Ele me acolhe, e suas mãos bonitas me amparam. Não fala nada enquanto eu soluço e sujo a camisa dele de sal e de ranho. Quero passar a vida dentro dele, into your arms, como diz a música. Percebo que aquele homem quase desconhecido, cujo nome nem mesmo sei, o homem do Harry Potter, é a pessoa mais íntima de mim. Quando finalmente paro de chorar, um milhão de anos depois, sinto vergonha. As pessoas ao redor me lançam olhares disfarçados, algumas delas ofendidas com a demonstração pública de dor animal. Outras extasiadas com o meu sofrimento. Vocês vão ter o que contar em casa para dar um pouco de emoção às suas vidas ordinárias, eu xingo. E ele faz shhhhhhhh. E me abraça de novo. Como se eu fosse uma menina pequena. E de certa forma é isso o que sou. Filha.

Vamos sair daqui, ele diz. E eu agarro a sua mão e o sigo, feliz porque alguém sabe para onde ir e o que fazer. Ele explica que seu consultório é logo ali. E quando desperto do meu torpor já estamos em um elevador. O ascensorista conversa com o homem do Harry Potter sobre a final do campeonato brasileiro e não parece estranhar aquela mulher de cabelos vermelhos e rosto inchado, com todas as unhas das mãos quebradas. Paramos no décimo primeiro andar, e ele abre uma sala onde de imediato me sinto bem. O sol entra pelas frestas da cortina apenas o suficiente para não precisar de luz artificial, e há um cheiro de hortelã no ar. Me sinto dentro de uma xícara de chá. Tira a sua roupa, ele diz. Eu não sei se quero fazer

sexo agora, eu digo. Nós não vamos fazer sexo. Eu vou fazer uma massagem em você. Um carinho. Eu não sei se gosto disso, mas obedeço.

Ao deitar no tapete indiano do chão, sinto medo. Eu não gosto de receber nada. Eu não fico de costas para ninguém, digo. Tento virá-lo para que ele fique embaixo do meu corpo. Quero te engolir. Ter seu pau inteiro dentro de mim e arrancar a cabeça do seu pau. Não, isso não é sexo, ele protesta com suavidade, e vejo que tenta segurar o riso. Talvez mais tarde, num outro dia. Agora, você precisa de uma massagem. Confie em mim, você vai gostar. Eu não confio. Mas não tenho ânimo para continuar protestando. Nem quero me levantar dali. Se sair daquela sala, tenho de voltar ao hospital. Que ele faça o que quiser comigo. Eu não me importo de ser violentada, desde que possa ficar deitada sentindo o cheiro de hortelã.

É tão boa a sensação das mãos dele sobre mim. Seus dedos seguem a teia intrincada de pequenas cicatrizes do meu corpo sem que ele nada pergunte. Como um mapa de metrô, eu penso, as minhas cicatrizes. Mas não. Ele dedilha minhas marcas e quase posso ouvir a música. Lembro de uma história que li. Uma menina chinesa vivia sozinha numa cama de hospital. Um dia uma mosca bate as asas no seu rosto. Era o primeiro carinho que a menina recebia em toda uma vida. Daquele dia em diante as asas da mosca sobre sua face a acariciavam a cada manhã numa felicidade esperada. A menina foi curada pelas asas da mosca. Mas acho que invento o final. Na história a mosca foi esmagada, e a menina morreu. Não importa. Eu posso morrer ali. E acho que estaria quase feliz.

Sinto, mais do que ouço, um ruído na minha espinha. Um clec. E desando a chorar. Estou me liquefazendo, digo a ele. E ele diz. Está tudo bem. E está. Choro sem correnteza agora, um riacho manso entre pedras redondas. Penso que choro pela extensão de uma existência. Mas talvez seja só impressão. Enquanto as mãos dele continuarem sobre mim, está tudo bem. As mãos dele delimitam o território do meu corpo. Você me deu um corpo, eu digo. Não, ele sorri. Só estou lembrando a você que ele é seu. E que nem sempre dói.

Sou empalada pelo pensamento. Meus músculos todos se retesam, e a descarga de adrenalina se espalha como gelo líquido. Ele diz. Calma, calma, relaxa. Não, eu não posso relaxar mais. Eu preciso correr. Quase o derrubo quando levanto e começo a vestir minhas roupas sem acertar os botões. O que aconteceu?, ele diz. E sinto a frustração na sua voz. Não é por causa de você, entende. Ou até acho que é por causa de você, sim. Eu preciso matar a minha mãe.

Ele me olha chocado. Pela primeira vez algo que eu digo choca o homem do Harry Potter, o querido homem do Harry Potter. Eu não posso deixar a minha mãe sofrendo, entende. Eu preciso fazer isso por ela. Acho que por mim também. E preciso correr. Agora ele está estático, mas sei que não vai me denunciar.

Você sabe como eu posso matar a minha mãe?

Ele não responde. E eu sei que não é certo envolvê-lo nisso. E eu quero fazer o que é certo. Bato a porta. Depois abro de novo.

Por favor, me espere na próxima quarta-feira.

33

Como alguém mata a sua mãe?

Não é uma pergunta moral para mim. É técnica. Enquanto o táxi me leva ao hospital, tento lembrar tudo o que li sobre suicídio e eutanásia. Overdose de cocaína? Não seria muito difícil conseguir pó, um ou dois telefonemas. Mas não parece ser uma morte sem sofrimento, e a droga poderia ser detectada pela equipe. É mais eficiente se for algo da rotina do próprio hospital. O que eles colocam naquelas injeções letais do corredor da morte? Cloreto de potássio, eu li uma vez. Mas onde eu vou arrumar isso? Imagino que essas coisas permaneçam bem trancadas, embora sempre exista um jeito de convencer alguém. Subornar um auxiliar de enfermagem, talvez. Eles sempre ganham mal. E são os que mais conhecem o funcionamento interno de cada enfermaria, 24 horas vivendo ali, sujando as mãos para que os médicos e mesmo as enfermeiras mantenham as suas limpas. O problema é que um crime que envolve mais de um já não é mais perfeito.

Peço para o taxista desviar do caminho e estacionar em frente à minha agência bancária. Lá explico ao gerente que minha mãe precisa fazer uma cirurgia de emergência, e eu necessito de dinheiro, cash, para tomar algumas providências. Ele argumenta que é difícil conseguir uma quantia tão grande para entrega imediata, mas minha expressão é dura. Não vou sair dali sem o meu dinheiro. Não discuto, apenas olho para o gerente e espero. E ele acaba dando um jeito. Saio da agência com um maço de notas capaz de comprar um cúmplice.

Quando entro no quarto, a médica-de-penas-pretas está lá. Estou agitada e preferia que minha mãe estivesse sozinha. Não sabia que você continuaria cuidando da minha mãe, digo. De fato, normalmente eu não estaria aqui. Mas tenho um carinho especial pela sua mãe e vou auxiliar a equipe. A médica parece menos frágil hoje. Talvez porque eu me sinta enfraquecida e, percebo agora, quase em pânico com o que estou prestes a fazer. Preciso me controlar, é fundamental que eu me controle. Que ótimo, eu digo. É

importante para minha mãe ser atendida por uma profissional tão dedicada. Nem eu mesma sei se é uma ironia. De qualquer modo, ela não parece se importar. Que bom que você apareceu. Assim, posso explicar para as duas quais serão nossos próximos passos. A cirurgia será depois de amanhã. Já coletamos o material para a realização de todos os exames. Aparentemente, não há nada que impeça o procedimento. Como a senhora está com muita dor, dona Maria Lúcia, vamos começar a usar morfina para diminuir seu desconforto. Não se preocupe com isso. As pessoas em geral ficam temerosas quando se fala em morfina, mas é um equívoco. A morfina é um ótimo medicamento, muito eficaz e bem tolerado pelo organismo. Daqui a pouco a enfermeira vai aplicar a dose diária. Vamos começar com uma dose alta, por causa de suas condições, mas a senhora vai recebê-la bem aos pouquinhos, diluída no soro. Nesta noite mesmo vamos começar com a morfina, e a senhora já vai sentir a diferença. Talvez até tenha vontade de comer algo gostoso que sua filha possa trazer para a senhora. A médica olha para mim e sorri. Eu tento lhe devolver o mais parecido com um sorriso que consigo arrancar de mim.

Na verdade, tenho vontade de beijar a médica-de-penas-pretas. O crime agora é apenas meu. Obrigada, doutora. Estamos muito agradecidas pela sua atenção. Ela me olha surpresa ao perceber que estou sendo sincera. Sua idiota, digo para mim mesma, você tem de continuar sendo a mesma escrota de sempre se não quiser chamar atenção. Você consegue fazer melhor do que isso. Me preparo para dizer algo desagradável, mas a médica já está na porta, prometendo voltar no dia seguinte.

Pego as mãos da minha mãe, cada vez mais diferentes das minhas agora que a doença a molda à sua imagem e semelhança. O câncer é como uma possessão alienígena de dentro para fora. De fato, não. É uma possessão do corpo pelo próprio corpo. O câncer é tão da minha mãe como as células sadias que fracassam em defendê-la da mutação de suas irmãs. É um filme de terror, filmado por dentro. Uma ficção científica que não é ficção. Fico fascinada com a quantidade de horror que a normalidade nos assegura dia

após dia. Para que inventar zumbis e aliens vindos do espaço se existe o câncer?

Eu vou te matar, mãe. Ela me olha primeiro com surpresa, depois com uma esperança receosa. Como você vai fazer isso, Laura? Eu não quero que você seja presa por minha causa. Acho que eu estava sendo egoísta. Eu aperto seus dedos, e ela geme. Não se preocupe, deixe tudo comigo. Eu sei como fazer. Você vai morrer sem dor, eu prometo. E com seu corpo inteiro. E quando, Laura? Quando eu vou morrer? Em algum momento desta noite, mãe. Antes que amanhã amanheça.

Vejo seus olhos amarelos com pintinhas verdes se atulharem de lágrimas. Laura, eu tenho medo de morrer. Eu não quero deixar você. Sabe, acho que descobri agora que gosto de viver. Não é irônico? E minha mãe começa a rir um riso lento, em capítulos. As lágrimas escorrem também pelo meu rosto. Vou sentir saudades, mãe. Mas eu vou estar aqui. Vou estar com você, até o fim. Ela chora baixinho. E eu encosto minha cabeça na dela. Ficamos assim até a enfermeira entrar no quarto para injetar a morfina no soro. Vejo que ela disfarça uma lágrima diante da nossa cena.

Quando a enfermeira sai, pergunto à minha mãe se ela quer comer algo diferente, qualquer coisa. Ela diz que não sente fome, as toxinas liberadas pelos tumores lhe envenenam o sangue. Há algo que você queira, mãe? Você diz, Laura, meu último desejo? Como um condenado do corredor da morte? Não, mãe, porque eles não podem escolher quando morrer. E você escolheu, mãe. Apenas a data, Laura. Só antecipei a data. De algum modo, somos todos condenados, não é? Até mesmo aquele médico empolado que pensa que vai me operar. Me dou conta de que sempre chega o momento em que não podemos escolher viver, no máximo como morrer.

Minha mãe não parece a minha mãe. Por que ela não fica calada como sempre? Desculpa, Laura. Eu queria ter escolhido viver quando era possível. Você escolheu, mãe. Mesmo sem saber, você escolheu. E viveu. E vai viver. Não acabou ainda.

Toco na sua mão. E ela me agarra com uma força que não devia mais ter. Laura, tem uma coisa que eu quero antes de morrer. Diga,

mãe, qualquer coisa. Eu quero assistir à Noviça Rebelde.

Demoro a compreender. Só depois de alguns minutos a imagem de Julie Andrews rodopiando pelas montanhas da Áustria entra na minha cabeça. Sem som. Nenhum som. Julie Andrews movimenta a boca, mas eu não escuto. Mas mãe, você detesta esse filme. Eu sei, mas preciso vê-lo.

É a segunda vez naquele dia que bato a porta do hospital. É uma realidade tão excessiva que sinto cada um dos meus passos pesados como se estivesse andando no fundo do oceano. Vou cair até as profundezas abissais habitadas por peixes cegos. Mas não caio. Apenas finjo que habito o corpo de Laura. Sou uma outra. Sou o Surfista Prateado observando a Terra da sua prancha, comovido com o drama dos humanos. É o melhor filme de todos os tempos, me sorri a moça da locadora. Já vi oito vezes. Você vai querer pipoca para acompanhar? Temos brownies também.

Se eu quero pipoca? Mãe, você quer pipoca antes de morrer?

34

Não demorei mais de trinta minutos, mas quando volto a entrar no quarto da minha mãe a noite já despencou sobre o hospital. E à noite todas as feras arreganham os dentes para fora de nós, e as escondemos com pijamas de flanela para que ninguém nos descubra. Hoje, porém, supostamente sou eu o monstro que ameaça a máquina do mundo. E o breu tem a função de acobertar o crime de ajudar minha mãe a morrer. Conto com o número menor de auxiliares de enfermagem, com o sono fingido nos outros dormitórios, com as luzes reduzidas nos corredores e o temor respeitoso que a escuridão impõe desde tempos atávicos – tempos que ainda respiram dentro de nós.

Agora que a vida da minha mãe chega ao fim, tudo ganha uma solenidade inédita. Descubro que minha mãe viveu seu derradeiro pôr do sol. E agora só haverá noite para ela. E apenas aquela noite. Se ela tiver sorte, vou conseguir matá-la antes do amanhecer. Matar para salvar, a lógica se subverte. Eu jamais imaginaria que tudo o que desejei pelo ódio seria, ao final, um ato de amor.

Consegui o filme, mãe. Não são uma maravilha essas alas hospitalares de luxo com tv a cabo e dvd? Ela não parece maravilhada. Tenho vontade de falar coisas idiotas, comezinhas. Estou desesperada por um toque de normalidade em meio ao horror da cena que protagonizamos, o segredo ardendo entre nós como uma daquelas velas de aniversário de criança que nunca apagam. Assopra, acende. Assopra, acende. Esmaga.

Meu coração bate tão forte que a pele do peito dói. E eu acredito ouvir as batidas do coração da minha mãe. Tum-tum, Tum-tum, Tum-tum. E sou eu que vou calar esse coração. A moça da locadora perguntou se eu queria levar pipoca, imagina. E eu rio um riso que não é meu. Minha mãe não ri. Ela parece nem estar aqui.

Coloco o filme no aparelho. Me atrapalho com os botões. Sou inepta com controles remotos, qualquer um. Minha mãe é quem sempre teve facilidade para entender engenhocas, mesmo as mais modernas. Cadê o play? Será que minha mãe gostaria de apertar a

tecla de voltar? Para que capítulo voltaria? Mãe, você quer ficar com o controle remoto?, pergunto. Minha mãe olha para mim, e sei o que está pensando. Não, Laura, fica com você. Eu só quero assistir ao filme.

Agora eu ouço a música. Mas ela ainda é mais fraca do que o som do meu coração. Quando eu devo começar a matá-la? Apenas um pequeno ato. Mas eu não tenho coragem. Eu não vou conseguir. É como apertar o gatilho. É a minha mãe. Sim, sua imbecil. É porque é a sua mãe que você vai ter de arranjar coragem e ajudá-la a morrer. Eu não vou conseguir. Você vai, você prometeu a ela. É a sua melhor chance. Se não der certo, você vai ter de asfixiá-la com o travesseiro, como nos filmes. Eu não vou conseguir fazer isso, abafá-la até que ela pare de respirar. É por isso que você precisa levantar dessa cadeira agora e caminhar até o soro como se fosse verificar o andamento. Então, você apenas faz o movimento.

Há duas vozes dentro de mim. Tenho de me partir para suportar. Levanto num repente. Mas é apenas ilusão. Só minhas pernas se moveram batendo na cama e fazendo um barulho de metal. Desculpa, mãe. Ela não responde. Me viro para enxergar seu rosto e encontro uma expressão infantil. Minha mãe está extasiada com o filme. O que aconteceu com ela? Ela sempre detestou esse filme, até porque eu adorava. Ora, o que está acontecendo, sua estúpida. Ela está morrendo. A morte muda a perspectiva das coisas. Ou pelo menos eu acho que muda. Não consigo tirar os olhos do rosto dela. Ela parece não perceber a minha presença. Ela nem está ali. Minha mãe pisa o tapete verde das montanhas dos arredores de Salzburgo. Ou finge pisar. Finge tanto que acredita.

Levanto, agora suavemente, me agacho para passar diante da televisão. Ela não parece perceber. Mexo um pouco no soro. Disfarço. Ela não está olhando para mim. Na tela Julie Andrews canta The sound of music. É minha parte preferida do filme. The hills are alive with the sound of music. With songs they have sung for a thousand years. The hills fill my heart with the sound of music. My heart wants to sing every song it hears.

Eu solto o mecanismo, e o soro agora corre rápido. Está feito. My heart wants to beat like the wings of the birds that rise from the lake

to the trees. My heart wants to sigh like a chime that flies from a church on a breeze. To laugh like a brook when it trips and falls over stones on its way. To sing through the night like a lark who is learning to pray.

Basta nenhuma auxiliar de enfermagem entrar agora e dará tudo certo. Me encosto na parede. Minha mãe não pode me ver. Um suor frio ensopa meus cabelos e escorre pelas minhas pernas. Estou me liquefazendo. Não, não estou. Estou inteira. Está feito. I go to the hills when my heart is lonely. I know I will hear what I've heard before. My heart will be blessed with the sound of music. And I'll sing once more.

Espio minha mãe enquanto volto a me sentar. Ela apenas pisca. Uma piscada mais forte. Minha mãe sabe. Obrigada, mãe, por não falar. Pego na sua mão. Quero me sentir próxima, mas não consigo. Minha mão está sobre a dela, mas a anos-luz de distância. Sinto o cheiro da mão dela. Sorrio. Ela conseguiu lavar as mãos com seu sabão antes de morrer. É bem coisa da minha mãe. Me sinto próxima agora. Veja o filme, Laura. Apenas assista ao filme. Sim, mãe. Uma batidinha leve, e a porta se abre. Seguro meu coração entre os dentes. É uma auxiliar de enfermagem. Ela não pode entrar, pelo amor de deus ela não pode entrar. Minha mãe olha para ela com um sorriso que nunca vi antes. Estamos assistindo à Noviça Rebelde. Será que você pode voltar uma outra hora? Eu amo este filme. Estou tão feliz!

Na porta, a moça hesita. É quase cômica de tão magra e parece mais velha por causa das olheiras enormes. Deve trabalhar em dois hospitais diferentes para ganhar um pouco mais, sai de um plantão para entrar em outro. Quero dizer alguma coisa, mas não consigo. Se tentar, sei que meu coração vai pular no chão e eu virarei o Homem de Lata. Ela abre um sorriso cansado. Claro, eu volto quando acabar o filme. Qualquer coisa, se precisarem de mim, é só apertar a campainha ao lado da cama. Certo, obrigada minha filha, diz minha mãe com seu novo sorriso de Dona Benta.

Estou em estado de choque. E só agora descubro que minha mãe poderia ganhar um Oscar. Olho para ela com o canto do olho, mas ela já parece abduzida pelo filme. Obrigada, mãe. Acho que preciso

dizer que a amo e sei que preciso me apressar, mas não sei como fazer isso. Pego na sua mão de novo. Ela olha para mim. Laura, eu sei. Agora, veja o filme. O pai Von Trapp volta para casa, ele ainda não sabe que vai se apaixonar pela governanta indisciplinada. Laura, eu estremeço com a voz da minha mãe. Você acha que, quando morreu, Churchill sabia que sua vida tinha valido a pena?

Do que ela está falando? Mãe, eu nem mesmo sabia que você sabia quem era Churchill. Eu só estava pensando, Laura. Mas é melhor continuarmos a ver o filme. O pai Von Trapp agora sabe que está apaixonado, mas luta contra os próprios sentimentos, e Maria precisa partir. Ouço um ruído baixinho. A respiração da minha mãe parece mais curta. Quero gritar. Mãe, espera, Maria vai voltar e tudo dará certo! Nenhum som, na cena real sou uma atriz de cinema mudo. Maria, não me deixe! São as crianças no filme. Ou sou eu? Pego a mão da minha mãe e olho fixamente para a tela, mas não vejo mais.

Quando volto a me habitar. Ou a perceber que me habito, os créditos finais rodam na tela. Eu tenho medo de olhar. Mas a mão embaixo da minha, a mão minha, já me abandonou em mim. Minha mãe parece dormir. Mentira. Ela parece morta. Os mortos parecem mortos. Não, mãe! Eu grito agora. Grito de verdade. Mas é tarde. Sempre foi tarde. Me agarro à campainha e colo o dedo no botão. É a auxiliar magrinha que me arranca de lá com imensa ternura.

Abraço meu corpo e choro embrulhada em mim como o tatu-bola da minha infância. Sou um quadro de solidão e desamparo no quarto de hospital. Uma mulher adulta em posição fetal quando a mulher que lhe deu à luz acaba de deixar este mundo. Partiu levando com ela seu útero.

A auxiliar de enfermagem verifica o soro. Não me importo mais. Nem temo. Estou além. Ela parecia tão bem, até conversou comigo pouco tempo atrás. A moça magrinha fala mais para si mesma. Ela agora sabe. Meu futuro depende daquela pequena mulher com olhos velhos de tanta morte. Eu não ligo. A auxiliar pega as minhas mãos iguais as de mais ninguém no mundo e diz. Foi melhor assim. Sua mãe não sofreu. Morreu dormindo num momento bonito. O coração simplesmente parou. Às vezes acontece com os pacientes. Quem decide a hora de morrer é deus. Não, não é deus, eu tenho vontade de dizer. Mas apenas concordo com a cabeça.

A moça magrinha decidiu, e eu a abraço com força. Obrigada. Ela finge não entender. Você não precisa me agradecer, nem tive tempo de cuidar da sua mãe. Ela quase não ficou aqui com a gente. Os médicos só virão amanhã para dar o atestado de óbito. Hoje o plantão está muito agitado, você sabe como é hospital, a emergência sempre lotada. Enquanto isso, vamos preparar a sua mãe. Você não tem ninguém para ajudar com a burocracia? Não, eu não tenho. Como eu consigo falar? Fico impressionada que estou falando e me movendo. Mas estou. Minha mãe vai ser cremada. Era o que ela queria. É o que preciso fazer. Nenhum rastro. Uma longa jornada noite adentro. Incinerada.

Quando a barra da manhã se levanta, e eu me surpreendo que o sol nasça num mundo sem minha mãe, a médica-de-penas-pretas aparece. Ela tem dúvidas, eu sei. Ela vai precisar de muitas penas a mais agora. Mas a moça magrinha é enfática ao contar como minha mãe estava feliz vendo o filme. E que bom que morreu dormindo, sem dor, não é, doutora? A médica não diz nada. Apenas assina o atestado de óbito. E me olha com seus olhos de pássaro engaiolado. Eu digo. Obrigada por tudo o que você fez por nós. E ela sabe que estou além do medo. Tenha uma boa vida, ela diz. Ter uma vida já me basta, quero dizer. Mas apenas agradeço com a cabeça.

Espero sozinha pelas cinzas da minha mãe. Mais tarde, daqui a alguns dias, vou ligar para a Alzira-do-centro-espírita. Ela poderá encontrar minha mãe quando se comunicar com o além. Quem sabe? Eu sei que minha mãe está nessas cinzas entre as minhas mãos. Mas também não está. Minha mãe está no corpo meu dela. Não. Meu. Meu corpo com lembranças dela. Pela primeira vez eu quero que minha mãe esteja em mim. Não como possessão, compreendo agora. Mas como memória.

O taxista quer falar, eu sei. Ele espia incomodado para a urna na minha mão. Finjo não perceber. Ele não aguenta. Não consigo achar certo esse negócio de cremação. E se a pessoa precisar do corpo para onde ela for?

Se precisar, ela vem buscar o meu.

Ela senta no banco do jardim do prédio. No seu colo tem a mãe em pó. Está surpresa como sempre fica com a mentira da luz. Escondida no sol, ela e seu inferno. Como o velhinho que esboça um leve aceno do outro banco. E as mulheres com os cachorros que cagam. E o porteiro que espia sem querer parecer espiar, a língua arrancada sem sangue. É mais um dia normal. E ela não é mais ou menos normal do que os outros todos. Sabe disso agora. É o segredo deles. Dela também, agora que consegue se camuflar na luz.

Segue a trilha de uma cicatriz fininha que desaparece no interior da manga da camisa. Ela conhece o mapa inteiro de cortes que faz do seu corpo seu. A geografia forjada pelo canivete dela. Tanto faz, percebe agora. A carne sem cortes também lhe pertence. E as cinzas da mãe no seu colo ainda contêm a carne da mãe? É isso, afinal, um corpo?

A cabeleira dela brilha ao sol. É sangue vivo que não escorre. Se a luz não fosse tão enganadora, ela poderia distinguir o fio lá no meio. Branco. Seu corpo sobreviveu ao da mãe, se impôs pelo tempo. Ela não sabe. Não ainda, não naquele momento. Mas seu corpo a trai por segundo. E com os dias, em vez de fogo, ela será neve. Sim, Laura, a voz da mãe parece sussurrar. Você já começou a morrer antes mesmo de falar. Você já morria, Laura, antes da palavra.

Nenhuma vida se completa. Isso ela agora sabe. Como a mãe, ela também vai esperar que algo se complete, mas a vida seguirá até o fim em aberto, inconclusa. A vida humana é a única que acaba sem um fim, porque é a única que o espera. Ela abre a tampa da urna e enfia sua mão direita lá dentro. Quer sentir a textura da mãe. Mas o corpo da mãe segue inatingível.

Precisa subir, mas não tem forças. Não ainda. Tem medo especialmente dos sapatos. Ela acredita que os sapatos são os piores. Quase indecentes no abandono e nas marcas. Passos, chutes, torções, tropeços, desvios na coluna. Está tudo ali.

Sapatos de mortos deveriam ser censurados pelo seu despudor. Não, ela não tem coragem de encarar os sapatos. Ela não tem coragem de enfrentar o mundo da mãe sem a mãe.

Levanta-se e deixa o prédio. Caminha sem pressa até a locadora. A moça sorridente e interativa está lá. Você gostou do filme? Não é o mais bonito que você já viu na sua vida? É, ela diz. É lindo.

Sabe agora que vai sobreviver. A vida só é possível na superfície. Boa semana, a moça ainda diz. Para você também.

37

Estou exaurida. Escrever ficção é como emprestar meu corpo para mim mesma.

Escrevi para poder matar a minha mãe. Essa possibilidade única que a literatura dá. E talvez para amá-la.

Esta faca não dói menos ao recortar meu corpo. E como escrevo no computador, não há sangue nem matéria. A insanidade deste corpo que não pode ser tocado me confunde. Descubro que escrevi sobre a impossibilidade da literatura. O fracasso previamente assumido ao tentar transformar vida em palavra. O que mais importa é o que não pode ser escrito, o que grita sem voz e sem corpo entre as linhas. O para sempre indizível. É melhor assim, que seja assim.

O homem do Harry Potter me pergunta:

— Este livro, que você escreveu, é como um filho?

— Sim e não. Um romance é sempre um filho. Mas é um filho do inferno. E é legião.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
para João
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36
37